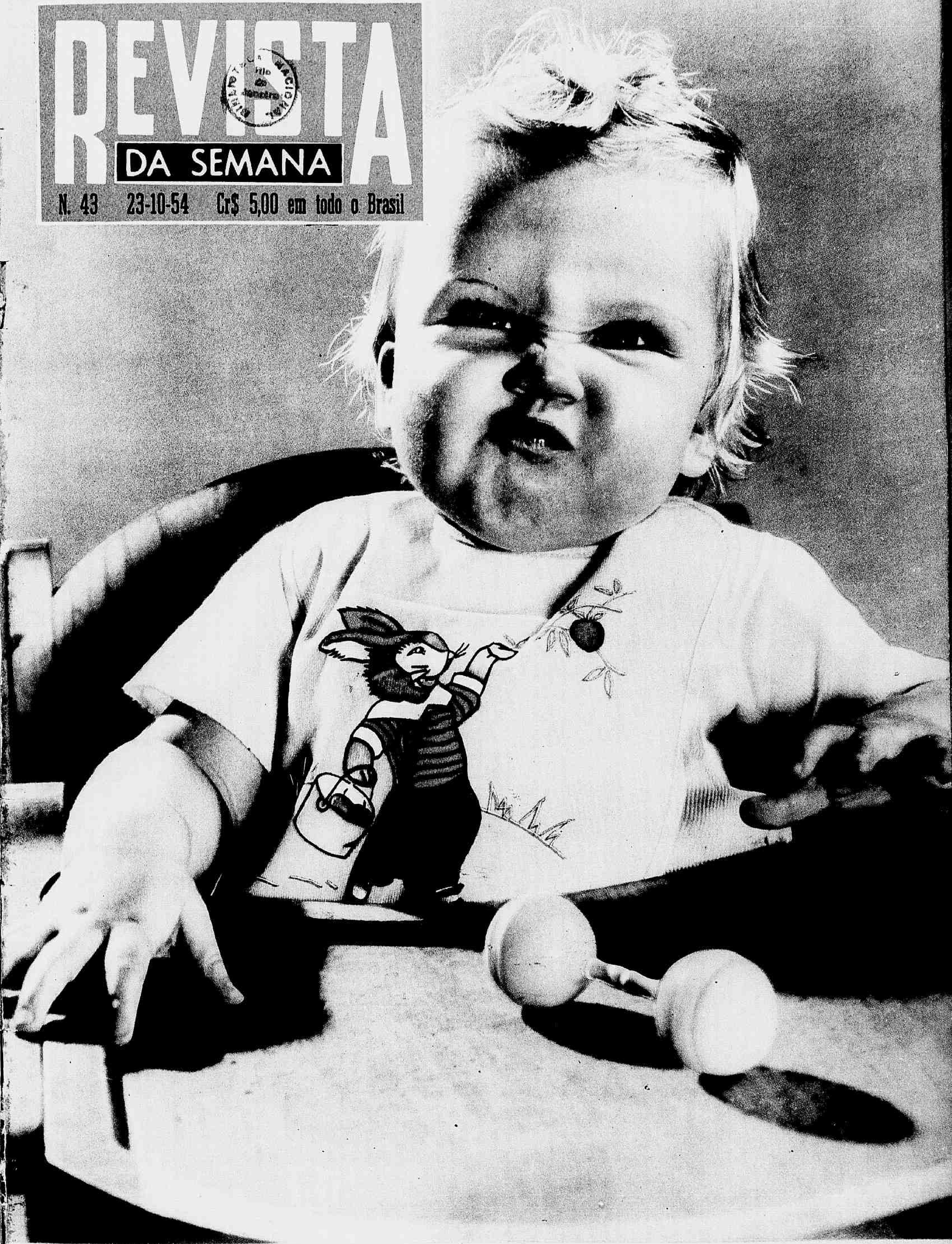
REVISTA
DA SEMANA
N. 43 23-10-54 Cr$ 5,00 em todo o Brasil



O DIVÓRCIO DE MARILYN: UM PÉ DE VENTO LEVOU JOE

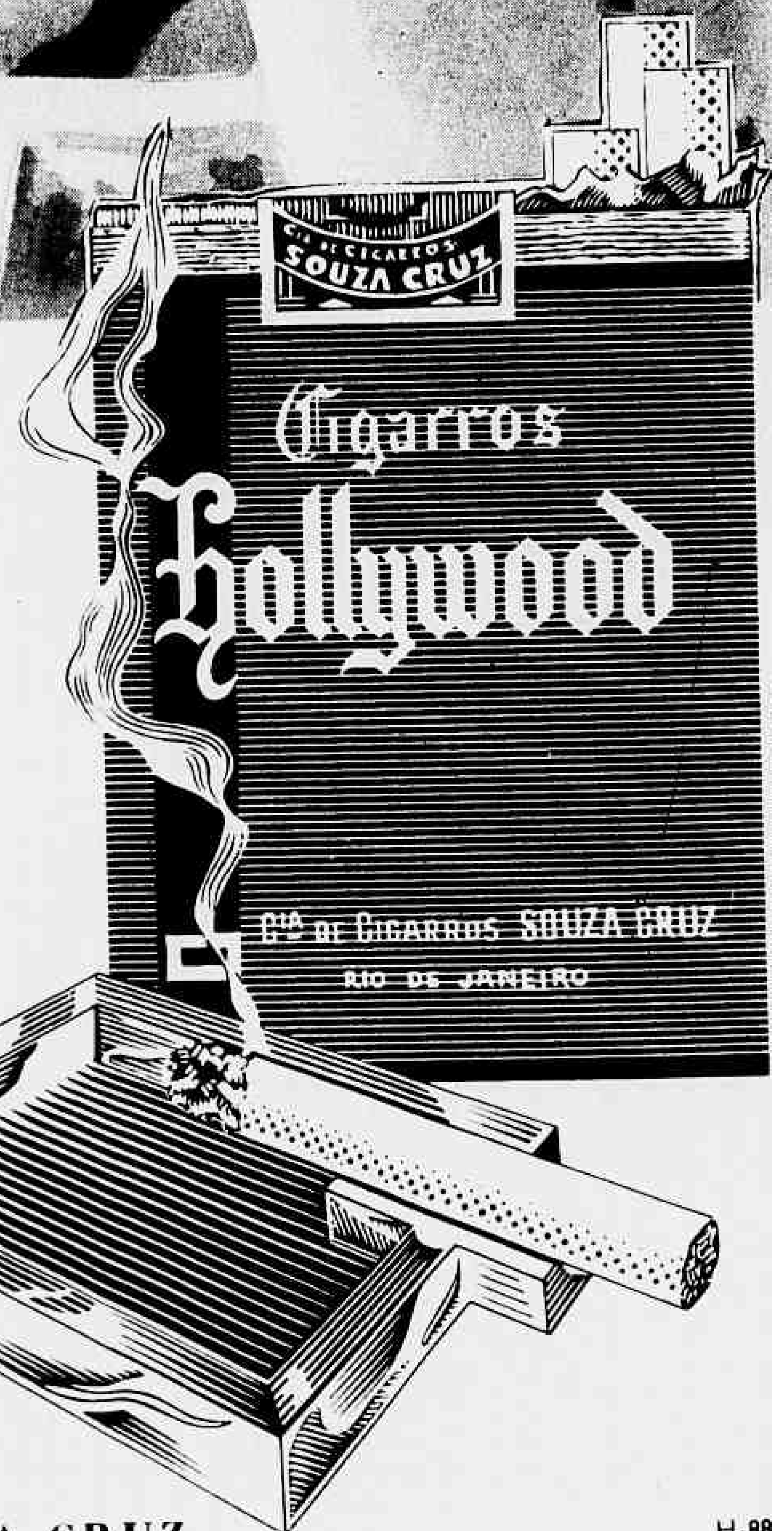



*– Tem razão...*
*estou gostando muito mais de Hollywood!...*

**Cada vez mais pessoas estão mudando para**

# hollywood

*uma tradição de bom gôsto*



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.287

Objetivo em vista: CATETE (1956)...

# QUINHENTOS MILHÕES DE CRUZEIROS

## Dispendidos na campanha eleitoral, em S. Paulo

**NO PÁREO ROXO "QUEM GASTOU MAIS?", VENCE ADEMAR POR CINQÜENTA MILHÕES — PRESTES MAIA, O "PRIMO POBRE" DAS VERBAS DE PROPAGANDA—NORDESTINOS INFLUEM NAS ELEIÇÕES PAULISTAS — JÂNIO COME (BANANAS) E EMAGRECE AINDA MAIS — ZERO A ZERO NA RETA FINAL DAS APURAÇÕES...**

### A BATALHA EM CIFRAS

Segundo notícias veiculadas por fontes que merecem crédito, cêrca de Cr$ 500.000.000,00 (quinhentos milhões) foram dispendidos na propaganda eleitoral, assim distribuídos:



ADEMAR
Cr$ 200.000.000,00
(duzentos milhões)



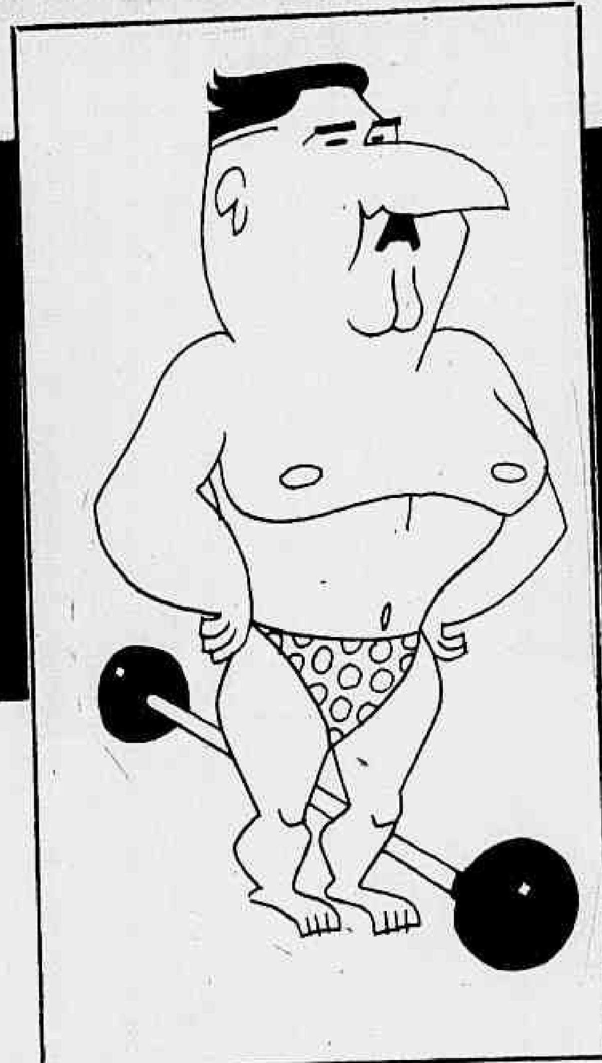
JANIO
Cr$ 150.000.000,00
(Cento e cinqüenta milhões)



MAIA
Cr$ 50.000.000,00
(Cinqüenta milhões)

287

FALAM OS CANDIDATOS — ADEMAR: «Agora não posso dizer nada. Vamos esperar o resultado das urnas. Se ganhar, minha palavra será uma. Se perder, veremos...» PRESTES MAIA: «O povo não me quis. Inclino-me diante da vontade das urnas». JÂNIO: «Já venci! Agora vou descansar». (Mas vai mesmo? E o Catete?).



**Reportagem de HÉLIO ABREU**



3 de outubro encontrou São Paulo disposto a votar. Assim, nada menos que 72% do eleitorado bandeirante compareceu às urnas na mais renhida batalha eleitoral de que se tem notícia na história do grande Estado. O duelo principal foi travado pelos dois chefes populistas, srs. Jânio Quadros e Ademar de Barros, que desde o início levaram sensível vantagem sôbre o sr. Prestes Maia, candidato situacionista. Jânio e Ademar disputaram as preferências populares em mangas de camisa e de colarinho aberto. Prestes Maia, solene e quase austero, carregou consigo durante tôda a campanha a impopularidade de uma UDN mal dirigida, como indiscutivelmente é a de São Paulo. Ainda assim expressiva foi a sua votação, parte da qual veio do apoio decidido do sr. Lucas Garcez ao ex-prefeito de São Paulo.

—//—

No momento em que escrevemos esta reportagem a contagem dos votos se processava pelo Tribunal Eleitoral e, tanto janistas como ademaristas comemoravam a vitória...

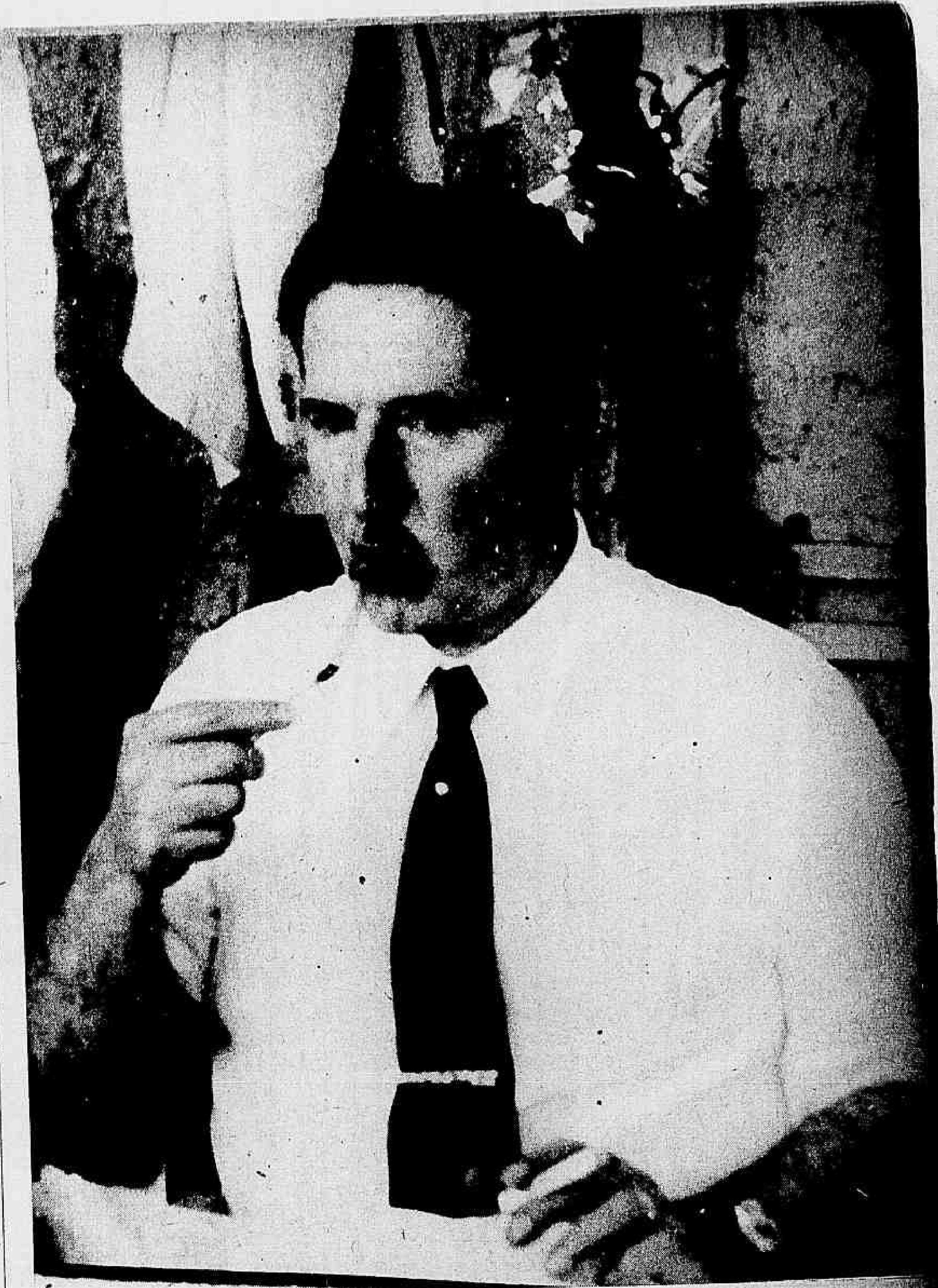
**GARCEZ, ASSISTINDO O DESENROLAR DOS ACONTECIMENTOS:**

**«— Cumprimentarei democràticamente o que fôr escolhido pelo povo, recomendando que se crie um ambiente favorável à administração construtiva.»**

## Ademar X Chevrolets

O sr. Ademar de Barros fêz em São Paulo a maior campanha eleitoral que se tem notícia no Brasil. Visitou 350 municípios. Discursou 1.107 vêzes e dispendeu 200 milhões de cruzeiros. Isto tudo sem contar as estações de rádio de sua propriedade espalhadas por todo o interior de São Paulo (2 na capital) e os muitos jornais por êle subvencionados. Acreditava piamente (e com êle muita gente) que o pleito de outubro seria mais uma "barbada". Enganou-se, porém, e no momento, quem sabe, perde o sono esperando os resultados finais do Tribunal Eleitoral. Venceu Jânio no interior do Estado por escassa maioria, mas perdeu grande na capital. Não conseguiu (nem conseguirá mais) eleger o vice de sua chapa, Erlino Salzano, mas já tem um senador eleito, Lino de Matos. Aliás, Lino irá substituir outro senador pessepista agora derrotado: Euclides Vieira. No auge da campanha o jornalista Paulo Duarte apresentou a denúncia dos Chevrolets e Ademar viu-se acusado do crime de peculato. Perdeu alguns votos e no momento já foi ouvido pela polícia, uma vez que a justiça o pronunciou.





COMENDO, BEBENDO, FUMANDO E FALANDO ÀS MASSAS, ADEMAR PROMETE CANDIDATAR-SE AO CATETE — VENCIDO OU VENCEDOR EM SÃO PAULO. (MAS O CASO DOS CHEVROLLETS ESTÁ NA BICA...).







## Candidato Jânio Quadros

● Talvez tenha sido o mais original entre os que disputam os Campos Elísios. De vassoura em punho percorreu 195 municípios paulistas prometendo moralidade e realizações. Levara na mão uma gaiola com um ratinho branco, no qual podia-se ler, em tinta preta, o nome do chefe do PSP. De contra-pêso Jânio transportava o companheiro de chapa Porfírio da Paz, um petebista desgarrado, mineiro de nascimento e beato que nem padre. Porfírio fêz derivar para Jânio milhares de votos católicos do interior do Estado. Se dúvida pode existir com relação à eleição de Jânio, Porfírio a esta altura já é o vice-governador de São Paulo, superando o sr. Erlino Salzano, do PSP, por mais de 30 mil votos.

**OS "PAUS-DE-ARARA" FICARAM COM JÂNIO** — Tôda habilidade politiqueira do sr. Jânio Quadros foi empregada na conquista dos votos da grande colônia nordestina de São Paulo (só na capital votam 125 mil) o que conseguiu graças a um trabalho inteligente e pertinaz. Desta forma nada menos que 200 mil "cabeças chatas" sufragaram seu nome.

**"YES, NÓS TEMOS BANANAS..."** — No aceso da campanha, em meio de um comício ou nas andanças pelas cidades, era comum Jânio Quadros realizar seu almôço à vista do eleitorado: um sanduíche e três bananas. De sobremesa, uma balinha de hortelã pimenta. Em Campinas, Araçatuba, Mogy, Sorocaba ou Ribeirão Prêto, em tôda parte Jânio comeu bananas, e entre tôdas a conhecida São Tomé sempre foi a preferida. Isto não é balela. É uma verdade constatada pelo repórter que teve oportunidade de assistir, por inúmeras vêzes, a "banquetes" na praça pública. Eis porque muitos dizem que esta não foi uma batalha eleitoral, e sim "macacal". Jânio gastou 150 milhões e perdeu 11 quilos.

**E O PIZA NÃO PISOU...**

Wladimir de Toledo Piza foi mesmo o cerra fileiras da turma. Apresentado pelo PTB foi, entretanto, traído pelo chamado grupo Barjas Filho - Ivete (titio) Vargas. Mereceu os sufrágios dos comunistas e chegou a vencer em alguns centros, porém sua votação deixou muito a desejar e não atingiu a casa dos 100 mil votos.

**O PLEITO (DE INSTANTE A INSTANTE)**

A primeira urna aberta em São Paulo foi a de Amparo (terra do sr. Prestes Maia). Nela Jânio obteve 97 votos contra 94 de Maia, 35 de Ademar e Piza 0. Na capital, o bairro de Vila Maria passou a dar 40% para Jânio, 23% para Ademar e 15% para Maia. Piza não conseguiu média regular de votos capaz de permitir uma estimativa até o momento em que escrevemos.

**SANTOS PREFERE ADEMAR**

Jânio vencia na capital e empatara no interior. Santos (50 mil eleitores) votava em Ademar e as pequenas cidades do litoral e o vale do Paraíba impediam mais acentuada fôsse a margem de sufrágios favoráveis ao prefeito de São Paulo. Marília, a mais jovem cidade bandeirante, estava indecisa. Se numa urna vencia Jânio, em outra Ademar ou Maia levavam a melhor. As pequenas cidades davam a vitória a Jânio, os redutos conservadores votavam em Prestes Maia e Ademar colhia em tôda a parte os frutos do grande trabalho de aliciamento levado a efeito pelo PSP. Quando a contagem (não oficial) dos votos alcançava o total dos 800 mil, assim marcava o cartaz fixado pela emissora do sr. Ademar de Barros: Jânio — 298.743; Ademar — 281.106; Maia — 233.011; e Piza — 24.992. Vantagem para o sr. Jânio Quadros por mais de 17 mil sufrágios.

**NA HORA DA CHEGADA, A CONFUSÃO...**

Quando todos julgavam certa a vitória do sr. Jânio Quadros (Jânio — 560.254; Ademar — 547.122; Maia — 434.177) eis que surgiram notícias de que o sr. Ademar de Barros havia, graças aos votos do interior, superado o sr. Jânio Quadros. Foi um "Deus nos acuda". Janistas e ademaristas saíram à rua e as apostas começaram. O jornal "O Estado de São Paulo", que instalou um serviço próprio de compilação dos votos, cidade por cidade, urna por urna, afirmava ser Jânio o vencedor com cêrca de 13 mil sufrágios sôbre o seu competidor. Já o matutino "O Dia", de propriedade do chefe populista, dizia estar Ademar à frente por mais de 2 mil votos. A manhã do dia 9 de outubro encontrou um São Paulo apreensivo. Santos, a cidade que tinha dado ao PSP mais 10 mil eleitores que a Jânio Quadros, tinha secado. São Vicente idem. Restavam ainda 230 mil votos a serem apurados, sendo que desta cifra 180 mil pertenciam à capital e a bairros onde o sr. Jânio Quadros "surrava" seus competidores numa proporção de 3 por 1.

**DOIS HOMENS E UMA CADEIRA**

No momento em que escrevemos esta reportagem, a situação em São Paulo é ainda bastante confusa. A Secretaria de Segurança redobrou o policiamento e medidas preventivas foram tomadas também no interior, pois circulavam boatos

## Prestes Maia, o terceiro



• O sr. Francisco Prestes Maia tem muito do seu xará Landi: chega sempre em terceiro lugar. Mas, faça-se justiça ao sr. Prestes Maia, uma vez que com êle ficaram os votos de qualidade, excelentes cédulas que nunca deram (no Brasil) maioria a ninguém. Foi apoiado pelo governador Lucas Garcez e de modo decidido. O governador deu tudo a Prestes Maia. Entregou postos de seu govêrno ao PSD e ao PR, mas não permitiu o assalto aos cofres do Estado. De Garcez pode-se dizer que entregou de mão beijada mais de 300 mil votos ao candidato coligado. Prestes Maia não chegou a percorrer centena e meia de municípios e descuidou demais da campanha na capital. Teve, ainda assim, maior número de sufrágios que seu colega Cunha Bueno, a grande decepção de 3 de outubro.

### CADA PARTIDO, CADA RESULTADO...

| | | |
|---|---|---|
| PSD e UDN | Jânio — 687.546 | Ademar — 678.976 |
| PSP | Jânio — 681.902 | Ademar — 687.023 |
| PTB | Jânio — 686.976 | Ademar — 683.177 |
| Rádio Bandeirantes | Jânio — 681.546 | Ademar — 687.023 |
| Rádio Record | Jânio — 677.436 | Ademar — 670.113 |

**( OFICIAL )**

**Já o Tribunal Eleitoral distribuiu à imprensa os primeiros resultados do interior, assim computados:**

**Jânio — 42.876; Ademar — 41.879; Maia — 40.632; Piza — 3.012**

•

**Em fins do corrente mês serão conhecidos os resultados gerais. Até lá o que resta ao eleitorado paulista são as cicatrizes da formidável pugna, e mais uma demonstração da elevada vitalidade democrática do povo de Piratininga.**

de que elementos do PSP pretendiam incendiar 179 urnas impugnadas pelos fiscais do mesmo partido, na capital, (mas não impugnadas) urnas que dão ao sr. Jânio Quadros uma superioridade de 4 mil votos, ainda não computados. Seja como fôr, a verdade é que tanto Ademar de Barros como Jânio Quadros, ambos disputam a cadeira dourada dos Campos Elísios, numa guerra que, segundo tudo indica, irá aos tribunais.

### ELEIÇÕES SUPLEMENTARES ?

Por outro lado colhemos do sr. Paulo Marzagão (ala do PTB pró Prestes Maia) que, caso a diferença entre Jânio e Ademar seja inferior a 15 mil votos, teremos forçosamente eleições suplementares em São Paulo, uma vez que existe um número muito superior de sufrágios anulados ou impugnados. Dêstes cêrca de mais da metade na capital.

### CONCLUSÕES QUE A LÓGICA ADMITE

Com os últimos resultados conhecidos, ficou testada a supremacia de Jânio Quadros sôbre todos os seus adversários, inclusive o maior, o mais perigoso — Ademar. Não foi mister divulgar-se a apuração final para que Jânio declarasse formalmente não ser candidato à Presidência da República, palavras recebidas em ambiente de muita dúvida:

— Exercerei o cargo de governador de São Paulo do princípio ao fim — disse o atual prefeito.

Mas as habituais "fontes bem informadas" admitem conclusões diferentes:

— Jânio não seria precipitado em anunciar, desde já, seus propósitos de alcançar o Catete. É cedo. Êle pode, entretanto, não se candidatar desta vez, preparando terreno e ambiente nacional para a outra "corrida". Mesmo porque Jânio não teria base eleitoral para levantar em seu favor a opinião pública em um ano. Será mais prudente viver mais quatro de atitudes rasgadas e "vassouradas" para, então, contar com a maioria necessária de ponta a ponta do país.

Não se deve esquecer, assim mesmo, o toque demagógico em bitola larga de que sabe lançar mão Jânio Quadros, toque com o qual, desde que assumiu a Prefeitura do seu Estado, soube êle impressionar as camadas mais populares. Sua carreira tem tido, neste meio-tempo, altos e baixos; no princípio do ano, muitos o consideravam homem liquidado, jogado ao mar, desmoralizado o seu segrêdo de conquistar as massas, e no entanto, as urnas vêm de comprovar o contrário em São Paulo.

★

Quanto a Ademar, até os últimos instantes da apuração, sustentou confiança na sua vitória, ainda quando ela era considerada inadmissível e superada, face ao resultado das urnas. O chefe populista negava-se a fazer declarações mais positivas, como já dissemos, embora fôsse publicada a sua resolução de candidatar-se ao Catete, qualquer que viesse a ser o seu destino na governança bandeirante. Enquanto Jânio contará ainda, para fazê-lo também, com a presença de um vice-governador do seu partido, uma vez desincompatibilizado, Ademar terá nesse caso de lutar sem recursos nem amparo oficial de qualquer natureza. No Rio, seus candidatos sentiram-se desamparados pela opinião pública, e nomes que se consideravam com possibilidades — Manoel Barcelos, por exemplo, homem de confiança de Ademar — ficaram de fora.

# O TARZAN DE MATO GROSSO



## Vanja Orico fornece a pista de um foragido. Vinte anos sem vêr a mulher. De branco da Europa a chefe dos índios Carajás — A mulher na Itália: é meu marido! — Cacique branco

● Já todos estão convictos na Itália — e com razão — que o estranho homem que se apresentou sob o nome de «Beniamino do Lago Maior» não é outro senão Alfredo Realini, cidadão italiano que no ano de 1932 abandonou a mulher, para penetrar no «hinterland» brasileiro, na trilha de Fawcett. Sua mulher, ao ver a cópia do filme na televisão, exclamou: «E' meu marido, que partiu no dia 7 de abril de 1932». E enquanto as demarches para o reconhecimento prosseguem, ela exclama: «Êle pode dizer que não, já me acostumei, mas que é êle, é êle». Alfredo Realino procurou Leonardo Salmieri, que rodava na Ilha do Bananal um filme com a «estrêla» Vanja Orico, dizendo-se um «chefe branco» dos índios Carajás. E' sua senhora quem nos informou: «A última carta que eu recebi dêle, data de 1937, e dizia êle que se achava no Rio Grande do Sul. Alfredo é um tipo inquieto, que imaginou ir nos traços do capitão Fawcett, que desapareceu em 1925. Mas como imaginá-lo nesta selva estranha de Mato Grosso? Para mim é um mistério». Mas eis que agora, passados tantos anos, Realini aparece como comparsa de um filme em que a «estrêla» é Vanja Orico. O escândalo percorre tôda a Europa. Que faz em Mato Grosso, êste branco transformado em cacique? A espôsa, Rosa, exclama enfurecida: «E' êle, Beniamino do Lago Maior é meu marido!» e enquanto isto, Vanja Orico, tomando banho de sol, comenta na Bavária a vinda de Ingrid Bergman. Quem estará com a razão? Provàvelmente a «star» brasileira lembra-se do fato — e já que seu testemunho é decisivo, que nos dirá ela?

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 — Nº 43 | RIO DE JANEIRO | 23-10-1954

## SUMÁRIO

REPORTAGENS
500 milhões de cruzeiros nas eleições de S. Paulo ..... 3/ 7
O Tarzan de Mato Grosso ..... 8
Um pé de vento levou Joe ..... 11/15
Edu com (e sem) gaita ..... 20/21
Jean Gabin escafandrista ..... 24/25
3 homens enfrentam o povo ..... 40/41
Eu fui amiga dos Vargas ..... 47/49
Dez dias que abalaram o Maracanã ..... 52/56

LITERATURA
A revolta do bonde ..... 9
O engraxate que tirou a sorte grande ..... 19
As testemunhas ..... 26/27
Maria ..... 32/33

SEÇÕES
Puxe pelo cérebro ..... 10
Flash paulista ..... 18
Show ..... 22
Modas ..... 28/29
Femininas ..... 34/35
Astrologia ..... 36
Música ..... 37
Por êsse mundo de Deus ..... 39
Literatura ..... 43
Política ..... 44/45
Palavras cruzadas ..... 45
A semana acabou assim ..... 57
Último flash ..... 58

HUMORISMO
Eleições ..... 30/31
O riso dos outros ..... 46
Cuco ..... 59

**CAPA**

**Foto Apla, homenagem à «Semana da Criança»**

Redator Chefe ..... **Celestino Silveira**
Paginação ..... **Victor Tapajós**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
**COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA**
Diretor ..... **Gratuliano Brito**
Desenho ..... **Alberto Lima**
Assistente de Publicidade ..... **J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores ..... **S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega**

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

| | |
|---|---|
| Porte simples — Um ano | Cr$ 250,00 |
| Seis meses | Cr$ 125,00 |
| Registrada — Um ano | Cr$ 280,00 |
| Seis meses | Cr$ 140,00 |

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

| | |
|---|---|
| Registrada — Um ano | Cr$ 400,00 |
| Seis meses | Cr$ 200,00 |

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

**Êste número tem 60 páginas.**

# A REVÔLTA DO BONDE

**PEDRO MULLER**

PELA milésima vez, compareci a uma festa. Esta era de casamento. Já sabia de antemão o que se iria falar, de quem se iria falar, qual seria, enfim, tôda a conversa. A conversa de sempre. Parei desanimado, toquei o botão do elevador que foi subindo devagarinho. Errei no número da porta o que me amolou um pouco mais. Devia estar com cara de quem vai para um entêrro. Chatice, êste negócio de festa. "Noblesse oblige". Bolas!

● Chegou uma fileira de gente e eu levantei-me, automàticamente, para os cumprimentos de praxe. "Muito prazer". "Muito prazer". "Muito prazer". Foi, então, que meus olhos encontraram os dela. Meigos, suaves, e, principalmente, inteligentes. Olhei novamente satisfeito para o rosto, onde estavam aquêles olhos que me fitaram apenas por um brevíssimo segundo. Gostei do rosto, da maneira de cruzar os braços, da maneira suave de ficar ouvindo e falando muito pouco. E, por trás de tudo isto, uma impressão de fôrça, de crença, de juventude.

● Aquela impressão tremenda, opressiva, de tédio foi sendo, gradativamente, substituída por um tédio mais manso, mais brando, tédio, sim, mas sem agressividade. E, aos poucos, fomos encontrando, mais nas entrelinhas do que mesmo na gravidade das palavras, uma coisa qualquer que nos unia, que nos irmanava. Era como se nossas mãos espirituais, num plano bem mais superior que o daquela sala, se encontrassem, se tocassem e tivessem nesse breve contacto uma sensação espiritual de prazer. Era como se mantivéssemos um diálogo duplo. Um, na terra, igual a todos os outros; outro, longe dali, em alguma praia bravia, com um conteúdo espiritual, longe das brigas e dos ódios estéreis. Num mundo onde as mãos podem se encontrar sem o desejo imediato da posse material. Como se fôssemos mais do que gente; fôssemos anjos. E ver com delícia, na imobilidade, os ponteiros loucos dos relógios na sua dança sem sentido.

● Principalmente, longe da vida que, no fim da tarde, no fim da festa, obriga-me a esticar-lhe a mão, friamente, e dizer: "Muito prazer". "Muito prazer", formal, frio, sem significação. Tudo em nome de um código terrível. Um código tolo do qual somos escravos. E o único protesto foi feito pelo bonde que a levou, moendo os trilhos com as rodas, numa demonstração simbólica de revolta.

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679



B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.




Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......
NOME..........................
RUA.................. Nº.....
CIDADE........................
ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00



LEIAM

A
CENA
MUDA

PREÇO: Cr$ 4,00



WINDSOR
HOTEL




RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endêrêço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO



suíço
e famoso no mundo inteiro
RADO
o relógio de confiança.
17 RUBIS
e fundo de aço inoxidável.


# Puxe pelo cérebro

## NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Quantas línguas ou dialetos existem na Europa:
— **Setenta e sete?**
— **Quatorze?**
— **Novecentas e trinta e sete?**

2—Segundo a lenda, como se chamou a única mulher que foi papisa:
— **Joana?**
— **Rosa?**
— **Teresa?**

3—De que lugar Artaxerxes foi rei?
— **Da Índia?**
— **Da Pérsia?**
— **Da Síria?**

4—Quem definiu o homem como «animal de dois pés sem penas»:
— **Aristóteles?**
— **Pascal?**
— **Platão?**

5—Como se chamou a mãe de Nero:
— **Agripina?**
— **Pompônia?**
— **Lucrécia?**

6—Quando se começou em Portugal a campanha contra a pena de morte:
— **Em 1600?**
— **Em 1800?**
— **Em 1821?**

7—Que compositor escreveu sua obra inspirada em motivos nacionais húngaros:
— **Beethoven?**
— **Bach?**
— **Liszt?**

8—Como se chamou o autor de «Legenda dos séculos»:
— **Victor Hugo?**
— **Guerra Junqueiro?**
— **Castro Alves?**

9—Em que ilha foi aprisionado Napoleão:
— **Saint Cyr?**
— **Santa Helena?**
— **Da Madeira?**

10—Onde se acha localizado o Escurial:
— **Na Espanha?**
— **Em Portugal?**
— **Na França?**

11—Qual era o cognome de Pedro I, o que amou Inês de Castro:
— **O Forte?**
— **O Pálido?**
— **O Cru?**

12—Quem escreveu as «Memórias do escrivão Isaías Caminha»:
— **Lima Barreto?**
— **Machado de Assis?**
— **Eça de Queiroz?**

13—Qual o maestro italiano que saudou o nosso Carlos Gomes:
— **Rossino?**
— **Puccini?**
— **Verdi?**

14—De que cidade era Carlos Gomes:
— **De Santos?**
— **De Olinda?**
— **De Campinas?**

15—De onde era o grupo musical conhecido como «Grupo dos Cinco»:
— **Da Alemanha?**
— **Da Itália?**
— **Da Rússia?**

**CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.**

RESPOSTAS: — 1 — Novecentas e trinta e sete; 2 — Joana; 3 — Pérsia; 4 — Platão; 5 — Agripina; 6 — 1821; 7 — Liszt; 8 — Victor Hugo; 9 — Santa Helena; 10 — Na Espanha; 11 — O Cru; 12 — Lima Barreto; 13 — Verdi; 14 — Campinas; 15 — Da Rússia.

BOOK 1074 PAGE 195

268 **CERTIFICATE OF REGISTRY OF MARRIAGE**

PERSONAL DATA LICENSE TO MARRY CERTIFICATION OF MARRIAGE

GROOM PERSONAL DATA

Name of groom: Jose[illegible] Paul Di Maggio — Age: 39

Residence: [illegible] Beach — San Francisco — S. F.

Color or race: [illegible] — Divorced — 1 — Birthplace: Calif.

Name of father of groom: Jose[illegible] Di [illegible]aggio — Italy — Maiden name of mother of groom: Rosalie [illegible]ercurio — Italy

BRIDE PERSONAL DATA

Name of bride: [illegible]orma Jeane Dougherty — Age: 25

Residence: 882 No. Doheney Dr. — Los Angeles — L. A.

Color or race: White — Divorced — 1 — Birthplace: Calif.

Name of father of bride: Edward [illegible]ortenson — Unknown — Maiden name of mother of bride: Gladys Monroe — Mexico

Maiden name of bride if previously married: Norma Jean Mortenson

LICENSE TO MARRY

County clerk: Martin Mongan

County of issue of license: San Francisco — Date: JAN 14 1954 — License number: 8595

CERTIFICATION OF PERSON PERFORMING CEREMONY AND WITNESS

I hereby certify that the above named bride and groom were joined by me in marriage in accordance with the laws of the State of California January 14 1954 at San Francisco California

LOCAL REGISTRAR: JAN 15 1954 — Thomas A. Toomey, San Francisco County

STATE OF CALIFORNIA — DEPARTMENT OF PUBLIC HEALTH

14 de janeiro de 1954 marcou uma nova fase na vida de Marilyn: seu casamento com o famoso «base-baller» Joe Di Maggio, agora desfeito.



**28 anos, 53 quilos, 1,66 de altura: as medidas do sucesso. Casou-se duas vêzes: da primeira, pediu divórcio, da segunda foi abandonada — De morena a loura, de loura a nua, no frontispício de um calendário — 1946: o ano mais vendido de todos os tempos**

# UM PÉ DE VENTO LEVOU JOE...

Reportagem de LUÍS SODRÉ





# O SEGUNDO CASAMENTO DE MARILYN



**Joe Di Maggio, que parecia ser «o homem que eu amo» da vida de Marilyn, não durou muito. Nem mesmo chegaram a completar um ano de**

O segundo capítulo da vida de Marilyn teve início a 14 de janeiro de 1954, quando se casou com Joe Di Maggio, ídolo do «base-ball». A notícia tomou vulto através do rádio, imprensa e televisão. Em seu contrato com o cinema, havia uma cláusula que exigia um aviso prévio, quando a «estrêla» mudasse de sobrenome. Efetivamente, 30 minutos antes da cerimônio, de São Francisco, ela telefonou a produtora para participar o seu casamento: «Estou aqui com Joe. Meu espôso». O enlace, que seria realizado em absoluto segrêdo, ràpidamente se espalhou e uma multidão de genthe parecia crescer ao seu redor. Foi, sem dúvida, o casamento mais comentado do ano. Marilyn e Joe pareciam formar o par mais feliz do mundo. De Tóquio, haviam chamado Joe para organizar um torneio de «base-ball», e Marilyn o acompanhou. De passagem, Marilyn cantou para as tropas americanas durante quatro dias, na Coréia. Sua Dopularidade fervia no auge: ela acabava de conquistar o mundo. Suas aparições provocavam tumulto e, não rora, no balanço final das festividades, sobravam sempre alguns feridos. Um dêles, que escapou milagrosamente, quando visitado por Marilyn, no Hospital, declarou: «Eu me sentiria muito feliz de morrer por você».

Marilyn e Joe conheceram-se em junho de 1952. Numa das festas às quais sempre comparecia sòzinha, Marilyn conheceu Joe. Era uma festa em homenagem à vitória de Joe Di Maggio, o mais popular jogador do Yankee Clippers, o melhor time de «base-ball» dos Estados Unidos. Joe foi levá-la em casa. Daí em diante, em qualquer lugar que ela fôsse, Joe lá estava, esperando-a para levá-la em casa. E um dia, então, levou-a à sua casa, definitivamente. O fato de não se terem casado logo,



**Johny Hyde, ex-empresário de Rita Hayworth, Lana Turner e Jane Russel, foi um grande protetor de Marilyn Monroe. Foi êle quem ensinou-a a andar, a mover-se, a falar, a caminhar, e, enfim, deu-lhe personalidade.**

# MONROE TAMBÉM FOI UM FRACASSO



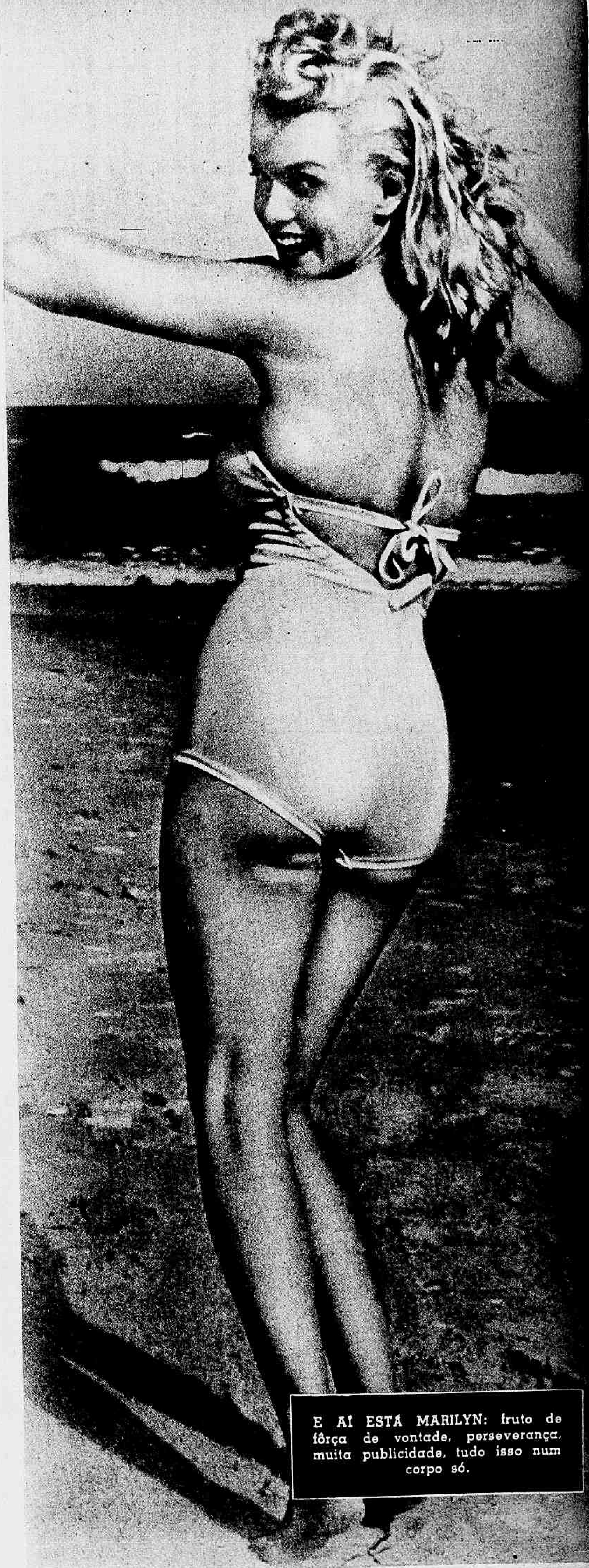
**casados. O ciúme de Joe, dizem, teria provocado a seperação. Êle não suportava mais aquela vida cercada de fotógrafos por todos os lados.**

foi devido a Joe ser casado, tendo um filho, embora não vivesse mais com a espôsa. Ao mesmo tempo, com o casamento, Marilyn temia perder tôda a popularidade obtida e tôda a admiração que lhe era devotada pelo grande público masculino. Mas em dezembro de 1953, quando foi passar o Natal na casa de Joe, ficou assentado que se casariam. Apesar de todo o seu tipo de «vamp» moderna, os pais de Joe encontraram nela uma menina de boa índole e uma mãe perfeita. E em janeiro mesmo se casaram. Marilyn teve oportunidade mesmo de dizer a um jornalista: «Do meu casamento com Joe, espero pelo menos seis filhos».

Nada disso aconteceu. Apesar de sua fidelidade absoluta ao marido, a sua popularidade e o seu fascínio cresceram demais aos olhos do mundo, ao ponto de Di Maggio sentir-se afastado da espôsa. Onde quer que fôssem, vinha atrás um imenso batalhão de fotógrafos. Em menos de um ano, Joe sentiu que, realmente, os homens preferem as louras, e que a Marilyn não era tão sua assim, pois passava a pertencer mais ao público do que a êle mesmo. E um dia, enquanto ela estava parada num Metrô de Nova York, o vento encanado levantou-lhe o vestido e o «flash» indiscreto do fotógrafo fixaram a cena. Di Maggio achou demais suportar aquela situação em que as pernas de sua espôsa eram o alvo de todo o mundo e resolveu pedir divórcio. Marilyn, hoje cheia de curvas, de dinheiro e de glória, resolveu aceitar, declarando, diante do juiz, que não aceitaria reconciliação. E Marilyn parece partir, ràpidamente, para o terceiro capítulo de sua vida. Enquanto Joe Di Maggio fica a bater dentro da quadra de «base-ball»...



**A primeira grande chance de Marily no cinema foi em «O segrêdo das jóias», de John Huston. Foi aí, realmente, que ela começou a ser notada, embora tivesse aparecido numa ponta. Hoje é uma grande bilheteria.**



**E AÍ ESTÁ MARILYN: fruto de fôrça de vontade, perseverança, muita publicidade, tudo isso num corpo só.**

NOTÁVEL

# O ANUÁRIO DO ESPORTE ILUSTRADO



1954

Cr$ 20,00

**ESTÁ A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE REVISTAS DO BRASIL**

Pedidos pelo Reembôlso Postal à redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio

# SANTA RITA ENTRA NA HISTÓRIA

TEDDY DE OLIVEIRA

● Volta e meia o cinema brasileiro envolve-se numa séria crise e quando assim acontece os grandes projetos esboroam-se de encontro à indiferença dos homens que poderiam prestar auxílio econômico e tudo volta a ser como antigamente, revivendo-se a era dos pioneiros. Após o êxito de «O Cangaceiro» alcançando Europa e América, fecha-se a Vera Cruz, a Atlântida dedica-se ao cinema doméstico e um enervante silêncio desce sôbre as coisas e os homens do cinema nacional. Eis que nos chegam as primeiras notícias sôbre um filme feito no interior paulista e uma curiosidade enorme toma conta do público, naturalmente desejoso de assistir o resultado dêsse esfôrço isolado. O público e nós também da crítica, de cujo apoio êles necessitavam e encontraram para apresentação oficial de sua obra modesta.

Santa Rita do Passa Quatro, no interior paulista, fêz cinema em «Da Terra Nasce o ódio» e acaba de trazer seu filme à Capital Federal, esclarecendo que não tem maiores pretensões a não ser a de contribuir com parcela mínima pelo engrandecimento do cinema brasileiro. Fomos ver o filme e trouxemos dêle uma impressão lisonjeira. Pelo menos Santa Rita entrou na história do cinema nacional com um esfôrço digno. Merece aplausos a iniciativa dêsses entusiastas do cinema brasileiro, tendo à frente o fazendeiro que «brincou de fazer filmes» (Jaime Noli), como disse em tom de blague o confrade Osvaldo Mariano, o mesmo que apresentou à platéia da A. B. I., o produtor e os principais artistas do elenco.

Desfilaram Maurício Morey (galã), Eda Pери (mocinha), M. P. Peinado Garcia (vilão) e Mara Mesquita (a mulher fatal). Lázaro Rodrigues teve a feliz idéia de reunir essa gente amável com a crítica numa tarde bem carioca. Conversamos bastante sôbre cinema nacional e ficamos admirados do idealismo que os anima. Todos êles esperam continuar fazendo filmes nos modestos estúdios de Santa Rita do Passa Quatro, com a grande e única esperança de tornar um dia vitorioso o nosso cinema brasileiro.



A pequena mexicana Rita Moreno será lançada muito breve como «estrêla» cem por cento «glamour» em vários filmes da Fox. A beleza morena e o corpo cheio de curvas perigosas abriram a porta da fama para Rita . . .



O flagrante foi tomado durante a apresentação do filme nacional «Da Terra Nasce o ódio», realizado em Santa Rita do Passa Quatro, interior de São Paulo. Maurício Morey, o galã e as « estrelinhas » Mara Mesquita e Eda Pery.



Gina Lollobrigida foi contratada por Howard Hughes para dois filmes em Hollywood. Mundialmente famosa, Gina começa a conquistar o pôsto de maior nome feminino do cinema nos dias atuais. Talento e sorte ajudam à Gina.

## F L A G R A N T E S

*UM CASALZINHO que continua brigando em público é aquêle que reúne John Payne e a "estrelinha" Gloria De Haven, que recentemente voltou aos filmes. Ambos disputam a custódia dos filhos e seus respectivos advogados ainda não conseguiram um entendimento para a solução do caso. Comentário malicioso de um dêles:*

*— Quando a coisa começa assim, acaba em reconciliação. . .*

*E'. O TEMPO passa mesmo! Alan Ladd, o eterno "mocinho" dos filmes da Paramount, muito breve será avô. Sua filha já foi pedida em casamento e tudo faz crer que ela será muito feliz no matrimônio, pois o rapaz escolhido é de boa família e quer mesmo possuir um lar e alguns filhos. De Alan para um amigo:*

*— Creio que estou ficando velho. Vou ser avô. . .*

## FALA-SE EM HOLLYWOOD . . .

● A loura atriz Marilyn Maxell começou a escrever canções para seus próprios filmes. Segundo os que já ouviram as composições de Marilyn, ela dá para a coisa . . .

● Embora Dick Powell tenha mostrado seu aborrecimento assim que June Allyson lhe falou do assunto, ela acabou aceitando o papel de mulher volúvel em «The Shrike». José Ferrer é o «astro» dêsse filme que talvez crie um problema sentimental na família dos Powell . . .

● Vivien Leigh ficou radiante por haver sido escolhida para interpretar no cinema seu sucesso no palco: «Guys and Dolls». O autor do convite foi o produtor Samuel Goldwyn, grande admirador da arte e talento da famosa espôsa de Laurence Olivier.

● A mãe de Pier Angeli está contentíssima com o novo romance da filha. Pier aceitou a companhia e o amor do jovem James Dean. A senhora Angeli detestava saber que Pier continuava amando Kirk Douglas. Ela tem horror ao querido «astro» . . .

● Lana Turner e John Wayne serão reunidos no elenco de «The Prodigal». Enquanto o filme não começa, John descança em Honolulu em companhia de sua querida Pilar Palette. Ela é o seu amor atual e está ajudando John a esquecer seu infeliz casamento com «Chata» . . .

## CINEMA BRASILEIRO

● Eurides Ramos dá os últimos retoques na nova comédia produzida por Alípio Ramos: «O Mata Mosquito». O diretor acredita que Ankito, personagem central da história, revelar-se-á ainda mais como cômico. Está interessante a concorrência de Ankito com Oscarito. E isso acontece até nos espetáculos da TV carioca . . .

● José Lewgoy aceitou participar do elenco da companhia teatral que Iracema Vitória está organizando para janeiro próximo. Há muito tempo que o «homem mau» dos filmes da Atlântida desejava um bom papel no teatro, que aliás é um de seus fracos . . .

● Comenta-se que está sendo preparada uma nova «Semana do Cinema Brasileiro» a ter lugar no Paraná, com apoio do governador Munhoz da Rocha. Alguns artistas já foram convidados, mas a lista continua em segrêdo . . .

● O argumento de «Leonora dos Sete Mares», o segundo filme interpretado por Arturo de Cordova segundo seu acôrdo com o produtor brasileiro Roberto Acácio, foi escrito por Pedro Bloch, vitorioso autor teatral.

● Até agora não foi marcada a data do início das filmagens de «60.000 olhos», argumento de Walter George Durst, a ser realizado nos estúdios cariocas.

## CORREIO DA EUROPA

● A Metro realizou recentemente um concurso na Inglaterra para escolher a «Esther Williams inglêsa» e saiu vencedora a linda garôta Marilyn Davies, que tem grande paixão pelos esportes aquáticos. Marilyn embarcará muito breve para Hollywood onde iniciará sua carreira cinematográfica no gênero que tornou famosa a verdadeira Esther Williams.

● A co-produção de filmes na Europa é uma realidade. Produtores japonêses e italianos fizeram um acôrdo para a realização de um musical baseado na ópera de Puccini, «Madame Butterfly» e o diretor escolhido foi Carmine Gallone. O elenco deverá ser formado por artistas italianos e japonêses, o que dará ao filme maior autenticidade.

● Na Espanha foi realizado um filme, «Señor Arkadin», em cujo elenco figuram artistas de várias nacionalidades. Orson Welles (americano), Michael Readgrave (inglês) e Mischa Auer (russo) foram os escolhidos para os papéis principais da cosmopolita película que não logrou alcançar boa classificação no último Festival de Veneza . . .

Ouça as melhores cantoras do Brasil exclusivas da

RÁDIO RECORD

• ARACI DE ALMEIDA
• CARMÉLIA ALVES
• ELIZETTE CARDOSO
• ELSA LARANJEIRA
• ESTER DE SOUSA
• INEZITA BARROSO
• ISAURA GARCIA
• NEIDE FRAGA

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas 19 — 25 — 31 e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

# Flash Paulista

Hélio Abreu



Lucas Garcez

● A DERROTA DE PRESTES MAIA é explicada de vários modos. Para os amigos do candidato derrotado o que faltou foi entusiasmo e organização. Já os adversários da candidatura coligada responsabilizam a impopularidade da UDN como o principal fator do revés sofrido. Seja como fôr, num ponto todos estão de acôrdo: 60% dos votos de Prestes Maia foram conquistados pelo governador Garcez. A verdade é que Maia foi batido, tanto na capital como no interior, por fôrças muito superiores àquelas que o apoiaram. Se o governador Lucas Nogueira Garcez emprestou todo o seu prestígio pessoal à candidatura coligada, nada fêz no sentido de colocar a burra do Estado à disposição das despesas eleitorais. Eis o lado belo da campanha paulista. Um governador partidário, dispondo da máquina governamental e tendo em mãos os conhecidos meios de «apertar o pau», nada fêz que pudesse empanar o brilho das eleições de outubro. Garcez pode ser acusado de prestigiar Prestes Maia (como era do seu direito) porém nunca de ter sido imparcial na presidência do pleito.

● A verdade é que não se conhece um único caso de violência ocorrido antes, durante ou após a pugna. Mesmo os recursos dispendidos com a campanha de Prestes Maia foram por demais modestos. Não havia dinheiro nem para faixas e cartazes, e os propalados milhões do sr. Roxo Loureiro, se existem, estão ainda no seu cofre. Já o mesmo não aconteceu com o próprio candidato Piza (PTB e comunistas) que teve a seu favor caixinhas populares que renderam bom dinheiro. Quanto aos senhores Ademar de Barros e Jânio Quadros, êstes não só contaram com o apoio decidido de formidáveis grupos econômicos como também tiveram a seu favor o «handcap» de uma popularidade indiscutível. Entretanto, 3 de outubro serviu para demonstrar que em São Paulo as coisas vão para melhor, uma vez que as centenas de milhares de votos dados a Prestes Maia e a seu companheiro de chapa Cunha Bueno aí estão, na mais firme demonstração de que nem tudo está perdido e que o Brasil pode e deve confiar no povo de Piratininga.




# O ENGRAXATE QUE GANHOU NO BICHO

ROGACIANO LEITE

Desenho de MARIA TEREZA

● Boi-Manso era engraxate porque não sabia fazer outra coisa senão limpar o que êle jamais possuíra: sapatos. Mas odiava aquela profissão. Só a exercia com mêdo de que se fechassem para sempre cinco bôcas que na sua casa às vêzes mastigavam alguma coisa. Todos os dias reservava uma importância para fazer a sua «fèzinha». E dizia constantemente aos colegas:

«Eu ainda acertarei num milhar. Só assim deixarei de lustrar pé de homem, que isso não é profissão de gente.»

Uma noite Boi-Manso sonhou que um sujeito chegava e lhe dizia: «Chegou a tua vez, Boi-Manso. Teu irmão bravio vai sair do curral 17.81.»

Boi-Manso acordou feito doido. Pulou da rêde, contou uns níqueis, quebrou um milhaeiro (de barro) da mulher, juntou tudo e gramou para a cidade. Na primeira Banca descarregou tudo naquele milhar.

Nesse dia Boi-Manso engraxava dez sapatos em cinco minutos. Nunca os seus colegas o viram trabalhar tão ligeiro. Duas horas antes de encerrar-se o jôgo, queimou todo o seu lucro no milhar e na centena do sonho. E ficou na calçada, pra lá e pra cá, falando sòzinho e esfregando as mãos como quem tinha sarna.

À hora do resultado a banca estava cheia de gente. Boi-Manso era o da frente, pálido, nervoso, ôlho na «pule», ôlho no «placard». O «bicheiro» começou a colocar os números: 1... 7... 8... 1. Boi-Manso arregalou os olhos para a tabuleta e deu um berro alucinante: «Ganhei!...»

Quase doido varrido, recebeu 70 mil cruzeiros, meteu-os no bôlso e disparou em direção do ponto onde engraxava. Deu logo a caixa de presente a um menino praticante e mostrou a todos os colegas o bôlo de notas que acabara de ganhar. Suspirou orgulhoso e desabafou:

«Eu não dizia que ainda deixaria de lustrar pé de homem?... Vou fazer a maior surprêsa do mundo à minha mulher. Vou chegar em casa como um príncipe...»

Dirigiu-se a uma loja de roupas feitas e comprou tudo quanto um homem precisa para vestir-se bem. Agarrou os embrulhos, tomou um táxi e mandou o chofer parar no quintal de sua palhoça. Entrou silenciosamente no banheiro de palha, tomou um banho de cuia, deixou que o vento lhe enxugasse o corpo e renovou os trajes dos pés à cabeça. Sua mulher quase desmaiou quando o viu:

— Que é isso, Manuel? Quem te deu essa roupa?!...

— Eu não te dizia, mulher, que um dia macaco seria gente? Eu ganhei foi setenta mil cruzeiros no touro.

A mulher pendurou-se ao pescoço de Boi-Manso e lhe deu o que não lhe dava há dez anos: um beijo.

Todo enfronhado, ainda sem saber bem o que faria com aquêle dinheiro, o ex-engraxate começou a passear pelo quintal desfrutando a renovação de carinhos da espôsa. Em certo momento sentenciou:

«Então, meu bem, a vida agora vai ser muito diferente, não é isso? Compra-se uma casa por quarenta mil cruzeiros, bota-se uma boa quitanda e daqui a dois anos ninguém mais me chamará de «Boi-Manso». É «seu» Manuel Guilhermino pra todos os efeitos.

Naquela euforia o felizardo deu com os olhos na roupa velha que atirara a um canto e teve raiva do seu passado humilde. Derramou querosene sôbre a molambeira, atirou um fósforo aceso e viu a labareda subir. Quando tudo se transformou em cinza, Boi-Manso deu um berro e caiu sem sentido. O dinheiro tinha ficado no bôlso da sua velha calça de engraxate.



# EDU
## COM (E SEM) GAITA

Do Metropolitan Opera House à Fortaleza D'If, de Stravinsky ao Abade Faria, do "Moto Perpétuo" ao Disco Voador, da Bomba de Hidrogênio à Paz Mundial — nada menos de 41 respostas inteligentes.

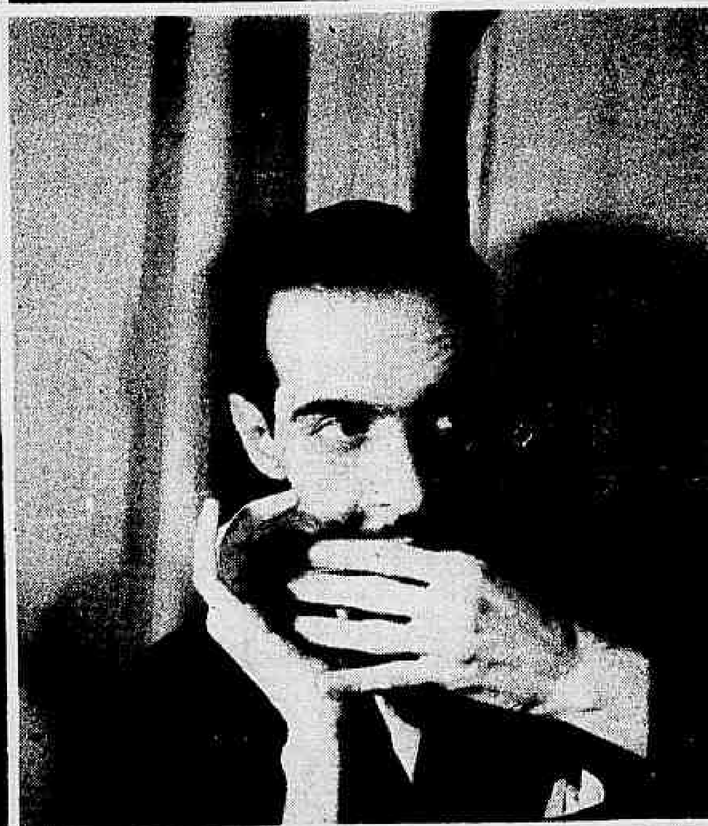
Texto de LEON ELIACHAR — Fotos de IVO ARNOUL

Ping — Se de uma hora para outra v. perdesse a faculdade de soprar, que profissão seguiria?
**Pong — Vendedor de aspiradores.**
Ping — Com quantas gaitas se faz uma canoa?
**Pong — Com quatro.**
Ping — Já fêz parte de algum triângulo amoroso?
**Pong — Que eu saiba, não.**
Ping — Qual a base do êxito?
**Pong — O financeiro ou artístico?**
Ping — Os dois.
**Pong — O êxito financeiro depende do público e o artístico do artista.**
Ping — Cite uma figura importante.
**Pong — O Abade Faria.**
Ping — Qual o seu número de mais difícil execução?
**Pong — O «Moto Perpétuo», de Paganini.**
Ping — Quanto tempo levou para estudá-lo?
**Pong — Nove anos e o resto da vida.**
Ping — É mais fácil fazer amigos ou inimigos?
**Pong — Tocando, inimigos; sem tocar, amigos.**
Ping — Que lhe rende mais: o disco, a buate ou o cinema?
**Pong — A buate.**
Ping — Por que não vai pra fora?
**Pong — Porque não posso levar o Brasil comigo.**
Ping — Qual a categoria da gaita, no Brasil?
**Pong — No Brasil, não tem. No Banco do Brasil é a 5ª.**
Ping — Acredita em Disco Voador?
**Pong — Depende do solista que tiver gravado nêle.**
Ping — Sente-se à vontade no palco?
**Pong — Sinto que estou sempre estreando.**
Ping — Tem mêdo de alguma coisa?
**Pong — De elevador.**
Ping — Se tivesse que ficar bêbedo que momento escolheria?
**Pong — Cinco minutos antes de uma estréia.**
Ping — Por que não se candidatou a vereador?
**Pong — Para ficar diferente.**
Ping — Qual a luz que mais lhe agrada?
**Pong — A do refletor.**
Ping — Que acha da Bomba de Hidrogênio?
**Pong — Muito «vedette».**
Ping — As linhas paralelas se encontram?
**Pong — Musicalmente.**
Ping — Que é que v. mais gosta de ouvir?
**Pong — «Está aqui o seu cheque».**
Ping — Qual a hora que mais lhe agrada?
**Pong — A de dormir.**
Ping — E a que menos?
**Pong — A do Brasil.**
Ping — Quem gostaria de conhecer pessoalmente?
**Pong — Stravinsky.**
Ping — Que conversaria com êle?
**Pong — Por que de 1913 para cá ao invés de evoluir fêz um estágio.**
Ping — Que é essencial na música?
**Pong — A criação.**
Ping — Qual o maior invento do homem.
**Pong — O homem.**
Ping — Acredita na Paz Mundial?
**Pong — Depois de cada guerra.**
Ping — Toca algum instrumento?
**Pong — Não. Sopro.**
Ping — Que foi que mais o impressionou na infância?
**Pong — A velhice nos outros.**
Ping — Pode-se viver de música no Brasil?
**Pong — E morrer também.**
Ping — E de gaita?
**Pong — Menos do que lá fora.**
Ping — Qual o melhor gaitista do mundo?
**Pong — Rockfeller.**
Ping — Qualquer pessoa pode tocar êsse instrumento?
**Pong — Não me consta que haja qualquer proibição legal.**
Ping — Você acha que o artista brasileiro é desvalorizado?
**Pong — É valorizado até demais.**
Ping — Com quanto v. acha que pode «viver bem»?
**Pong — Com 1 cruzeiro por nota emitida pela minha gaita.**
Ping — Você é pago à altura do seu talento?
**Pong — Não. Sou pago apenas à altura do talento do público.**
Ping — Se v. estivesse no Metropolitan Opera House para dar um concêrto e verificasse, bem na hora, que esquecera a gaita em casa, que faria?
**Pong — Faria uma conferência sôbre o esquecimento.**
Ping — Qual o lugar do mundo onde gostaria de tocar?
**Pong — Na Fortaleza D'If.**
Ping — Qual o repertório ideal?
**Pong — O espanhol.**
Ping — Você não acredita no repertório nacional?
**Pong — No Brasil, só em disco.**














# QUEM NUNCA COMEU MELADO...

PAULO SOLEDADE

● Bom era há alguns meses atrás. Quando também estava funcionando o Monte Carlo. Havia jôgo de futebol contra o Casablanca. Os garções se esforçavam, cada qual para conseguir que o lugar onde trabalhavam fôsse o melhor em tudo. Havia se construído um espírito de competição entre as duas buates que só poderia redundar em benefício para os fregueses e proprietários. As «girls» e artistas dos dois elencos compareciam ao campo para estimular as duas equipes. Havia madrinhas lindas, que madrugavam (duas da tarde) para assistir ao importante «match», cujos comentários tomavam a semana anterior tôda. Todo mundo era amigo debaixo daquela falsa rivalidade. E muitas taças foram para o Casablanca enfeitar o bar do Michel e outras para o Monte Carlo, que tirava fotografias e pedia para serem publicadas ao jornal. Bom era aquêle tempo. Hoje tudo mudou. A custa dêsse carinho edificado cuidadosamente e de outros detalhes, cuja menção não considero oportuna, entrou para a caixa do Casablanca grande importância em dinheiro vivo. O Monte Carlo foi obrigado a fechar as portas e acabou a união que havia entre as duas equipes. Acabou também a amizade entre o patrão e os empregados. Passou a existir o negócio. Sem gratidão ou humanidade. Quem gostou, gostou, quem não, pode ir embora. A voz do dono se levanta sempre como uma ameaça, e a falta de consideração impera. Adivinha-se o «slogan»: Quem não trabalhar pra mim vai trabalhar pra quem? Multas na tabela, diàriamente, exorbitantes, fora da lei. Sessenta por cento para Lídio da Riva, que se recusa a entrar em cena. Ameaça para Bambi. A censura nunca teve tanto trabalho. Helga Loreida foi embora. Estreou com grande sucesso. Boa bailarina de formação clássica, acostumada a não ganhar muito, mas a receber em tôda parte enorme consideração por parte dos patrões. Judy e Janos Parker também foram, antes de terminar seu contrato, para falar mal da gente lá fora, como se todos fôssemos iguais ao seu empavonado patrão. Mais seis bailarinas foram despedidas de uma hora para outra, isso por que as casas têm estado vazias, e por culpa única e exclusiva de seu diretor, que não quis prever o primeiro de uma série de fracassos que já se anuncia depois de sua malfadada temporada no Jardel. Fracassos provenientes de sua falta de habilidade com o material humano que quer contribuir com o melhor de seu trabalho, exigindo em troca apenas um pouco de lealdade e consideração. Os tempos mudaram. O homem está de «Cadillac» com chofer fardado. Já não se mistura com os artistas, não sente suas preocupações, não percebe suas possibilidades, não aceita suas ponderações. Bom era aquêle tempo. Mas, no teatro, a última impressão é a que fica. De que servirão os espetáculos feitos quando havia maior comunicação com os artistas? De que servirá a publicidade paga, evocando os êxitos obtidos numa época em que tudo era tão diferente? Quando cada um procurava dar o máximo de si, contra quaisquer obstáculos porque havia carinho, espírito de luta e de sacrifício, que são a coluna mestra do sucesso no palco? Positivamente, a carreira artística não pode ser considerada como outra qualquer modalidade de atividade humana. Ela tem outra formação, outra sensibilidade, e se assim não fôra, não teriam dedicado sua existência à mais ingrata das profissões, cuja compensação está exclusivamente no aplauso franco do público, que, aliás, vem faltando naqueles espetáculos, e a consideração de quem lhes oferece uma oportunidade de mostrarem do quanto são capazes.

Uma estréia auspiciosa na crônica da vida noturna carioca foi a de Antônio Maria, agora escrevendo sôbre «shows» e bares desta cidade. No «O Globo», o cronista, produtor de rádio e compositor mais disputado desta nova geração, vem reforçar o grupo de colaboradres da imprensa, e pelo seu grande conhecimento do assunto, espírito de justiça, maneira personalíssima de se exprimir, constituirá, certamente, uma grande atração para o público leitor dos acontecimentos da madrugada.

## DIVERSAS



**ELZA LARANJEIRA — Cantora paulista das melhores, tem trabalhado em diversas buates, mas não quer continuar como «crooner». Espera melhor oportunidade.**

No Clube da Chave foi inaugurada a «noite dos compositores», que tem por objetivo movimentar as quintas-feiras daquela simpática casa de diversões. Trata-se de um grupo de artistas que por não haverem encontrado um lugar onde pudessem reunir-se para discutir os problemas que dizem respeito às suas atividades, elegeram a antiga buate do Cassino Atlântico para ponto de contacto. Assim aquêle Clube vem procurando atender às suas finalidades, promovendo reuniões com artistas novos, artistas de fora, e prestando homenagens aos vultos do nosso meio músico-teatral-cinematográfico. Constará a noite dos compositores de divulgações sôbre as últimas músicas, identificação entre compositor e público. Discussão de problemas da música popular, circunstâncias em que foram realizados os maiores sucessos musicais e muitos outros aspectos do interêsse geral. Da noite de inauguração fizeram parte Ataulfo Alves e Mário Lago, que apresentaram uma primeira audição. João de Barro, que se propôs a responder perguntas formuladas pelo público presente. Antônio Maria, que apresentou parte do programa. Vadico apresentou-se ao piano com «Feitiço da Vila», de parceria com Noel Rosa, e outras composições; Billie Blanco se acompanhando ao violão. Erasmo Silva, Aloísio de Oliveira (Bando da Lua) e um grupo enorme de músicos artistas e pessoas que, lotando as dependências do Clube da Chave, veio demonstrar a grande curiosidade que existe em tôrno das coisas da música popular brasileira.

★

No Clube da Ferradura, que funciona só às segundas-feiras, houve um vatapá e um convite à crônica especializada. Com Brício de Abreu e Comendador Ventura, Leon Eliachar e muitos outros da imprensa passamos uma noite agradabilíssima, cercados de gentilezas por parte dos diretores. O Clube funciona nas folgas do Le Gurmet, na galeria Alasca, e é mais um ponto de reunião dos artistas que tomam parte nos espetáculos musicados desta cidade. Diana Morel é a diretora social.



**HELGA LOREIDA E LÍDIO DA RIVA — Deixou o Casablanca com má impressão, a bailarina clássica que o Municipal cedeu para o «music-hall». Fêz grande sucesso não só por sua técnica como por sua extraordinária beleza física e distinção. Saiu triste e não pensa mais trabalhar em buates. Lídio da Riva também se recusou a trabalhar uma noite destas, depois de uma multa arbitrária de 60 por cento, aliás contra a lei.**



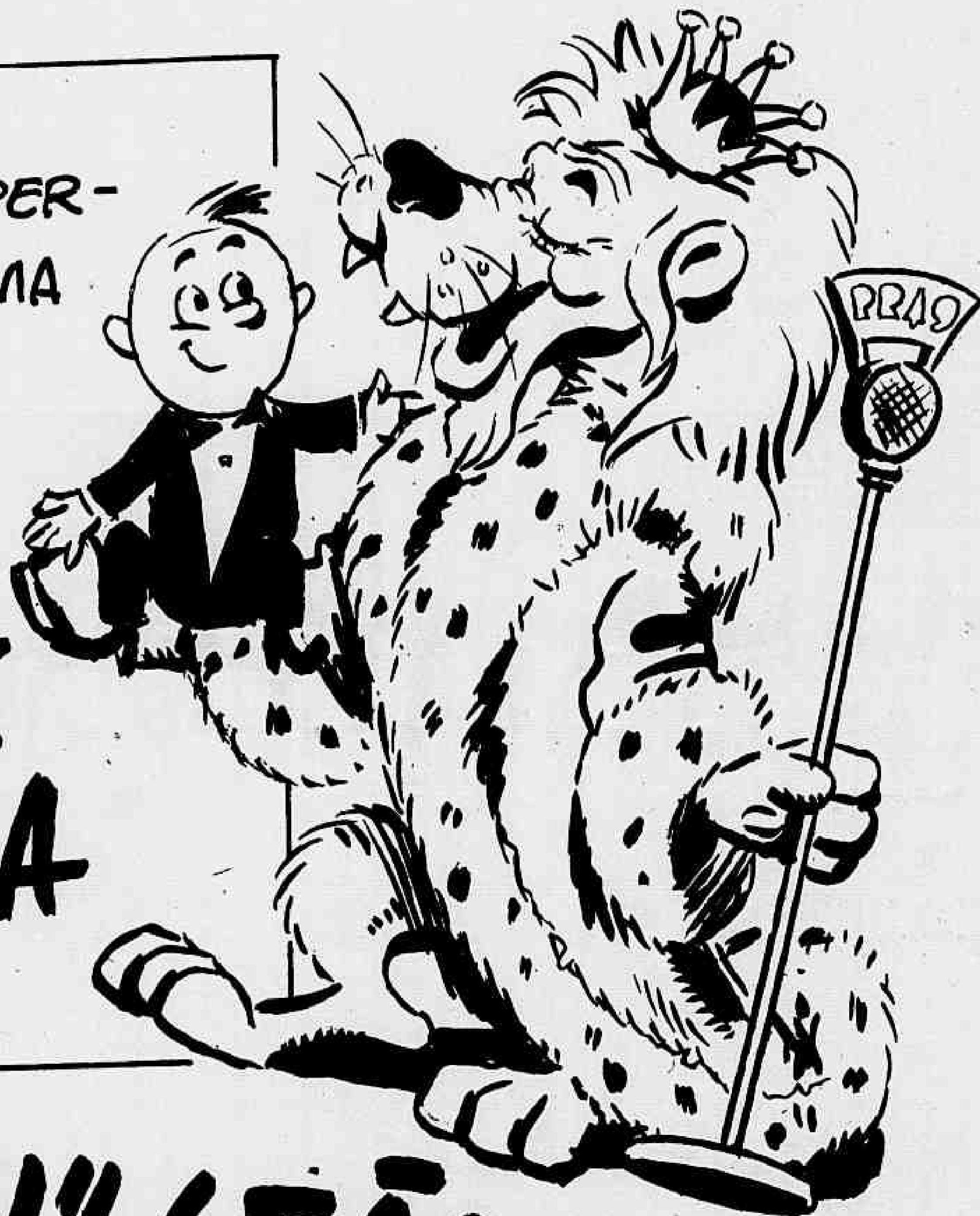
**NO FAROLITO a pianista Hilda Echevarrie. Importada especialmente para atração das noites do bar de Jean, que é bem freqüentado.**

★

Carmen Déa, que cantou com as três Marias, e estêve com Ari Barroso, quando de sua excursão pelo norte, está, atualmente, na buate Vogue. Ali estreou também Delora Bueno, cantora brasileira que estêve mais de dez anos nos EE. UU. Breve faremos nosso comentário sôbre suas apresentações.

★

Bola Sete, o excelente violonista da Rádio Nacional, depois de se exibir no Beguin e no Drink, está atualmente no Bacará.




UM NOVO E SUPER-
GOZADO PROGRAMA
na

# RÁDIO MAYRINK VEIGA

# "O "SEU" LEÃO VEM AÍ"

ÀS QUINTAS FEIRAS
DAS 20hs EM DIANTE

REUNINDO O GRANDE ELENCO HUMORÍSTICO DA **PRA9**

DIV. PRA9

PATROCÍNIO DO
Mate Leão



Os suplícios de um ator:

# JEAN GABIN

## no papel de escafandrista

● *A fim de rodar uma cena do seu último filme,* O pôrto do desejo, *Jean Gabin suportou durante uma hora em Marselha, sob um sol de chumbo, uma pesada roupa de escafandrista. Não era para descer sob o mar — mas para simular uma subida das profundezas. Para o seu papel neste filme, Gabin recebe 15 milhões. No entanto, êle estava de um humor horrível, sobretudo porque êle detesta o calor. "Preferia que êste filme fôsse feito no Pólo", diz êle.*





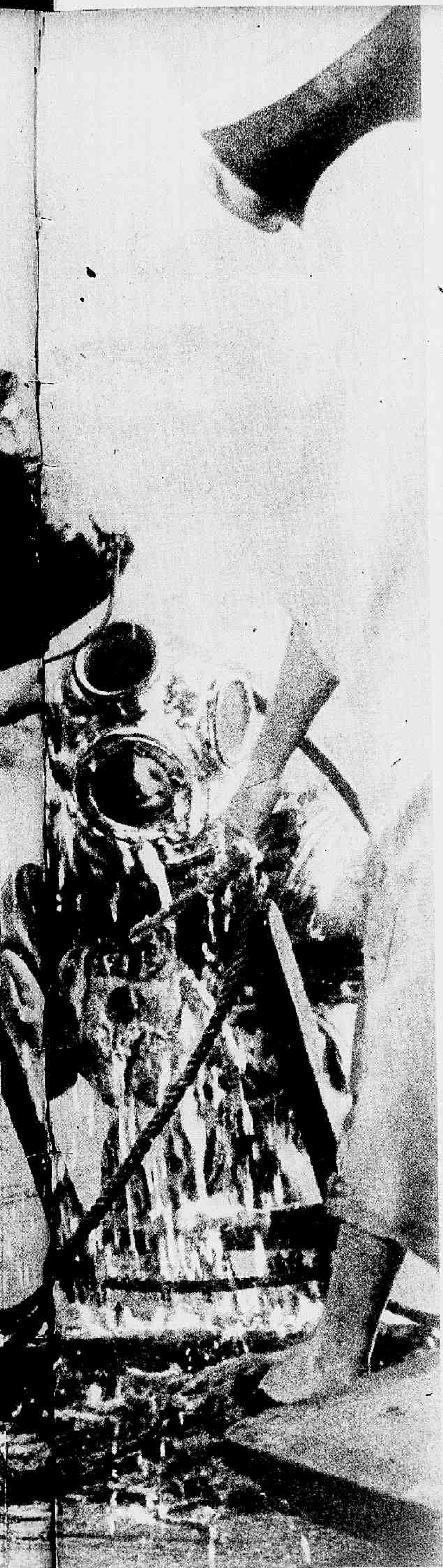


**Foram necessárias 3 pessoas a fim de lhe colocar o escafandro, e um quarto de hora para retirá-lo.**



**Gabin retira o escafandro: molham-no para dar a**

ar a



impressão de que êle está vindo do fundo do mar

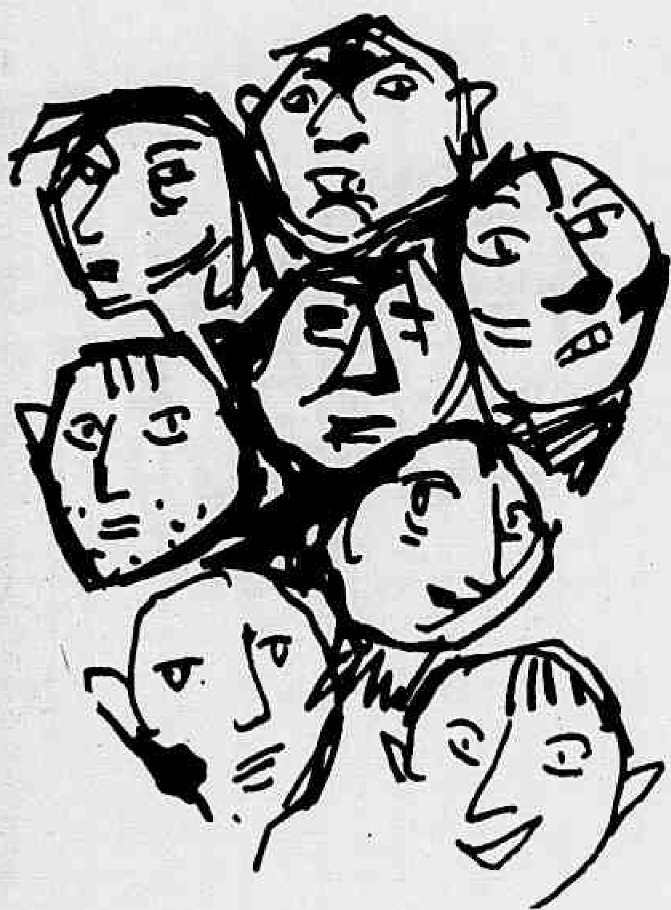


Depois da cena êle passeia vestido de marítimo, no velho pôrto que serve de cenário para o filme.

# AS TESTEMUNHAS

Conto de **MARIA WANDERLEY MENEZES**

**Desenho de DAREL**



MANÉ Peba atravessou correndo a rua principal do povoado, a única rua, aliás, porque às outras a que davam êsse nome, havia apenas casas esparsas e desalinhadas, uma aqui, outra além, meias-águas e casebres quase caídos; buracos parecendo olhos muito grandes espiando no rosto escuro das paredes de taipa; caibros saltando do barro, como se fôssem costelas de um corpo, cuja carne está caindo aos pedaços.

Olhos esbugalhados, o moleque parou à porta da casa do coronel Procópio, casa grande, de platibanda, a melhor de tôdas, com calçada de cimento e vidraças coloridas. Fora ela, só a igreja. E havia quem dissesse que a casa do coronel era até mais bonita que a igreja. A essa afirmativa, porém, precediam as clássicas ressalvas — «Que Deus me perdoe... cumparando má...», ressalvas que deteriam o provável castigo à irreverente comparação. Aos baques agitados, que faziam estremecer a porta, acudiu Mariana, a preta velha cozinheira, espécie de membro da família, de todos o mais ranzinza, o que dizia mais desaforos, o que mais resmungava, o único que tinha coragem de discutir uma ordem do patrão, mesmo quando êle pigarreava três vêzes seguidas, sinal que era temido até pelos quarenta «cabras» do Salgueiro, a fazenda, onde «a polícia nunca entrou» e onde o «bacamarte falava» ao menor sinal do chefe. A cara enfarruscada de Mariana e o — «Que diabo é isso?» — gritado a Mané Peba, não conseguiram detê-lo, nem sequer impressioná-lo. «O que tinha visto era muito mais feio». Por isso foi faguejando, quase aos gritos:

«— Siá Mariana, tem um home morto, emborcado...»

A negra escancarou a porta, deu um passo a frente, e, já na calçada, cortou as palavras do menino:

«— Um home morto?!... Qui história é essa, muleque?!...»

A êsse tempo, o mulherio da vizinhança já estava presente, formando um grupo. Nos lugares pequenos, tudo é de tal maneira parado, que o povo vive à espreita de qualquer nova, para torná-la sensacional. As perguntas caíram sôbre Mané Peba, como chicotadas:

«— Um home morto?!!!...»

«— Quem é?»

«— Cumo é qui êle tá vistido?»

«— Vige!... Credo!... Onde foi?»

Mariana assumiu o ar de comando e o círculo alargou-se. No centro ficaram: ela, gorda, imensa, vestida de chita vermelha, um pano branco amarrado à cabeça, e Mané Peba, franzino e pequeno demais para os treze anos, pretinho, não de um prêto lustroso, como o da negra bem tratada, mas dêsse prêto encardido, meio cinzento, empoeirado, que dominava a carapinha, invadia a camisa de algodãozinho e a calça enrolada pouco abaixo dos joelhos e tornava-se mais acentuado nos pés nus, grandes demais para o corpo e, sobretudo, muito desproporcionados para as pernas finas, verdadeiros «cambitos». E êle, que «nunca fôra ligado importância» viu-se de repente em foco, ouvido por todos. A vaidade acalmou-o e entrou a gozar a agitação em sua volta. Falou importante:

«— Foi assim: eu tava caçano passarinho, lá pas banda de «seu Maná Arve»... Quiria vê se pegava uma arara... Elas agora tá se mudano e passa aos magote de menhãzinha e à bôca da noite... Antonce eu dei cum um morto, a mode cum home deitado, emborcado... Ispiei e vi sangue e êle nem chite!... nem se mixia...»

De novo as perguntas:

«— E quem é, minino?»

«— De faca ou de tiro?»

«— Minh'gente!... Qui coisa!...»

Mariana tomou a palavra:

«— Pera aí, qui eu vou dizê a Seu Coroné.»

«— E o delegado já teve ciença?»

A negra deu um muxoxo:

— Ora, delegado! — E estava dito o nenhum valor da autoridade, que nem chegava a ter a ousadia de pensar que «era alguma coisa» porque, realmente, a única autoridade do lugar era o Coronel Procópio.

Minutos depois, êste apareceu, cara fechada, ar de inquisidor. As mulheres ficaram silenciosas e foram recuando, e, recuando, também, foi a vaidade de Mané Peba. O mêdo substituiu-a. Arrependeu-se de ter vindo dar a notícia. Depois de ouvi-lo, o Coronel chamou Zé Pedro, o capanga-mor:

— Avise ao delegado.

E para Mané Peba:

— Venha me mostrar o lugar.

Durante a caminhada, nem uma palavra. O mêdo crescia dentro do moleque. «E si o home num tivesse mesmo morto?... Se êle tivesse s'inganado?... Se arguém tivesse tirado o corpo?...»

Mas lá estava êle! Mané Peba teve um sorriso feliz, vitorioso. A visão que antes o assombrara era agora motivo de alegria. Apontou pra dentro do mato:

«— Oie ali, Seu Coroné... — E como se alguém tivesse duvidado dêle: — Eu num dixe?...

Silencioso, Coronel Procópio aproximou-se. O corpo de bruços estava encurvado. A morte pegara-o numa derradeira contorsão. Nas costas, duas manchas escuras, do sangue que talhara no lugar das facadas. Vieram chegando os outros: o delegado... alguns curiosos... Fêz-se o levantamento, conforme a lei. Era Chico Zacarias. Do criminoso, nem vestígio. A neblina, que caíra de madrugada, apagara os rastros. Procuraram a faca. Não estava. Pensaram nos prováveis matadores. Chico Zacarias não era «boa bisca». Ainda sábado, na feira, tomara uma «carraspana», fizera «arruaça» e brigara com o Damião. Era uma «pústula». Dava uma vida miserável à mulher, a Toinha: descomposturas, pancadas e um filho de onze em onze meses. Tinha uma «miuçaia» de bem dez, que ela sustentava, lavando roupa. Damião e outros desafetos ameaçavam constantemente: «— Você me paga!» Toinha muitas vêzes dissera: «— Chico! Chico! em muié de vregonha num se dá... Um dia eu te dou a mostra da chita».

Mas isso era coisa de sempre. Damião estava almocrevando lá prós lados de Campinho... Toinha... o que ela dizia «era besteira de mulher». Os outros eram muitos, mas ninguém particularmente indicado. E aos poucos, se foi esquecendo a morte de Chico Zacarias.

Anos passaram: dez... vinte... vinte e cinco... De quando em quando, se alguém se lembrava do fato, era para elogiar a perícia do



matador. «— Morte cuma a de Chico Zacaria, inda tá pra havê! Foi um sirviço tão bem feito, qui inté hoje num foi discoberto!» E ficava nisso.

Os filhos de Toinha cresceram, puseram-se homens e mulheres, um bando de netos espalhou-se pela vila. Toinha, a cabeça branca, continuava na mesma meia-água e na mesma vida. Na mesma vida, não, porque desapareceram as descomposturas, as pancadas e os filhos de onze em onze meses.

E uma tarde de domingo, ela sentada no batente do casebre, conversava com alguns dos filhos que a tinham vindo ver. A noite estava chegando, mas não parecia vir do alto, tingida da côr vermelha e brilhante do poente do verão. Vinha saindo de dentro do arvoredo, como se fôsse um grupo de animais silenciosos e negros, que atacassem em círculo, devagar... devagar... No mato é a hora mais triste. Alguns ficaram pensando, recordando, fazendo projetos... outros, de alma vazia, sentindo apenas... Um ponto escuro começou a mover-se no azul avermelhado, dirigindo-se para o norte. Era um bando de araras. Toinha, distraída, fixou-as durante algum tempo e depois, sem querer, escapou um segrêdo de vinte e cinco anos:

«— Lá vai passando quem viu a morte de Chico Zacaria.»

O silêncio ficou pesado como cadeias de ferro.

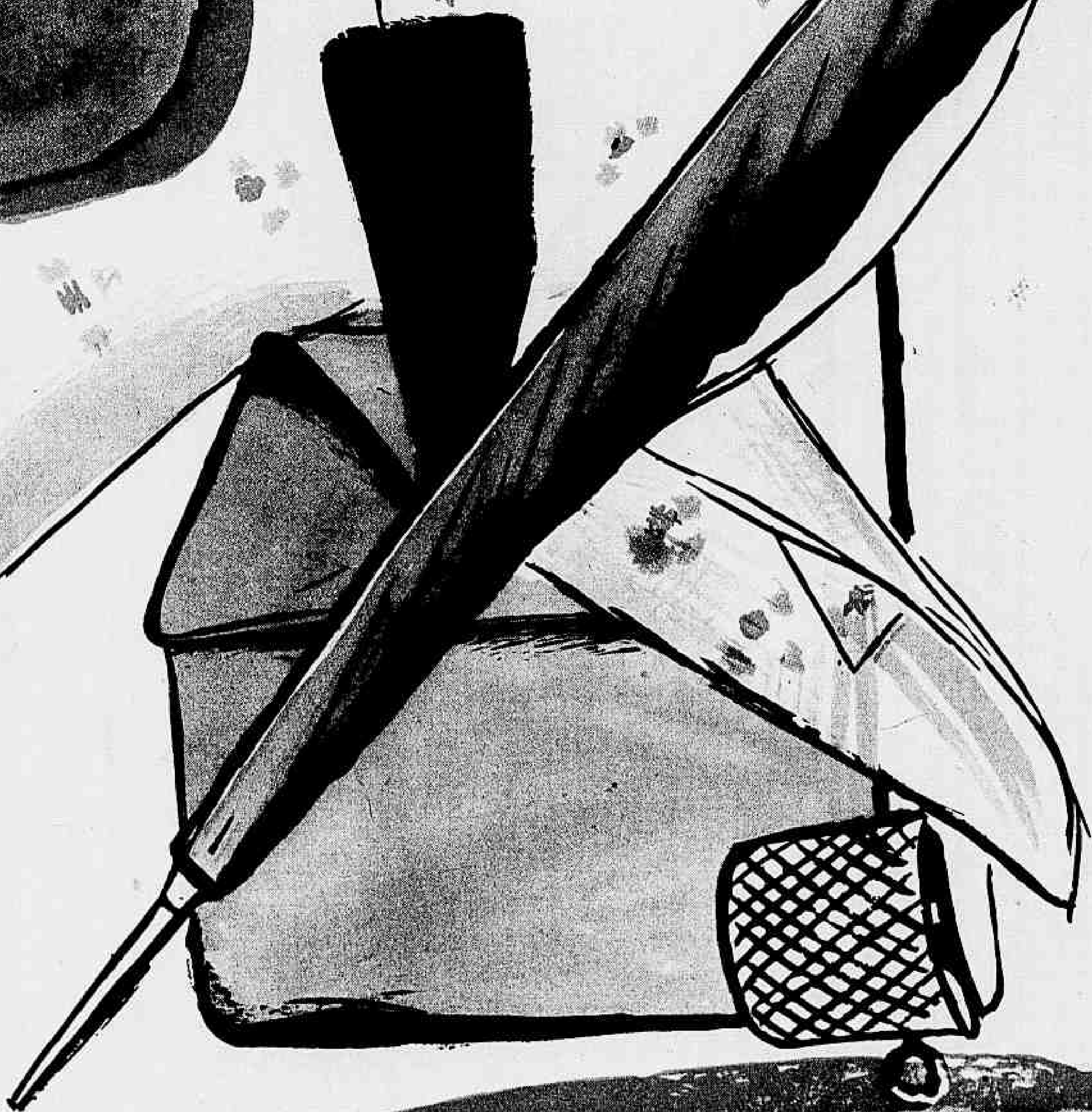



● *Blusa em jérsei estampado e saia plissada em popeline. Modêlo de Jacques Fath.*





● *Rendas e tecidos bordados metálicos [illegible] das mulheres elegantes para os seus vestidos de coquetel.*



● *Os complementos da mulher elegante. Sapatos, luvas, bôlsa, guarda-chuva, lenço, etc., acessórios indispensáveis no guarda-roupa feminino.*

**FORTUNA** (O QUE NÃO SE CANDIDATOU) APRESENTA:

# TEMPO DE ELEIÇ[A…]




— SOCORRO! ESTOU SENDO COAGIDO!

— FINALMENTE: A CÉDULA QUE INTERESSA!

ANTES






— VOU FICA[…]

DEPOIS




— RASPEI O […]

ÇÃO





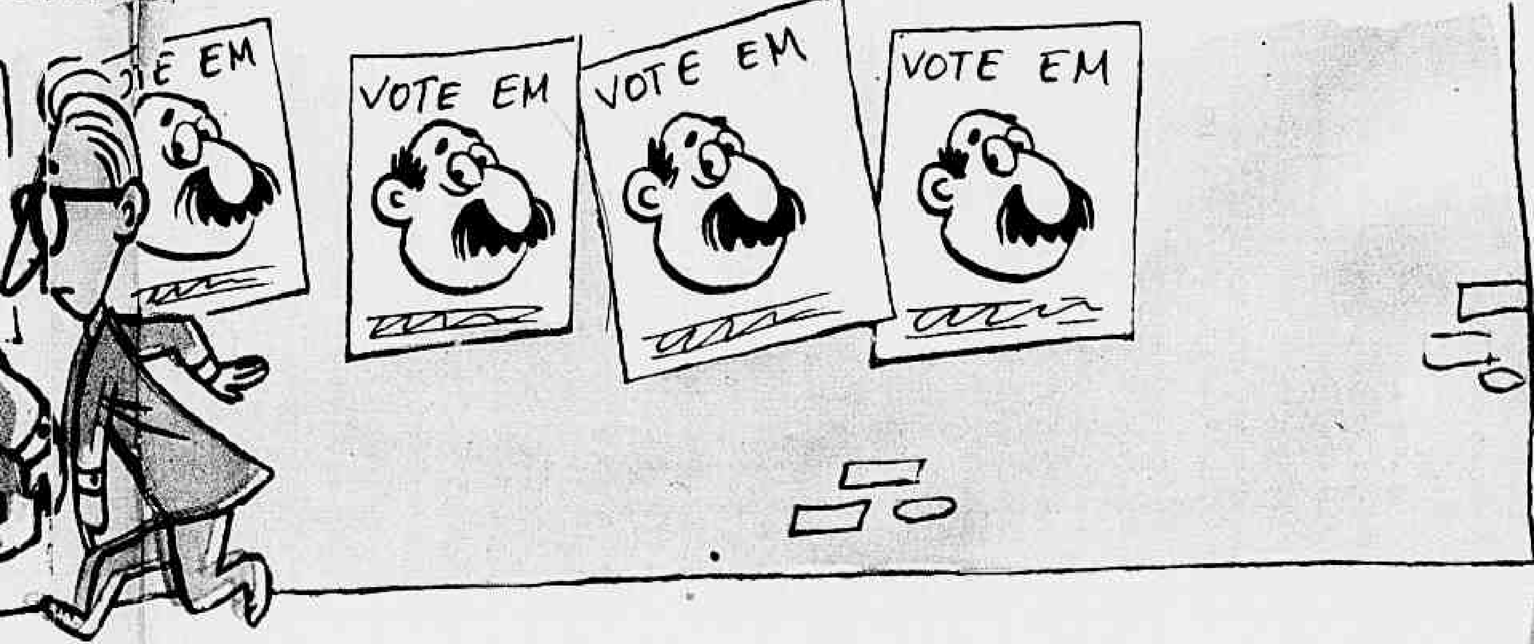


— QUERIDA, VOCÊ VOTOU EM MIM!

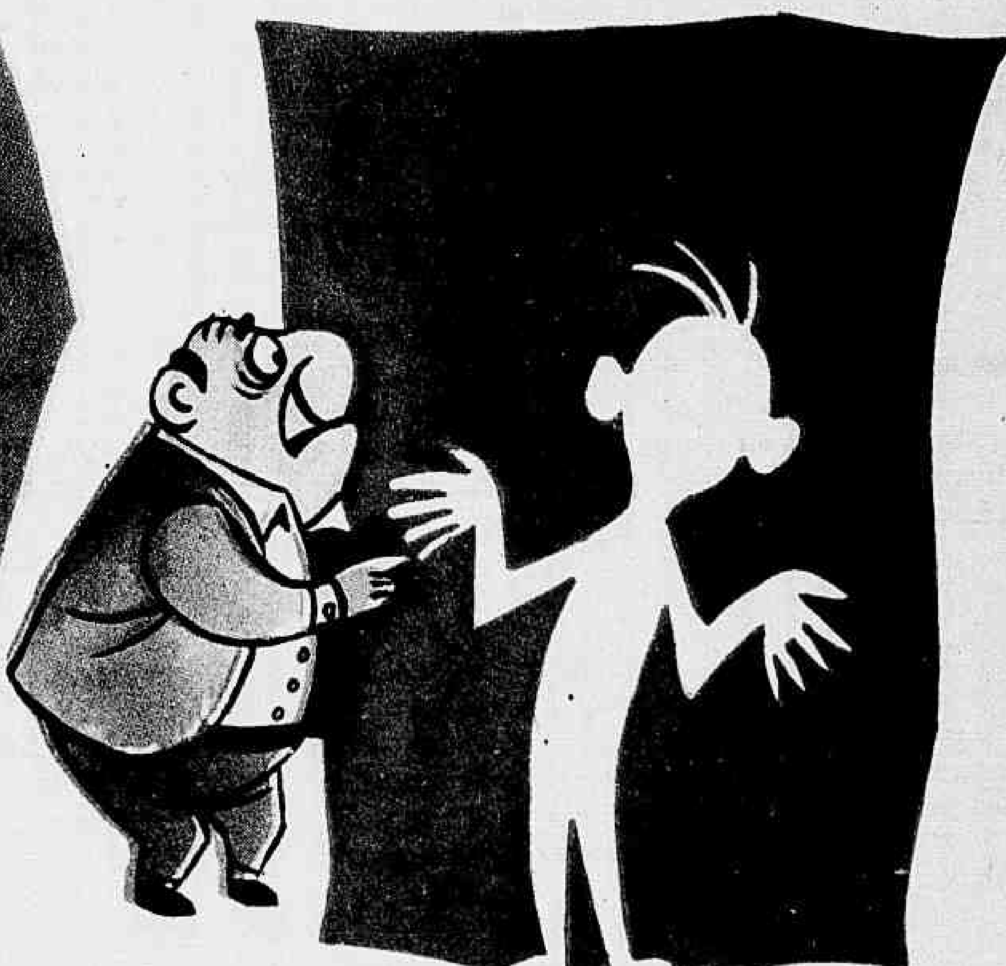
MIM!




VOU FICA AQUI. ASSIM OS LEITORES ME RECONHECERÃO.




— RASPEI O BIGODE. ASSIM OS CREDORES NÃO ME RECONHECERÃO.



— E VOCÊ?
— VOTEI EM BRANCO.

# MARIA

Romance de JORGE ISAACS



**RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA**

● Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional, em Bogotá, capital do seu país. Seus pais eram fazendeiros abastados do interior da Colômbia. Além dos filhos, criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Efraim e Maria se criaram como irmãos, embora não ignorassem a verdade. Quando Efraim, depois de seis anos de ausência, voltou à casa paterna, se surpreendeu com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor se manifestou entre ambos. Os pais de Efraim não viram êsse namôro com bons olhos, pois que Maria sofrera um ataque suspeito de epilepsia — moléstia de que morreu a mãe — bem como porque o filho deveria ir para a Europa, a fim de aperfeiçoar-se em medicina. Efraim parte para caçar em casa de uns amigos, onde mata um tigre. Após descansar lá, regressa para casa, ansiando por ver Maria. Em sua casa se acha Carlos, que também pretende a mão da moça. Aquela visita significa especialmente que êle veio para ultimar o pedido. Carlos não pôde ocultar seu desapontamento e é assim que penetra em casa.

FALOU-ME também de seus trabalhos no campo, das novilhas que cevava atualmente, dos novos pastos que estava fazendo — e finalmente da funda esperança que alimentava de ser dentro em breve um proprietário remediado. Eu já o via fazer cóm segurança a pontaria do insucesso, porém procurava não interrompê-lo, para evitar assim o incômodo de falar sôbre meus próprios assuntos.

— Porem, homem, disse pondo-se de pé diante da minha mesa e depois de uma enorme dissertação sôbre as vantagens dos cevadores articiais sôbre os pastos naturais, aqui há muitos livros. Você trouxe uma estante inteira. Eu também estudo, isto é, leio... não há tempo para mais. E tenho uma prima que é bacharel que se empenhou para que eu engula um dilúvio de novelas. Você bem sabe que os estudos sérios nunca foram meu fraco, para isto não quis graduar-me, se bem que o pudesse ter feito. Não posso prescindir do fastígio que me causa a política, se bem que meu pai lamente dia e noite de que eu não me ponha à frente de seus pleitos. Tem a mania de litigar, e as questões mais vastas versam sôbre vinte varas quadradas de pântano ou qualquer assunto parecido.

— Vejamos, começou lendo os títulos dos livros. «Frayssinous», «Cristo ante o século», «A Bíblia». Aqui há muita coisa mística. «Don Quixote»... Imagine, jamais pude ler dois capítulos disto.

— Não, heim?

— «Blair», continuou. «Chateaubriand»... Minha prima Hortênsia é louca por isto. «Gramática Inglêsa». Que língua horrível! Nunca pude tragá-la.

— Porém você já falava alguma coisa.

— O «how do you do» como o «comment ça va t-il» do francês.

— Mas você tem excelente pronúncia...

— Isso diziam para estimular-me.

E prosseguindo o exame:

— «Shakespeare»? «Calderon»? Versos, não? «Teatro Español». Mais versos? Confessa-o, você faz versos? Lembro-me que você fazia alguns que me entristeciam. Ainda os faz?

— Não.

— Alegro-me por isto, você acabaria morrendo de fome.

— «Cortés» — continuou. Conquista do México?

— Não, é outra coisa.

— Tocqueville, Democracia na América». Diabo! «Ségur»... Que horror!

Neste instante soou a campainha da sala avisando que o refresco se achava servido. Carlos, suspendendo a fiscalização de meus livros, aproximou-se do espelho, penteou os cabelos com um pente de bôlso, concertou o laço de sua gravata azul, e saímos.

## XXIII

Carlos e eu nos apresentamos na sala de refeições. Os assentos se achavam distribuídos assim: meu pai presidia a mesa, à sua esquerdo acabara de sentar-se minha mãe, à sua direita dom Jerônimo, que desdobrava o guardanapo sem interromper sua longa história de pleitos. Depois de minha mãe havia um assento vazio e do outro o do senhor M. e, logo após, uma em frente da outra, Maria e Ema — e finalmente os meninos.

Urgia assinalar a Carlos qual dos dois assentos vagos devia ocupar. No momento de mostrar-lhe, Maria, sem olhar-me, apoiou a mão numa poltrona que tinha próxima, como costumava fazer para mostrar-me o lugar, sem que os outros a compreendessem. Duvidando se seria entendida, buscou instantâneamente meu olhos com os seus, cuja linguagem, em tais ocasiões, me era tão familiar. Não obstante ofereci a Carlos a poltrona com que ela me brindava, e sentei-me ao lado de Ema

Colocou milagrosamente dom Jerônimo ponto final ao alegado que havia apresentado em juízo no dia anterior e voltando-se para mim disse:

Imagino que tenha custado trabalho a vocês interromper suas conferências. Já soube de tudo: boas recordações do passado, certas vizinhanças que tínhamos em Bogotá... projetos para o porvir... Corrientes. Não há como se tornar a ver um discípulo querido. Eu tive de esquecer que vocês desejavam se ver. Você não acusa Carlos por tanta demora, pois êle foi até capaz de me propor para vir sòzinho.

Manifestei a dom Jerônimo que não podia perdoar-lhe que êle houvesse me privado por tanto tempo do prazer de ver a êle e a Carlos; e que no entanto, apesar de tudo, ficaria menos zangado se a presença dêles em minha casa fôsse maior. Êle respondeu-me, com a bôca não tão desocupada como seria de se desejar, e olhando-me de lado enquanto tomava um gole de chocolate.

— Isto é difícil, porque amanhã começam as datas de sal.

Depois de um momento de pausa, durante o qual minha mãe sorriu imperceptìvelmente, continuou:



Tradução de LÚCIO CARDOSO

Desenho de RAMÓN

— Não há remédio, se eu não estou lá, êste deve estar.

— Temos muito que fazer, continuou Carlos com certa suficiência de homem de negócios, e que devia ter parecido oportuna, sabendo que caçar e estudar eram minhas ocupações costumeiras.

Maria, ressentida comigo, esquivava olhar-me. Estava mais bela do que nunca, assim ligeiramente pálida.

Levava um traje de gase negra profusamente salpicado de uvas azuis, cuja saia, caindo em numerosas pregas, sussurrava tanto como as brisas da noite nos rosais da minha janela. Tinha o peito coberto com um pano transparente da mesma côr do traje e, pendente de sua garganta, num cordão de veludo negro, brilhava uma cruzinha de diamantes: a cabeleira, dividida em duas tranças abundantes, ocultava seu pescoço e ondulava sôbre suas espáduas.

A conversação se havia feito geral; e minha irmã perguntou-me quase em segrêdo porque havia preferido aquêle assento. Respondi com um «assim deve ser» que não a satisfez: olhou-me com estranheza e logo buscou em vão os olhos de Maria: estavam tenazmente valados.

Estendida a toalha, fêz-se a oração de costume. Minha mãe convidou-nos a passar ao salão; minha mãe e meu pai ficaram à mesa tratando de seus empreendimentos no campo.

Apresentei a Carlos a guitarra de minha irmã, pois sabia que êle tocava bastante bem êsse instrumento. Depois de algumas instâncias, acedeu em tocar algo. Perguntou a Ema e Maria, enquanto afinava o instrumento, se não gostavam de dançar. E como se dirigisse em particular à última, ela respondeu que nunca havia dançado.

Êle voltou-se para mim, que neste momento voltava do quarto, dizendo:

— Homem, é possível?

— Que?

— Que não tenhas dado umas lições de dança à sua irmã e à sua prima? Não te acreditava tão egoísta. Ou será que Matilde impôs a você a condição de que não generalizasse seus conhecimentos?

— Ela confiou nos seus para fazer do Cauca um paraízo de bailarinos, respondi.

(Continua na página 50)

# CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

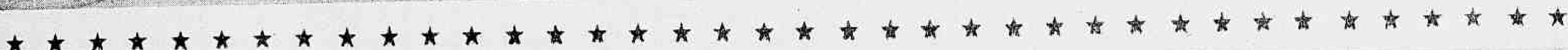
## *Por falar em cremes...*

● *CREMES PARA O ROSTO — Quando passar creme no rosto procure fazê-lo com dois dedos apenas, em vez de usar as duas mãos inteiras. Cubra o rosto com uma tênue camada, em vez de emplastrá-lo. Siga êsse conselho tanto para os cremes, quanto para as bases de maquilagem.*

● *CREMES PARA A NOITE — Não é preciso que você vá dormir tôdas as noites com o rosto todo pegajoso. Os cremes emolientes são quase tão eficazes se aplicados tôdas as tardes, durante vinte minutos, ou, melhor ainda, durante o seu banho de imersão.*

● *CREMES PARA AS MÃOS — Os cremes para as mãos destinam-se a protegê-las. Portanto, passe-os "antes" e não depois de colocar as mãos nágua para lavar louça ou roupa, e "antes" de lidar com qualquer coisa que engrosse ou irrite as mãos.*

● *MASCARAS PARA O ROSTO — A ação da máscara sôbre o rosto se exerce enquanto ela está secando. Por isso, deixe-a o tempo suficiente para que tal aconteça, antes de lavar o rosto — com água fria.*

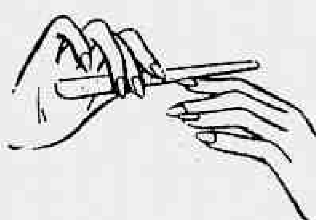






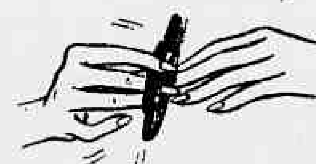
# FAÇA AS UNHAS EM CASA

● Não é difícil fazer, você mesma, as suas unhas em casa, nem isso lhe tomará muito tempo. Com a prática, e capricho, conseguirá ter as unhas tão bonitas como se tratadas pela melhor manicure profissional e... será uma grande economia no seu orçamento pessoal.



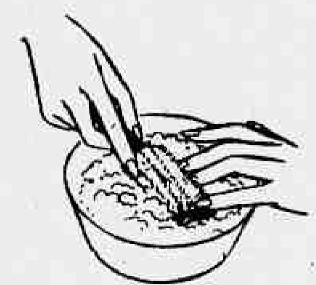
Vejamos — por etapas — como fazer as unhas em casa:

1 — O seu primeiro cuidado é remover inteiramente — como um bom removedor — todo o esmalte velho existente. Use um algodãozinho na ponta de um palito para tirar bem o velho esmalte dos cantos das unhas. Depois, lixe-as para lhes dar a forma que deseja, sem, contudo, lixar em demasia nos cantos. Há unhas que precisam, além disso, de uma lixa passada com o brunidor sôbre a superfície, para alisá-las por igual.



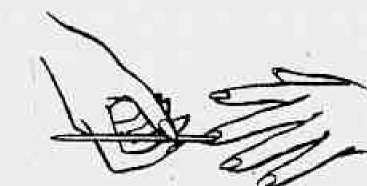
2 — Depois lave as unhas muito bem em água morna. O melhor sistema é lavá-las sob a torneira, em água corrente, com uma escovinha e bastante sabão. Depois de enxutas numa toalha felpuda, empurre a cutícula para baixo com a toalha.

3 — Se acha que suas unhas estão um pouco encardidas, depois dessa primeira limpeza, corte um limão pelo meio e enterre as unhas na sua polpa, muitas vêzes. Lave-as e enxagüe-as em água fria, enxugando bem.



4 — Com um chumacinho de algodão na ponta de um palito ou de um espinho de laranjeira, passe o removedor de cutícula em tôrno de cada unha. Deixe ficar cinco minutos, depois lave com água e sabão, e enxugue.

5 — Torne a passar o removedor de esmalte para tirar todo vestígio de umidade das unhas. Estará então pronta para aplicar verniz, que deve ser passado cuidadosamente, com um pincel macio, e de cabo longo.



# *Notinhas úteis*

● **MANCHAS DE CANETA ESFEROGRÁFICAS: — As machas de tinta de caneta esferográfica tiram-se esfregando-se ou lavando-se, a roupa ou objeto manchado, com uma mistura de três partes de álcool para uma de éter.**

● **QUADRO QUE SE ENTORTAM — E' muito pouco estético ver quadros tortos nas paredes. Para evitar isso, cole uma tira de borracha por trás da parte inferior da moldura. O quadro não sairá no lugar.**

● **MÔSCAS — Se você quer evitar que as môscas sujem as vidraças, que acabou de limpar, passe sôbre as mesmas, depois de limpas, um pouco dágua, a qual juntou uma colherinha de querosene.**

● **GUARDE O CHOCOLATE EM VIDROS — O chocolate em pó se conservará muito melhor se você o guardar num vidro fechado, em vez de uma lata. Além disso, para que adquira um sabor muito mais acentuado, ponha dentro uma ou duas favas de baunilha.**

# SUGESTÃO PARA O LAR

A sala ampla de um apartamento de frente foi dividida de forma muito prática, em «living» e sala de refeições. Ambos se comunicam com um terraço, por meio de portas envidraçadas. O móvel-divisão é desenhado de forma a ser utilizado de um lado como aparador, e do outro para colocação de elementos decorativos e um pequeno bar (na parte fechada, em baixo).

Uma borda em bronze ou aço inoxidável não deixa aparecerem os vasos de barro, em que são plantadas as folhagens aí colocadas. Assim isoladas, as plantas podem ser postas para arejar quando conveniente, e podem ser substituídas por outras com facilidade. No lado oposto ao móvel-divisão, a parede da sala de refeições foi recoberta de madeira clara. No centro há uma prateleira em mármore branco sôbre suporte castanho escuro. As cadeiras e a mesa em madeira igual à da parede. O fôrro das cadeiras em verde, jaspeado de negro e branco.



# *Week-end na cozinha*

**Para ter em casa, prontas para servir a qualquer momento, acompanhando um lanche ou aperitivo, prepare estas BOLACHINHAS DE AMENDOIM. Conserve-as numa lata bem fechada, que estarão como se fôssem fresquinhas quando servi-las. A receita dá mais ou menos 12 dúzias de bolachinhas, de 3 centímetros de diâmetro.**

1 — Bata, numa tijela grande, meia xícara de manteiga, até ficar macia e cremosa. Junte um quarto de xícara de manteiga de amendoim; depois, aos poucos, meia xícara de açúcar. Bata bem, até obter uma massa leve. Junte um ôvo, e bata mais um pouco.

2 — Peneire juntos os seguintes ingredientes secos: uma xícara e um têrço de farinha de trigo, meia colher das de chá de bicarbonato, uma colherinha de canela e uma pitadinha de cravo moído. Junte à massa e misture bem.

3 — Ponha, finalmente, meia xícara de amendoins, picados muito miùdinhos. Forme cilindros com a massa, enrolando-os com a mão. Embrulhe êsses cilindros em papel impermeável e ponha na geladeira. Depois de um pouco gelados, corte em rodelinhas bem fininhas, arrume numa assadeira (não untada) e asse em forno moderado, entre 8 e 10 minutos.

● **PANELAS ENCROSTADAS: As crostas calcáreas que se formam no fundo das panelas podem ser removidas assim: cubra-as com uma camada de vinagre, deixando-o por algumas horas. Raspe com um pedaço de pau (nunca com metal, porque arranha a panela).**

**CONSERVAS — Depois de abrir as latas de conserva, convém despejá-las logo num recipiente de louça ou de vidro. Assim se evitará que o alimento se estrague.**




# LÓIDE AÉREO

PARA MELHOR SERVIR SUA CLIENTELA E O PÚBLICO EM GERAL, O LÓIDE AÉREO INAUGURARÁ NO DIA 21 DE OUTUBRO SUA NOVA AGÊNCIA

PASSAGENS E CARGAS

Avenida Nilo Peçanha, 26-B

RIO DE JANEIRO

SEDE: Avenida 13 de Maio, 13 — 27º andar ★ Telefone: 32-5195

# SEMANA ASTROLÓGICA

**INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS**

**23 E 29 DE OUTUBRO DE 1954** — (Hemisfério Sul)

**Se o leitor nasceu sob o signo do:**

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Sòmente os dias 24, 26 e 27 lhe darão alguma chance. Os demais serão inteiramente desfavoráveis ao que pretender obter ou realizar. Os negócios não andarão de modo satisfatório e tenderão para o insucesso.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Os astros lhe oferecerão, na semana em pauta, um ambiente propício ao desenvolvimento de grandes atividades. Os dias 23, 24, 27 e 28 serão os melhores para qualquer iniciativa de porte.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O novo período não será tão favorável quanto o anterior. O leitor, porém, ainda poderá comandar e impor sua vontade nas soluções do seu interêsse. O ambiente o favorecerá bastante, notadamente nos dias 25 e 29.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — A semana entrante será de boa sorte, no seu caso. Haverá chance nas especulações, na vida social e nos amôres. O leitor estará predisposto a surprêsas agradabilíssimas.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Não haverá segurança no encaminhamento e na solução dos problemas. Uma onda de desconfiança encherá seu ambiente, anulando-lhe todos os esforços. Em tentando alguma coisa, nada mais fará do que remar contra a maré.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Acontecimentos de cêrta violência serão possíveis no curso da próxima semana. Não obstante, o leitor sairá a salvo das complicações em que se envolver. O ambiente prenuncia lutas.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O clima tão favorável dos astros poderá propiciar-lhe uma feliz modificação nos rumos que o leitor está seguindo, sob o ponto de vista profissional. As solicitações que fizer serão prontamente atendidas.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Sua vida sentimental poderá ser substancialmente alterada. Há fortes ameaças de desentendimento conjugal e até mesmo de separação. O período não propiciará a constituição de sociedades para fins comerciais.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O ambiente astral da semana em causa será simplesmente estimulador. O leitor terá ânimo forte e desejos brutais, como poderíamos dizer, de realizar alguma coisa. A semana não lhe será nociva nem inútil.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Os acontecimentos evoluirão para solução satisfatória, no seu caso. Os melhores dias para qualquer empreendimento serão 23, 25, 27 e 29. Confie na sua própria intuição e não sofrerá decepções.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — O ambiente da semana lhe será inteiramente nulo, não o impelindo, de qualquer modo, para o êxito ou para o fracasso. O meio lhe será indiferente. Em tal caso é preciso agir com tôda prudência.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Algumas dificuldades encontrará o leitor, no seu caminho, na vigência da próxima semana. Com um pouco de vontade e algum esfôrço, os obstáculos serão superados, o que modificará, em muito, a situação.

**OS NOMES DA SEMANA**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Outubro, | 23 | — | Feliz | — | Gracinda |
| " | 24 | — | Rafael | — | Sabina |
| " | 25 | — | Crisanto | — | Cilísia |
| " | 26 | — | Evaristo | — | Amanda |
| " | 27 | — | Múcio | — | Adélia |
| " | 28 | — | Simão | — | Luísa |
| " | 29 | — | Feliciano | — | Isabel |

**EFEMÉRIDES DA SEMANA**

**Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Outubro, | 23 | — | 29º - 32' - 43" | (Signo da Libra) |
| " | 24 | — | 00º - 32' - 31" | ( " do Escorpião) |
| " | 25 | — | 1º - 32' - 20" | ( " " " ) |
| " | 26 | — | 2º - 32' - 12" | ( " " " ) |
| " | 27 | — | 3º - 32' - 5" | ( " " " ) |
| " | 28 | — | 4º - 32' - 00" | ( " " " ) |
| " | 29 | — | 5º - 31' - 57" | ( " " " ) |

# ANTÍGONA

## DE J. ANOUILH, PELO T.B.C. NO GINÁSTICO

A «Antígona», de Jean Anouilh, foi levada à cena entre nós, há alguns anos, pela companhia de Jean Marchat, no original francês, naturalmente; e, nessa ocasião, foi a obra examinada, analisada, esmiuçada, anatomizada, dissecada e destrinçada, bem ou mal, mas fartamente. E se bem que, agora, ela nos comparecesse diante numa escrupulosa versão de Bandeira Duarte e na interpretação de um conjunto nacional, não imitaremos os hábitos de certos críticos musicais, os quais, a tôda e qualquer nova execução da «Traviata» ou da «Tosca», sentem irresistível a tentação de tornarem públicas suas últimas e definitivas meditações estéticas, cada vez mais últimas, estéticas e definitivas, sôbre o palpitante assunto de sua partitura. Tôda a gente que lê jornal já sabe: em «Antígona», escrita em 1942, isto é, durante a guerra, com os alemães a esvaziarem as melhores adegas de Paris e a dupla Pétain-Laval estudando, em Vichy, o modo mais eficiente de captar nas velas os ventos hitleristas, quis Anouilh reelaborar a matéria da tragédia de Sófocles, também ambientada em tempos de guerra, subvertendo-lhe a clássica estrutura compositiva, segundo uma técnica teatral de transparente derivação pirandelliana, para dar-lhe valor de alusão a situações contemporâneas e afirmar, contra as razões do intelecto e do cálculo político, as razões do coração, como diria Pascal, e da íntima lei moral (do mesmo modo que Sófocles opusera às leis civis, que são apenas úteis e oportunas, quando o são, as leis divinas, sagradas e invioláveis); num conflito de idéias, que êle próprio haveria de orquestrar novamente, com mais amplo fôlego, em sua recente «L'alouette», e no qual nenhuma das partes triunfa, pois se Antígona paga com a vida, voluntàriamente, a intransigente obediência aos ditames das suas convicções, Creon assiste, sem fôrças para opor-se-lhe, à ruína da própria família.

Falemos, portanto, da interpretação. Houve quem discordasse dos cenários de Aldo Calvo, que muitos teriam preferido de tonalidade neutra, e daquele painel representando uma moderna cidade bombardeada, que fixa de modo visual a natureza alusiva da obra no tempo, bem como dos figurinos, talvez demasiado heterogêneos, que lhe deixam indeterminada a geografia. O Teatro Brasileiro de Comédia nos acostumou a um padrão tão incomum de espetáculos, em nossas cenas, que fazer restrições dêsse gênero, para quem as partilhe, se torna, no seu caso, não apenas um direito, senão, também, um dever. Pelo que nos concerne, entretanto, não achamos nada de mal em que o diretor e o cenógrafo, neste pormenor, se afastassem do modêlo tradicional francês, tal como nos foi dado a conhecer por Jean Marchat: não traíram o bom-gôsto, que é o essencial; tanto mais que, cenários e figurinos, absorvendo, destarte, a função de localizar mais claramente a peça em seu clima polêmico, e não apenas francês da Resistência, mas universal, permitiram ao diretor Adolfo Celi atenuar um pouco, sem apagá-lo, aquilo que no texto é mero duelo de teses, para concentrar o drama numa só personagem, Antígona, cujo comovente sacrifício supera os limites do debate contingente e constitui pròpriamente, pelo elemento de humana piedade que nela introduz, o núcleo poético da obra, naquela medida em que Anouilh, a seu modo, também é poeta e não apenas habilíssimo deflagrador de pirotécnicas teatrais. Para essa linha geral de interpretação necessitava o diretor, evidentemente, de uma atriz à altura. Encontrou-a na pessoa de Cacilda Becker, que, depois de vários anos de ausência do Rio, onde iniciou sua carreira, e após a fugaz e não muito convincente aparição em «A dama das camélias», com o próprio T.B.C., no Municipal, se apresentou, agora, no pleno domínio de seus meios, colocados ao serviço de uma emotividade genuína, controlada e potenciada pela inteligência intuitiva do papel. Excelente Creon, o de Paulo Autran, ator cada vez mais seguro de si e expressivo na sobriedade e comedimento dos gestos e inflexões, e ótimo, claro, eficiente o Prólogo de Carlos Vergueiro. Equilibrado e plenamente satisfatório o desempenho dos demais.

Como complemento do espetáculo, Benedito Corsi, Luiz Calderaro e Célia Biar animaram mais do que a contento — especialmente o primeiro e a última — a divertida peça em um ato de Tschekov, «Um pedido de casamento», que, na direção de Celi, assumiu decidido e adivinhado ritmo de farsa.



Cacilda Becker e Paulo Autran, em «Antígona», de Jean Anouilh, apresentada pelo T. B. C.



Célia Biar, intérprete de «Um pedido de casamento», aqui vista em «Inimigos íntimos».

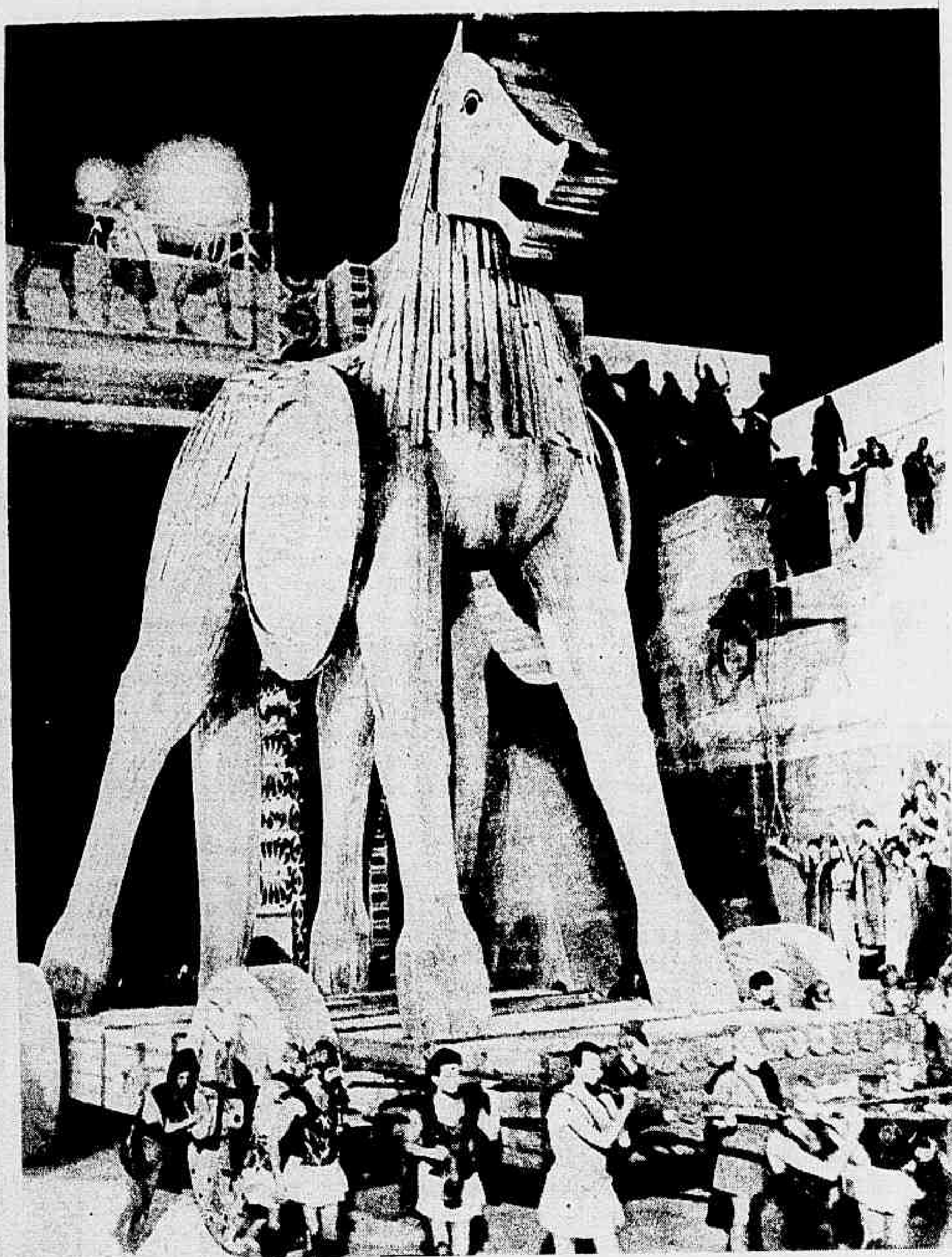
## TEMPORADA LÍRICA

● Após a poupança de fôlego do quadro francês, que deixara o público um tanto escabreado e com um vago pendor para ensaiar-se no assobio, voltaram as paredes do Municipal a vibrar com a generosidade pulmonar dos cantores italianos, mòdicamente, em «Cavalaria rusticana» e «Palhaços», essas irmãs siamesas do teatro de ópera, e de modo mais completo em «Otelo». Uma tentativa de independência do côro, durante a «Cavalaria», que, a certa altura, resolveu discordar do andamento e do tom da orquestra, quase fêz malograr-se, num zunzum de colmeia zangada, a reconciliação entre palco e platéia. Mas a grande arte da cantora Giulietta Simionato restabeleceu de pronto a boa harmonia: a sua Santuzza, que aliou, à leveza e brilho de uma voz perfeitamente articulada, um verdadeiro estilo, valeu a inteira noite, da qual foi indiscutível triunfadora. E um bom «Otelo» à italiana, isto é, pródigo de belo fraseado melódico, sustentado por um trio de primeira ordem, com o possante barítono Giuseppe Taddei, uma Desdêmona em plena forma da senhora Renata Tebaldi e a inegável capacidade vocal do tenor Mario del Monaco, encerrou a semana lírica num vasto dispêndio de aplausos e de bravos!, que passaram por cima da ruindade de coros e comprimários, do cenário medíocre e das incertezas da orquestra.

## DIVERSAS

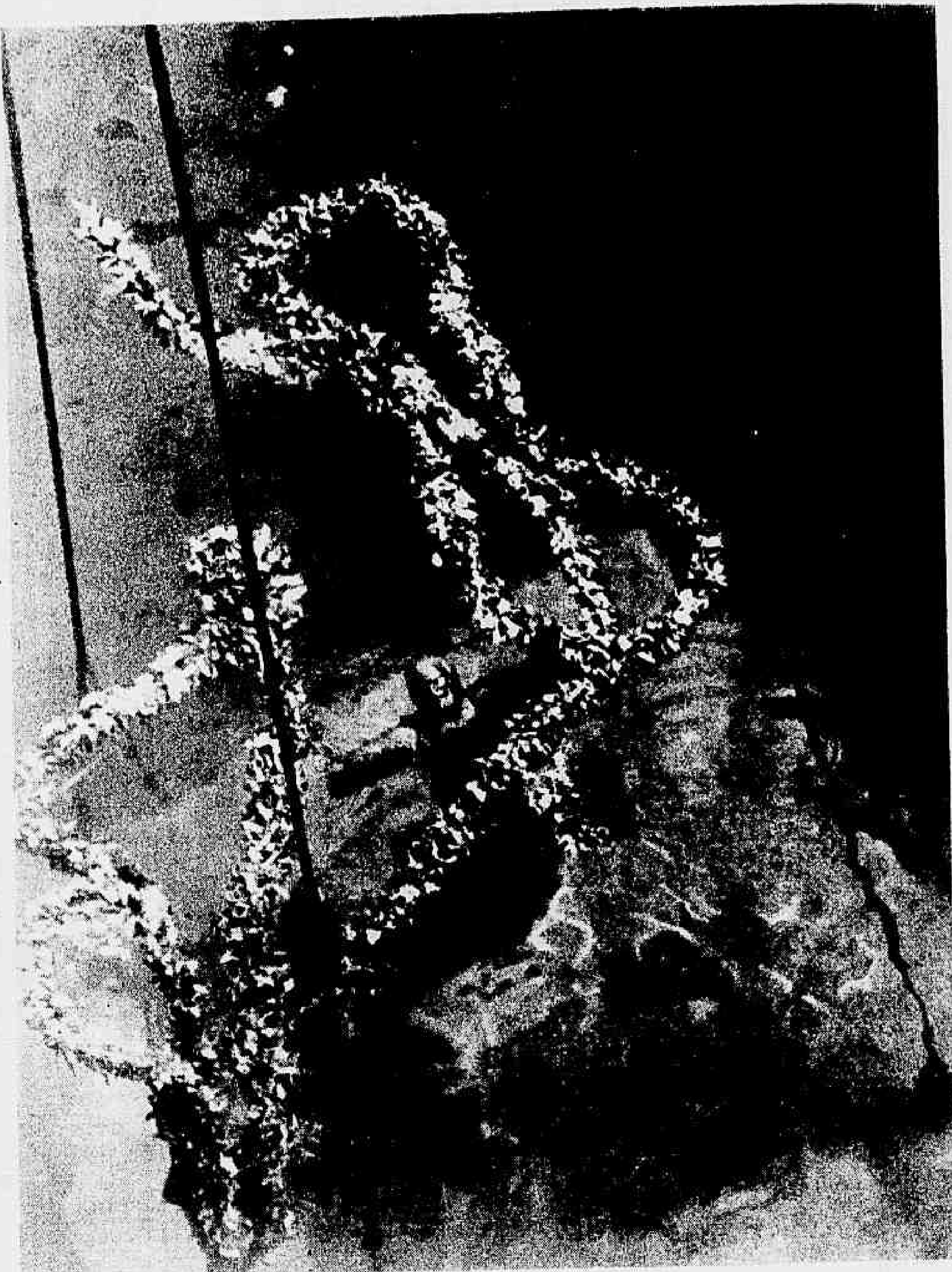
● Uma excelente notícia para os apreciadores da boa música: anuncia-se a vinda ao Brasil de Paul Hindemith, um dos maiores compositores do nosso tempo. Se bem que, em tôda a sua obra, Hindemith se revelasse um poderoso continuador da melhor tradição germânica — o contraponto e a fuga são seu pão nosso de cada dia — foi sua música proibida, na Alemanha nazista, como «atonal»; mas ninguém pretenderá que censor nazista saiba o que diz. Hindemith estará em São Paulo nos últimos dias do mês, onde regerá três concertos sinfônicos; e a 6 de novembro o teremos no Rio, à frente da O.S.B. Durante êsses concertos, êle fará ouvir as seguintes obras de sua autoria: «Matias, o pintor», «Nobilissima visione», «Quatro temperamentos» e «Concêrto 1938».

● O diretor de cinema Jean Renoir estrear-se-á como autor de teatro: a sua peça «Orvet» irá à cena em Paris, no mês de fevereiro, e terá como intérprete principal Danièle Delorme.



## CAVALO DE TRÓIA

Êste é o famoso cavalo de Tróia, por meio do qual, segundo a lenda, os gregos penetraram na cidade sitiada. Foi construído para o filme «Helena de Tróia», no qual a atriz Rossana Podestá interpreta a personagem.



## CRISTO DO ABISMO

Na Riviera Italiana, no pequeno pôrto de São Frutuoso, foi colocada esta imagem do Salvador no fundo das águas, a 20 metros de profundidade. A obra é do escultor Guido Gianetti e foi chamada «Cristo do abismo».

# Por êsse *Mundo* de Deus




## O VÉU

É claro que não se trata do véu de Salomé, mas do que usa a atriz e cantora Connie Russell. A cena é do seu filme «Uma noite na Arábia» e está sendo elaborado em Hollywood, com todo o aparato possível de uma autêntica reconstituição da época, inclusive o véu, é claro.

## CONCURSO

Eis o mais sensacional dos concursos do mundo, vendo-se na feira de Coney Island, êsses modelos, um descoberto, outro encoberto, mostrando... pernas. As candidatas compareceram com o saco na cabeça, como se vê, a fim de que o rosto não produza efeito sôbre o júri.






## PADRE FOTÓGRAFO

Durante o campeonato mundial de ginástica que se realizou em Roma, e do qual participaram nada menos de 28 nações, um sacerdote que é cine-amador, aproximou-se de uma atleta russa para fotografá-la. Terá conseguido o intento? Não sabemos, mas nós fotografamos os dois.

## A MENOR DO MUNDO

Esta é, por certo, a menor acrobata do mundo, e seguramente os leitores não conhecem nenhuma outra igual. Trata-se de Carolina Lucken, que se exibe num circo em Londres, e pertence a tradicional família circense. Como se vê, ela ri calmamente do perigo...

## AS QUADRIGÊMEAS DE BELÉM DO PARÁ

Aí estão, em fotografia feita na maternidade da Santa Casa de Belém do Pará, as quatro gêmeas ali nascidas no dia 15 de setembro último, a cujo acontecimento, tão raramente observado, não deu a imprensa, inexplicàvelmente, a devida atenção. Da esquerda para a direita vemos, em um só bercinho, Maria das Dores, Maria de Lourdes, Maria de Fátima e Maria de Belém, pesando, à data da fotografia — 14 de setembro — respectivamente 1.275, 1.465, 1.365 e 1.675 gramas. A progenitora das Marias teve um parto normal. Os médicos previram a delivrance de três crianças, porém, quando pensaram haver chegado ao fim, quem chegou foi Maria das Dores para atrapalhar a previsão e estabelecer um recorde.
(Foto de Adalberto Mendes)





São Paulo elege "o menos pior":

# TRÊS CANDIDATOS DIANTE DO POVO

PRESTES MAIA FORA DO TEMPO. ★ MENOS PRESSA NAS RUAS. ★ EXPECTATIVA. ★ ADEMAR EM MANGAS DE CAMISA. ★ A OUTRA METADE. ★ O ÚLTIMO DA FILA. ★ AS ELEIÇÕES MUDAM AO AMANHECER. ★ VOLTA.



**PRESTES MAIA** — «Está ultrapassado» — diz o homem do povo.



**ADEMAR DE BARROS** — «Conto com o interior» exclama êle próprio.



**JÂNIO QUADROS** — «Digam o que disserem, será vencedor» — avisam os amigos.

**Reportagem de LÚCIO CARDOSO**

QUANDO cheguei a São Paulo levava uma espinhosa missão: entrevistas os três candidatos ao govêrno de São Paulo. Ia com o ânimo peculiar a todo repórter, isto é, com a firme disposição de remover céu e terra a fim de obter o que desejava. Nem por longe podia admitir a possibilidade de um fracasso, mesmo porque, a meu ver, candidatos políticos são homens que jamais se furtam aos fogos da publicidade.

Encontrei um São Paulo cinzento e taciturno, varrido de ventos frios que não raro arrastavam uma chuva miúda, que não animava em coisa alguma. «Que importa, pensei, isto é São Paulo». E fui logo indagando ao «chauffeur» que me transportava ao hotel:

— Você votou em quem?

E êle, voltando-se com um sorriso para trás:

— Em Prestes Maia, é claro.

Imaginei que estivesse tirando uma média da votação. E ao descer, indaguei ao porteiro do hotel que me atendeu:

— Em quem votou?

E êle, um velho, sorriu também:

— Em Prestes Maia.

MENOS PRESSA NAS RUAS — Dali, saí andando à-toa pela cidade. Gente como sempre, essa gente apressada de São Paulo, de ar sempre atarefado. Mas desta vez me enganava. Havia grupos, o trânsito mostrava-se congestionado aqui e ali, ao longe, num canto qualquer da cidade espoucava um foguete. Aproximei-me de um dos grupos.

— O Jânio vence na capital, dizia um, mas depois será uma «barbada».

— Quando começar o interior, é que se vai ver, dizia outro.

E fui andando. Não havia alegria, antes um ambiente de séria espectativa. Uma massa humana maior, aguardava os resultados diante de um «placard» onde se localiza a sucursal de «O Radical». Gente humilde, sem nenhuma dúvida.

— Que tal? — perguntei a um operário.

E êle:

— Parece que o Jânio vai na frente, mas se Deus quiser...

— Torce por Ademar? — insisti.

Fitou-me quase com surprêsa:

— Torço sim — Deus me livre de votar num maluco como o Jânio.

Mostrei-lhe o jardim com grades, os ônibus da Campanha da Melhoria.

— Mas isto tudo foi Jânio.

E o operário, convicto:

— Mas o Ademar fêz muito mais.

E apontou São Paulo inteiro.

ESPECTATIVA — Em outros lugares haviam colocado rádios transmitindo os resultados. Sentei-me num café e abri um jornal ao acaso, disposto a surpreender a reportagem que não se mostrava. O jornal era o «Estado de São Paulo» e dizia num artigo de fundo: «O que São Paulo está escolhendo (Jânio) não é o melhor candidato, é o menos pior dos três». Ora, todos os cartazes de propaganda colocados às paredes, rezávam um único refrão: «Vote no melhor dos três». Saí do café, continuei andando. A mesma gente calada, inquieta, aguardando. Foi então, que pensei em falar com Ademar.

ADEMAR — Minha primeira investida foi logo sem êxito. Ademar se achava invisível. Insisti, e fui informado que muitos repórteres do Rio o aguardavam. Disseram-no acabrunhado. E calcando mais uma vez na teimosia de quem quer saber a fôrça, fiz mais uma tentativa. Então me informaram que Ademar havia dito:

— Não respondo agora nem por todo o ouro do mundo.

Os jornais estavam cheios de notícias sôbre processos contra Ademar — fiquei imaginando o quanto lhe valeria naquele instante todo o ouro do mundo. Por essa frase, e pelo homem que a disse, poderão os leitores avaliar a importância dessas eleições: metade da reportagem já se achava feita.

A OUTRA METADE — A outra metade, evidentemente seria ouvir Jânio Quadros. Estava à frente em todos os cabeçalhos, era o comentário único, o assunto de tôdas as «manchettes». Mas com êste, também, esbarrei diante de um obstáculo intransponível:

— O sr. Jânio não atende. Está de cama.

Pode ser que não estivesse. Mas pelo menos era possível imaginar que estivesse com a cabeça ainda quente com o susto da vitória. Seus amigos mais chegados já davam entrevistas aos jornais. Diziam:

— Jânio já tem escolhido seu Ministério. E' certo que se candidatá à Presidência em 1955.

Naquela tarde, em São Paulo, ouvindo essas coisas, pela primeira vez pensei na existência do sr. Jânio Quadros como na de um meteoro.

O ÚLTIMO DA FILA — O último era o candidato das fôrças conservadoras, o sr. Prestes Maia. Voltei a indagar o homem da rua sôbre êle — e o inquerido não hesitou em responder:

— E' um velho, um ultrapassado!

Tentei avistá-lo — fizeram-me saber que não tinha nada a declarar. Completava-se assim a outra metade da reportagem — e sem querer, com três retratos de corpo inteiro

REVIRAVOLTA NOTURNA — Mas eleição é coisa que o diabo sabe manejar. Durante o correr da noite, o famoso interior começou a ser percorrido, e ràpidamente, enquanto o tom do rádio aumentava anunciando notícias, o sr. Ademar de Barros foi ganhando terreno. Pude verificar como o povo aceitou essa corrida: com ânsia, sôfregamente, como se coisas vitais, decisivas, dependessem dela. Ainda bem, que isto denota uma certa consciência cívica, ainda que não possamos dizer que tenham acertado em cheio na escolha.

E' difícil acertar — principalmente para êsse povo que torce ao embate de seus sentimentos mais espontâneos.

Avançando o sr. Ademar de Barros na cotação do pleito, tentei avistá-lo novamente. E fui informado:

— O sr. Ademar de Barros acha-se em Campos do Jordão.

VOLTA — Estava terminada a reportagem. Saí muito cedo, com a mesma neblina e a mesma chuva. Por todos os lados, cartazes rasgados: «Vote no melhor dos três». Perguntei novamente ao «chauffeur»:

— Em quem votou?

E êle, sàbiamente:

— Em ninguém.

E como se lembrasse de alguma coisa, ligou de repente o rádio, exatamente no instante em que novos resultados eram apregoados.

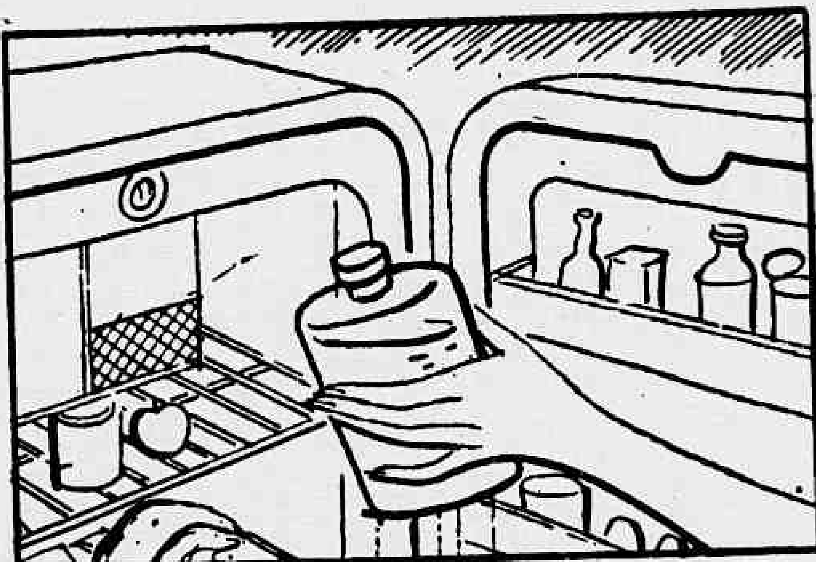
# O TOSTÃO

## *Ainda Compra*

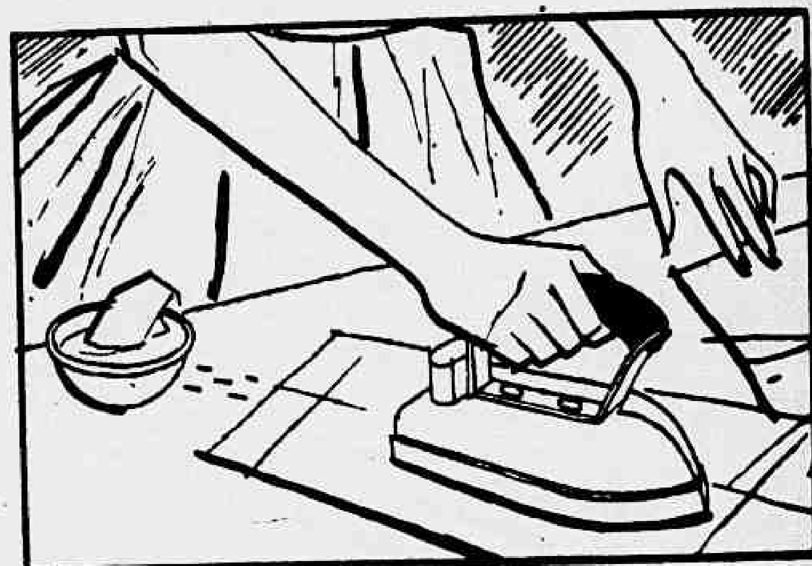




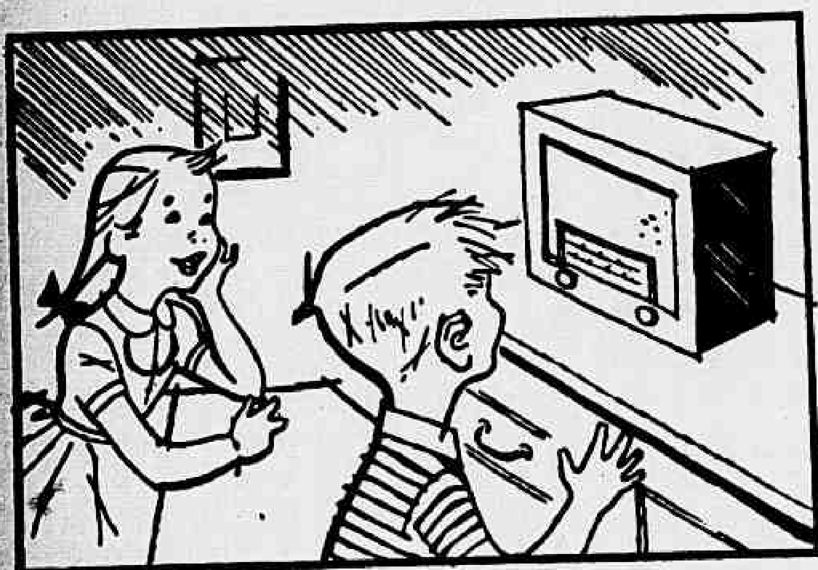

*Iluminação para ler, costurar... É uma lâmpada de 100 watts, acesa por 1 hora, custa apenas* **UM TOSTÃO.**



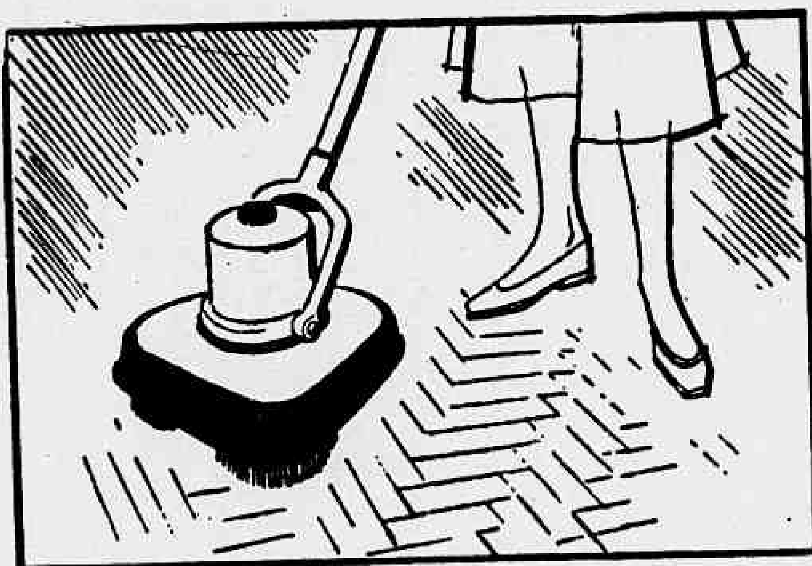
*Conservar os alimentos? Uma geladeira média faz o serviço... gastando* **UM TOSTÃO** *por hora.*



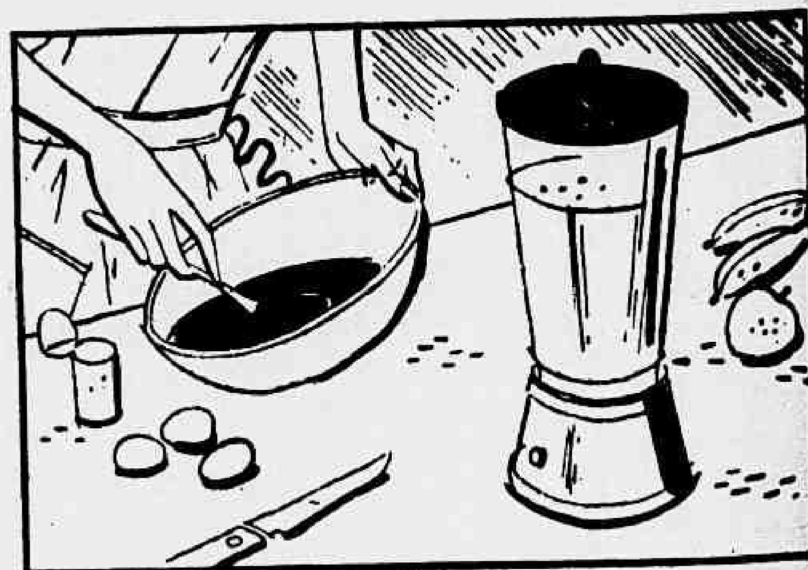
*O ferro elétrico passa muita roupa ... por* **UM TOSTÃO.**



**UM TOSTÃO** *de eletricidade é o quanto lhe custam duas horas de rádio... o bastante para ouvir diversos bons programas.*



*Em meia hora enceram-se dois cômodos. Quanto se gasta de eletricidade?* **UM TOSTÃO.**



*Vitaminas para tôda a família. Uma hora e meia de liquidificador, por* **UM TOSTÃO** *de eletricidade.*




**O tostão ainda compra tanta energia porque as tarifas de energia elétrica, no Brasil, são das mais baratas do mundo e não acompanharam a elevação do custo de produção e distribuição.**

# AS MEMÓRIAS DE OSWALD DE ANDRADE

**● A Livraria José Olímpio Editôra acaba de publicar «Sob as ordens de mamãe», 1º volume das memórias de Oswald de Andrade intituladas «Um Homem sem Profissão». Prefaciadas por Antônio Cândido, essas memórias de Oswald de Andrade — uma das grandes figuras do movimento modernista de 1922 — eram aguardadas com indisfarçável interêsse e curiosidade pela crítica e pelo público, que aprenderam a ver no autor uma das mais significativas personalidades literárias de nosso tempo. Figura marcante de sua geração, e já agora também de uma fase da história da literatura brasileira, Oswald de Andrade, com as suas memórias, oferece-nos agora uma nova chave para a descoberta de seu próprio «eu», que obras anteriores já deixavam entrever. Daí porque, como explica o prefaciador, as Memórias esclarecem a aventura lírica de Oswald de Andrade, gordo Quixote procurando conformar a realidade ao sonho. Por outro lado, aceitando a interpretação do grande crítico que é Antônio Cândido, veremos que a «aura de maluco» com que a sociedade sagrou o romancista de «Serafim Ponte Grande», não esconde totalmente o menino inconsolável em face do mundo, onde não cresceu segundo a dimensão do imaginário. Neste primeiro volume ora publicado, Oswald de Andrade relata-nos o período de sua vida que vai de 1890 a 1919, abrangendo portanto a infância, adolescência e mocidade, período também colocado sob o signo da presença materna. Não é, porém, êste livro de Oswald de Andrade nem um documento nem auto-análise, nêle fundindo-se o «eu» e o mundo num ritmo peculiar em que desaparece a independência de ambos. Ganha assim a obra um caráter em que criaturas vivas se transformam em personagens, em que certas descobertas do mundo da adolescência ou da infância adquirem o tom de autêntica poesia. A. P.**

## POESIA

*Vou pensar no mar*
*verde que ainda estou vendo.*
*Em tôda aquela gente*
*numa terra tão viva morrendo.*
*Através dêste mar*
*vou chegando a São Lourenço*
*que de longe é como ilha*
*no horizonte de cana aparecendo.*
*Através dêste mar,*
*como um barco na corrente,*
*apesar de ser rio,*
*que vou navegando parece.*
*Cortando êste oceano*
*até o Recife irei*
*que as ondas dêste mar*
*sòmente lá se detêm.*

*João Cabral de Melo Neto*

(de "O Rio", prêmio de poesia do IV Centenário da Cidade de São Paulo).

## O QUE ÊLES DIZEM:

Ledo Ivo, regressando da Europa: «Só fiz... vinte e oito poemas».

João Cabral de Melo Neto, convidado a escrever nesta revista: «Sou contra a crônica, está matando a literatura no Brasil».

Clarice Lispector, embarcando para os Estados Unidos: «Não sei escrever mais. Como é que se faz um romance?»

Eustáquio Duarte, no Grande Ponto: «São Boaventura descobriu uma nova ordem de coisas».

Benedito Coutinho, numa redação de jornal: «Ganho o suficiente para viver independente».

Burle-Marx à margem de uma entrevista: «Falar sôbre a arte dos colegas é o melhor modo de criar inimigos».

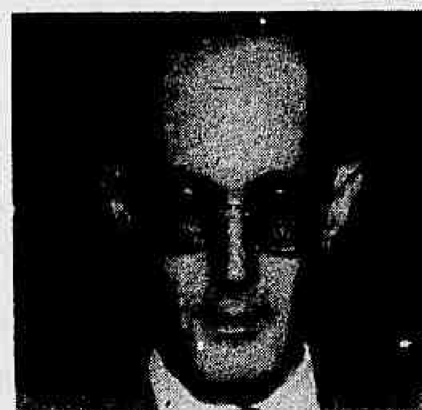
## ENTREVISTA IMAGINÁRIA
### com João Condé

P — Está cansado dos «Arquivos implacáveis»?
R — **Muitíssimo.**
P — Trocaria os arquivos por outra coisa?
R — **Por uns discos de Mozart.**
P — E os discos?
R — **É claro, por uns santos velhos.**
P — E o que não trocaria?
R — **Nada.**
P — Por quê?
R — **É a única mania de que não me canso: trocar.**

(fim da entrevista)

## NOVIDADES PARA BREVE:

«Menina morta», o novo romance de Cornélio Pena, parece continuar a atmosfera entrevista nos seus romances anteriores, onde tôda uma paisagem de Minas ressurge de modo tão pessoal e pungente.



**Já Carlos Drummond de Andrade se declara herdeiro direto de fazendeiros. Só que as terras não existem mais. De onde vem o título do seu novo livro de poesia: «O fazendeiro do ar».**

Eneida, que sabe de cor a história das madrugadas, não hesitou em escolher o título do seu livro de crônicas: «O cão da madrugada».

Octávio de Faria continua sua absorvente demonstração da tragédia da burguesia, anunciando «Atração», mais um volume do ciclo que elabora.

Antônio Calado, depois de vencer no teatro, vai ter sua peça publicada em livro, pela José Olímpio. E o que é mais, a capa é de Portinari.

Oto Lara Resende divide seus afazeres de jornalista com os de escritor, ideando «Três histórias imorais», que deverão aparecer em edição especial.



**Não é de agora que Érico Veríssimo anuncia a novela «Noite» que, ao contrário de seus últimos livros, deverá ter tamanho reduzido.**

Augusto de Almeida Filho retorna com um livro de poemas que pretende resumir tôda sua essência poética. Título: «Rondó da perdição».

## A FRASE DOS OUTROS

... PIERRE BENOIT parece que ainda existe. Segundo declarações suas, acaba de escrever um novo romance "Fogo de artifício em Zanzibar". Alguém perguntou a êle se estava contente:

— Sim, disse êle, mas o sucesso de um livro, sobretudo quase se passa em Zanzibar, é um puro jôgo...

... *STEVE PASSEUR assegura que a paciência das mulheres é sem limites. Na modista, por exemplo, experimentam cinqüenta vêzes um chapéu, antes de encontrar exatamente aquêle que o marido julgará detestável.*

... MARCEL ACHARD que realmente ainda existe, e muito vivo, é um detrator do 1900, conhecido como "la belle époque".

— Não há nada que faça evocar o velho tempo tão bem quanto uma memória ruim, diz êle.

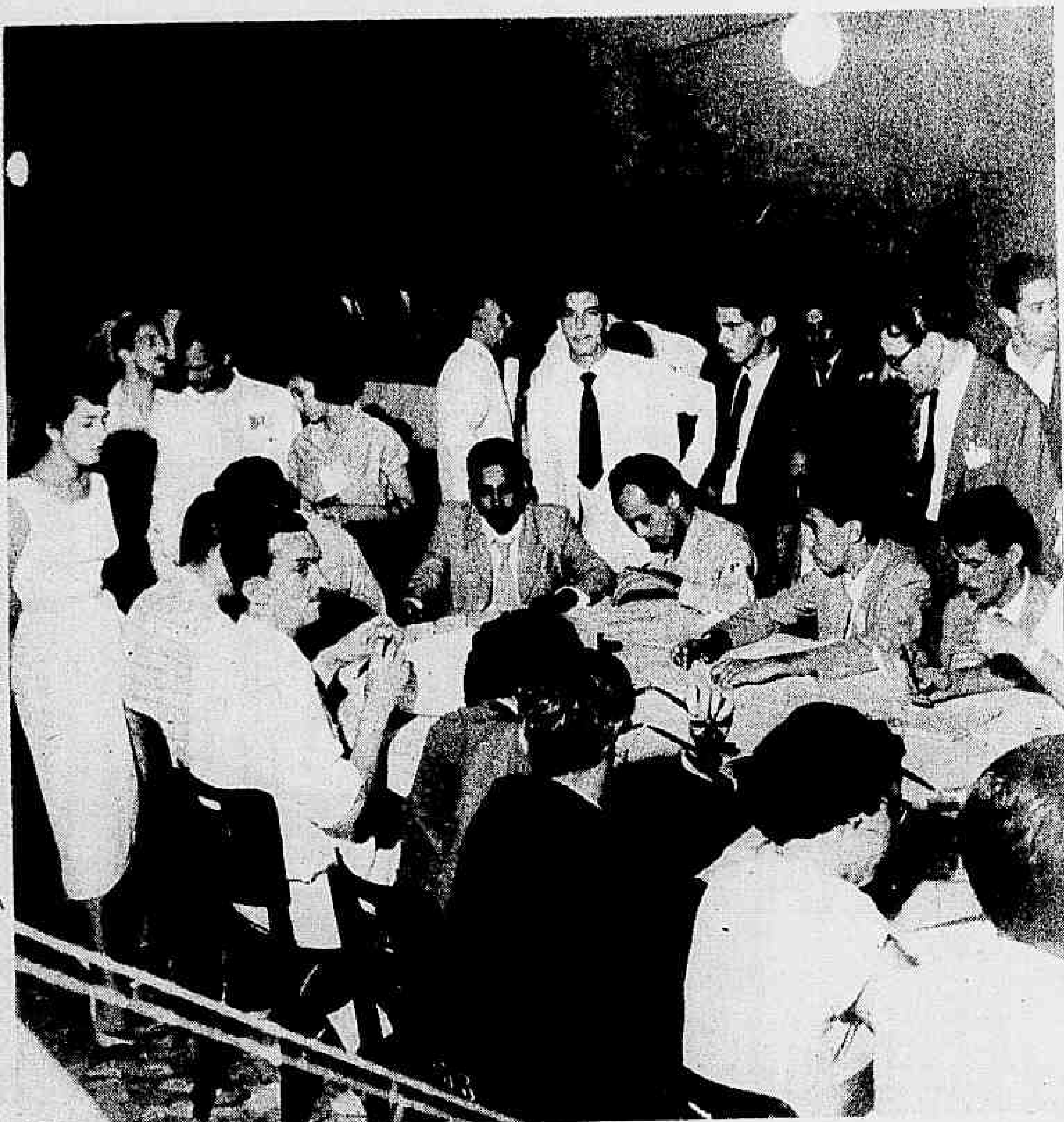
... *GEORGES DUHAMEL acabava de perder uma hora inteira com aquilo que chamamos de um cacete. Finalmente consegue voltar para casa e exclama:*

*— Bendito seja o homem que não tem nada para dizer e não diz nada.*

... GRAHAN GREENE, que continua em absoluto sucesso, afirma que o homem é a única criatura no mundo capaz de criar com tôdas as peças contratempos dos quais acabará por encontrar um meio de desembaraçar.

... *JEAN COCTEAU, mal refeito da doença que o acometeu, enviou Jean Marais para saudar Marlene Dietrich. Diz êle: "Eis que nos chega do estrangeiro uma fragata, uma figura de proa, um peixe chinês, um pássaro-livre, uma Inacreditável, uma Maravilhosa, uma amiga da França: Marlene". Parece que ela gostou.*

ANDRÉ SALVIANO




NOS PRIMEIROS DIAS A AFLUÊNCIA ERA ENORME. DEPOIS VIERAM AS DECEPÇÕES, E OS CANDIDATOS CONTA-GOTAS FORAM SUMINDO, ENQUANTO FIGURINHAS SIMPÁTICAS, DE MÃO NO QUEIXO, DERAM PARA MEDITAR...

# Sinal dos tempos

● *Um candidato qualquer, dêsses muitos que a ambição política, e mais do que isto, a inconsciência nacional fêz aflorar à tona das eleições, queixava-se outro dia de que a briga Aliança Nacional-Partido Trabalhista, havia prejudicado, e grandemente, a votação dos outros partidos. Ora, o que nos caracteriza no momento, como democracia orientada e consciente, é uma espécie de imaturidade política, uma gratuidade nas ações e nos programas, que antes de estruturar um partido forte e fundamental no conceito do povo, ergue nomes isolados, cercados de simpatias ou paixões, mas que nada significam como veículo de uma nação pensante e dona dos seus destinos. Poderíamos apontar êste ou aquêle candidato, brutalmente erguido à posição de semi-deus, isolado dos programas, sem raízes em qualquer espécie de tradição, sem outra coisa senão a ambição e uma promessa vaga de populismo, que em última análise, é a válvula por onde se faz escorrer o óleo denso e escuro das mais secretas ambições. No entanto, não é êste o ponto que desejamos ferir hoje, pois outras e bem várias são as lições que aproveitamos do pleito de que acabamos de emergir. A favor dessa imaturidade, preferimos escolher, por exemplo, o espetáculo contristador e provinciano do Maracanã, povoado de candidatos sem eleitores, de ambições sem meta, de celebridades em curso apenas nas tabuletas de propaganda. E quem quiser verificar um sinal contristador dessa imaturidade de que falamos, basta relancear a vista para êsse local a que a imprensa já denominou "muro das lamentações", no próprio Maracanã, e onde os "colegas" de azar, confraternizando-se, choram suas mágoas e suas mais recentes desilusões eleitorais.*

*Espetáculo contristador, repetimos, porque melhor do que nenhum outro faz repontar a nossa inconsciência da dignidade política, da gravidade de um mandato disputado, da sobrevivência do que em nós se chamou austeridade e discrição. Não, evidentemente não estamos vivendo época de atitudes calmas e contidas — mas exatamente por isto, exatamente porque é grave, é que se impunha um maior pudor nessas ambições desataviadas, para que o povo, que emprestou ou negou seu voto, não viesse mais tarde a zombar de si próprio, apiando sem nenhuma complascência, êsses deuses ingênuos de seus altares.*

*No entanto, e vislumbramos aqui a primeira, a decisiva lição séria dêsse pleito, nenhuma maturidade política se faz com a consciência inteira de um povo. E o próprio reboliço dêsses neófitos da vida pública, que faz ressaltar isto a que o vereador desiludido chamou de "briga entre o PTB e a UDN". A luta existe realmente, e não é uma simples luta de partidos, nem um combate de líderes à procura de votos. Não. O que existe é um compromisso entre duas ideologias — se uma delas se pode chamar de "ideologia" — uma concepção de vida diferente, o embate de duas fôrças contrárias, que sòzinhas assumem e exaurem todo o interêsse, tôda a compreensão e tôda a paixão do povo. São sentimentos dessa ordem que dão nascimento aos partidos verdadeiros. São êles que estruturam para a permanência, a fisionomia de dísticos que se podem usar sem pejo na pugna dos pleitos. Acabou-se a fragmentação, a dispersão através de mil pequenos partidos sem importância e sem voz ativa na hora grave que estamos vivendo. Não há lugares para essas crianças da vida política, para êsses sêres imberbes que se querem imiscuir no fragor da batalha. Sem querer, é o próprio povo que elege, é quem esculpe a imagem de suas preferências. Escolhendo a UDN e o PTB, que importa, delineia ao mesmo tempo a face de sua contenda. É o primeiro sinal, confortador pelo menos, de que podemos ambicionar um futuro de maturidade, de saneamento político, de luta séria e profícua. Assistamos pois, sem remorso, o furor impotente dos que vão desaguar frente ao "muro das lamentações". Êles representam, felizmente, uma época ultrapassada em que tudo era lícito esperar das faixas barrocas e dos dizeres berrantes ao longo de ruas intransitáveis.*


Menezes Côrtes


Eugênio Gudin

# O QUE SE FÊZ, O QUE SE DIZ, O QUE SE FAZ

**As coisas mudam: os contínuos do Palácio do Catete voltaram a usar o uniforme do regulamento.**
**Não se sabe desde quando haviam deixado de usá-lo — provàvelmente à espera de uma promoção do tenente Gregório.**

● REFORMA — O chefe de Polícia Geraldo Menezes Côrtes está reformando tudo e pondo todo mundo na ordem. Um escriturário classe Barnabé indagou:

— Por que não reforma êle os honorários, já obsoletos?

● CANDIDATO — O sr. Alcides Miguel de Oliveira foi dos candidatos mais votados para vereador no Distrito Federal. No entanto, pesa sôbre êle uma negra suspeita; ser um comunista disfarçado. O candidato do PR tem protestado com violência:

— «Não compreendo êsse movimento contra mim, disse. Não sou nem serei nunca comunista. Morrerei PR».

● ADEMAR DECLARA — Êste Ademar, mesmo sem fazer declarações está sempre declarando. Por exemplo, afirma agora: «Serei de qualquer forma candidato à Presidência». Quem duvida?

● NÃO SE INCOMODE — O sr. Lutero Vargas afirma aos amigos mais inquietos: «Não se incomodem, o PTB vai ganhar». E a votação continua caindo em massa sôbre Carlos Lacerda.

● REAÇÃO — Em São Paulo a coisa não está boa, motivo porque o sr. Lucas Garcez, nervoso, resolveu processar um jornalista. Motivo: publicações caluniosas contra sua pessoa. Se a moda pega...

● DISPOSIÇÃO — O sr. Gilberto Marinho continua firme na intenção de jamais disputar cargos eletivos. Mostra-se um tanto assustado. Causa: dizem que êle gastou muito dinheiro com a própria eleição.

● LUTERO ACORDA CEDO — Dizem os jornais que o sr. Lutero Vargas tem acordado cedo. O que significa, bem traduzido, que êle não quer dormir no ponto.

● GUDIN ELOGIADO — Proclama Gudin: «Abolir excessos e exigências, para atrair o capital estrangeiro». Jornais americanos comentam: «Gudin pode salvar o Brasil».

● ESTADO DO RIO — Miguel Couto continua na frente — Pereira Pinto retoma — Miguel Couto continua na frente — Pereira Pinto retoma — Até quando? Exatamente na data de hoje ainda faltam 24 municípios...


Gilberto Marinho

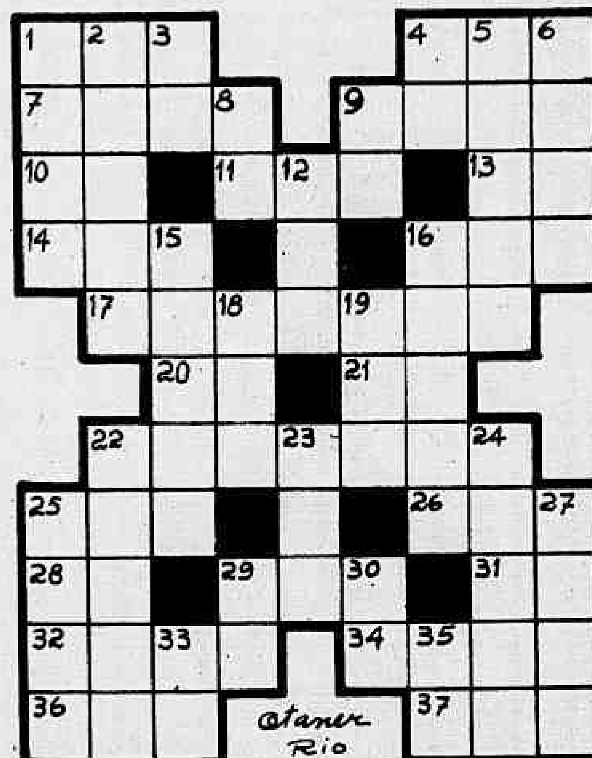

Lutero Vargas

# Palavras Cruzadas

## PROBLEMA Nº 37

### PARA VETERANOS

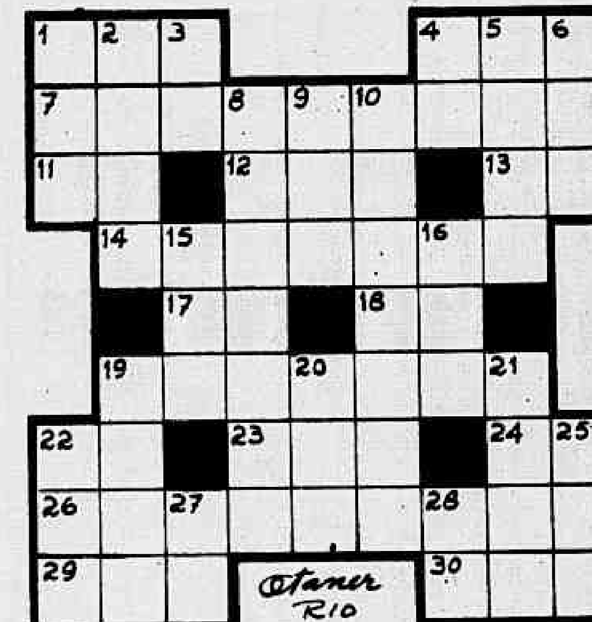
HORIZONTAIS: — 1. Regra adotada — 4. Tudo o que apresenta flutuações — 7. Borboleta diurna — 9. Cumieira — 10. Nota musical — 11. Fútil — 13. Grito de dor — 14. Gênero de formigas — 16. Espécie de enguia — 17. Relativa à música — 20. Vigésima primeira letra grega — 21. Cidade da Nova Caledônia, na ilha de Maré — 22. Agita-se com a aragem — 25. Dois — 26. Idade — 28. Outra coisa — 29. Cidade dos Estados Unidos — 31. Desinência verbal — 32. Divisão dos meses dos antigos romanos — 34. Antiga medida que equivale a uma braça — 36. Mordacidade — 37. Rio da Suíça.




VERTICAIS: — 1. Constelação do Norte — 2. Direito — 3. Segundo — 4. Nota musical — 5. Cabo com que se estendem as velas — 6. Pessoa turbulenta — 8. Ùnicamente — 9. Símbolo do metal de pêso atômico 58,94 — 12. Espécie de tecido de lã — 15. Balouçar — 16. Imagem pintada da Virgem ou de um santo — 18. Causa — 19. Espécie de palmeira — 22. Mania — 23. Governador da província muçulmana — 24. Areia de grã grossa com todos os componentes da rocha original — 25. Clima — 27. Cultivar — 29. Epiglote — 30. Intervalo de um semitom na música chinesa — 33. Sufixo designativo de naturalidade — 35. Nota musical.

### PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Fileira — 4. Parelha — 7. De Sergipe — 11. Prefixo que denota posição em derredor — 12. Argola — 13. Sufixo designativo de agente — 14. Não certas — 17 Contração — 18. Desinência verbal — 19. Naftilsulfato de cálcio — 22. Brisa — 23. Segue — 24. Símbolo químico do ouro — 26. Cidade e pôrto do Paraná — 29. Nome próprio masculino — 30. Entreguei.




VERTICAIS: — 1. Membro de ave — 2. Peça do barco que lhe dá direção — 3. Aspecto — 4. Instrumento agrícola — 5. Espaço de doze meses (pl.) — 6. Grande porção — 8. Caia garoa — 9. Raiva — 10. Têria possibilidade, fôrça — 15. Chefe etíope — 16. Argola — 19. Lavrar — 20. Deus dos pastores — 21. Nome dado a um cação — 22. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 25. Interjeição de espanto — 27. Sorri — 28. Símbolo químico do gadolínio.

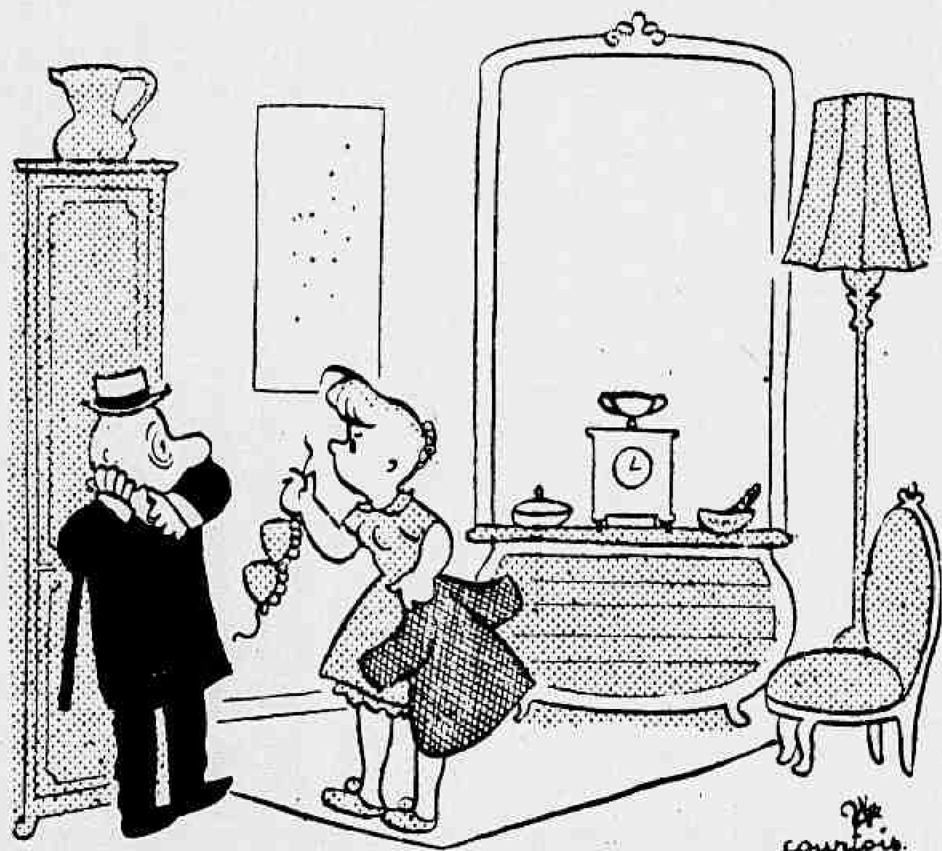
## SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 36

### PARA VETERANOS

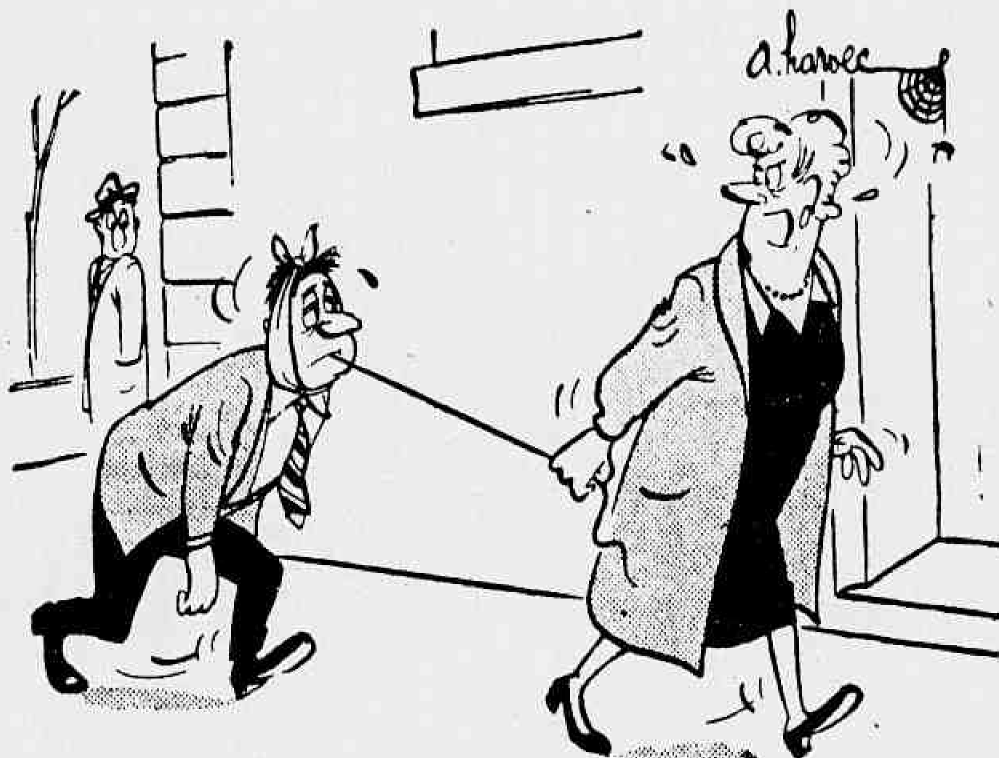
**HORIZONTAIS: — la — Ba — tal — rua — aí — ira — Ar — lene — faro — anion — cá — Na — atuei — aura — Isis — ra — rir — Ma — iri — ano — ao — só.**
**VERTICAIS: — lá — alienatário — brafoneiras — Au — tié — Aar — ala — ror — nacar I anais — par — Asa — uai — imo — Ra — nó.**

### PARA NOVATOS

**HORIZONTAIS: — nada — lata — unia — aral — li — mar — lá — ola — ror — reata — ata — sua — mi — dar — tu — aruá — irar — rami — oira.**
**VERTICAIS: — nulo — anil — di — aam — lar — ar — talo — alar — amada — ara — ras — amar — tira — utar — aura — daí — rio — um — ri.**



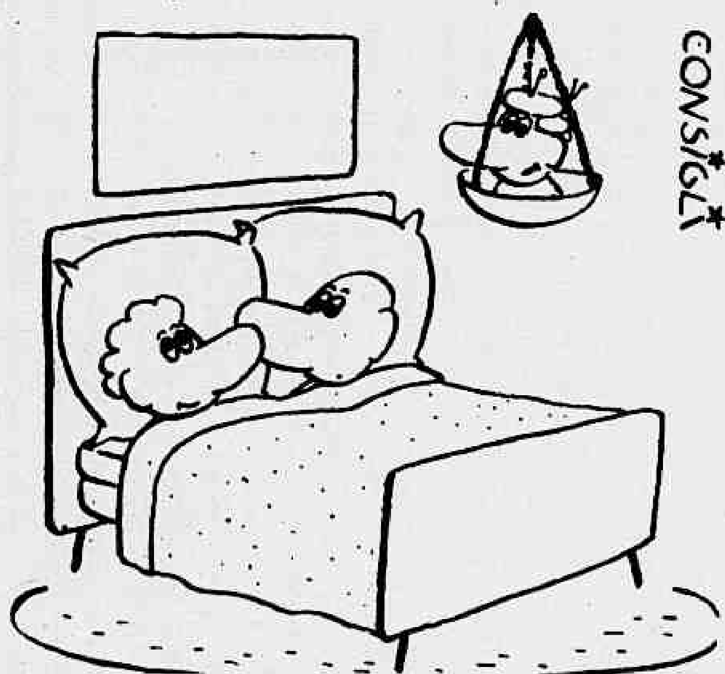
— Será que eu sei, querida? Juro como não fui eu...



— Vamos, rápido, ao dentista!

# Marido e mulher no

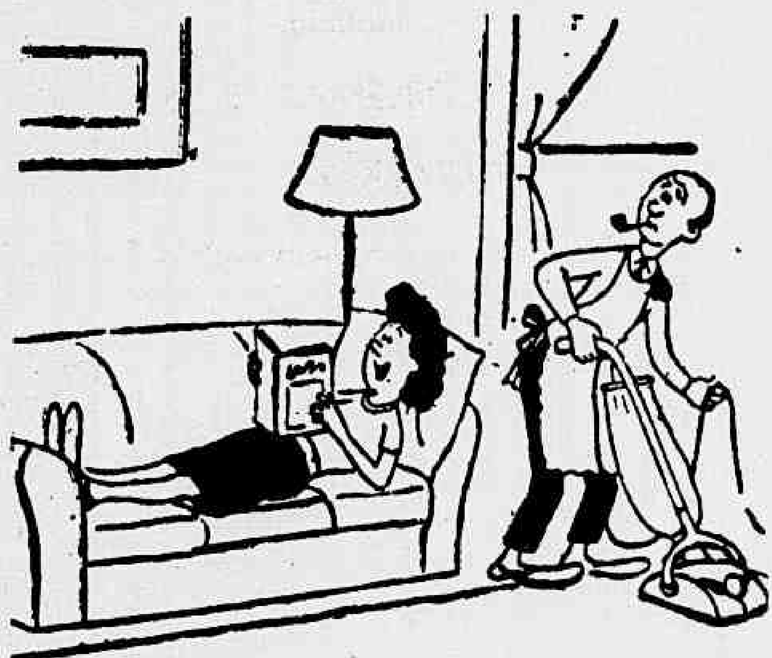
# RISO DOS OUTROS



— Espero que sua mãe não tenha a boa idéia de vir morar conosco.



— Vamos, Arnold, volte e não se faça mais de criança...



— Um excelente artigo neste magazine explica porque as mulheres vivem mais tempo do que os homens...



SEM LEGENDA



— Realmente é pena... Cada vez que você se zanga a gente tem de chamar o pintor...

TESTEMUNHO DE ADALGISA NERY:

# "EU FUI AMIGA DE VARGAS"

# O ponto de vista da poetisa sôbre os acontecimentos que abalaram o país — Interêsse de Vargas pela literatura — Como encarou a investidura de Café Filho — As novas diretrizes do país — Uma política de austeridade

Reportagem de ALDNEY PEIXOTO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

MUITA gente já se manifestou sôbre os acontecimentos que culminaram com o 24 de agôsto. Mas essa gente tôda tem sido mais ou menos oficial, chefes de gabinete, chefes militares, ministros, etc. Faltava a palavra de alguém que tivesse sido assídua em palácio, não como ocupante de cargo oficial, mas como amiga. Lembramo-nos imediatamente da figura de Adalgisa Nery, grande poetisa que desde o Estado Novo vem acompanhando a acidentada trajetória da família Vargas. Ela nos poderia fornecer o que desejávamos, e ao mesmo tempo poderia fazer uma demonstração de suas idéias a respeito, que não seriam as idéias de qualquer um, pois exprimiriam o pensamento de um alto nome intelectual do Brasil, e ao mesmo tempo a visão de uma mulher que seguiu de perto todo o drama que explodiu no suicídio do Presidente Vargas.

O INÍCIO DO DEPOIMENTO — Adalgisa Nery não se furtou a falar sôbre os lutuosos fatos de agôsto, ao contrário, veio ao encontro dos nossos desejos e declarou logo:

— Recebi a notícia de tudo com um tremendo choque emocional. Como personalidade, sempre admirei Getúlio Vargas. Homem profundamente bom, de trato simples e cordial. Foi um amigo inesquecível e atencioso nas minhas horas confusas, e sempre tive da sua parte uma palavra de acolhimento e simpatia. Durante a crise, algumas vêzes jantei com a família Vargas e sentei-me ao seu lado. Não posso deixar de recordar a sua delicadeza informando-se da minha saúde, dos meus planos de vida, do meu trabalho de escritora, da minha atuação na Associação Brasileira de ajuda ao Menor, das perguntas que fêz em relação a diversos intelectuais como José Lins do Rêgo, Amando Fontes, Dinah Silveira de Queiroz, Raquel de Queiroz e outros, elogiando e citando crônicas de Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade e interessando-se pelas novas publicações de José Olímpio. Em todos os momentos sombrios manteve sempre uma serenidade admirável. Nos últimos dias pude percèber uma grande tisteza no seu rosto, mas suas palavras eram sempre envolvidas de gentileza e carinho para todos aquêles que o cercavam.

A MADRUGADA DE 24 DE AGÔSTO — Na madrugada de 24 de agôsto — continuou Adalgisa Nery — regressei mais cedo à minha casa e pareceu-me que na corrente dos acontecimentos anormais, tudo estava resolvido da maneira mais normal possível. Em casa, acompanhei pelo rádio o andamento dos fatos e pela manhã ao ouvir a notícia da morte de Vargas, estremeci como se a tragédia fôsse dentro da minha própria família. Ao vê-lo e tocar com as minhas mãos vivas, as suas já frias, fui tomada de uma emoção profunda. Senti-me em todos os acontecimentos finais, um valor como parte dos documentos vivos da história. O doutor Getúlio Vargas não é figura para ser julgada pelos fanáticos amigos ou os acérrimos inimigos, no espaço de horas ou dias. O tempo eliminará os julgamentos assimétricos e o classificará na ordem dos valores que êle merece, independente das simpatias, paixões ou malquerenças.

A essas palavras seguiu-se um silêncio, e como percebêssemos que Adalgisa Nery já nos tinha livrado o melhor de sua emoção, indagamos o que ela pensava da investidura de Café Filho. Ela não se furtou ao nosso inquérito.

CAFÉ FILHO, HOMEM SEM LIBERDADE — Recebi a notícia de sua investidura, começou ela, como se fôsse êle próprio. Numa substituição advinda de um impedimento normal, o fato em si deveria ter sido recebido com sóbria alegria, pelas árduas e pesadas responsabilidades que a função determina. Entretanto numa investidura cercada de drama, numa atmosfera de cálculos imprevisíveis e de acontecimentos sombrios, creio que para o senhor Café Filho tôda a satisfação natural, justa e humana de homem público que almeja com todos os direitos alcançar a posição máxima de Chefe da Nação, êsse fato vèio cercado de conflitos e despido de tôda alegria. O senhor Café Filho teve sua ascensão política no país em linha vertical e a sua vida pública foi processada dentro de princípios humanos e conceitos democráticos. Compreendo perfeitamente que essa investidura à Presidência da República, da forma dolorosa e apreensiva como se apresentou, não estava absolutamente dentro dos seus sonhos e das naturais ambições a que um homem sensível e observador como o senhor Café Filho desejava.

Penso que sem deixar de ser cordial e de natureza alegre, traços marcantes, entre outros, da sua personalidade, êle deve ser hoje o brasileiro com menor parcela de liberdade e, com os maiores receios pelas simples alegrias, único sem o direito de falhar, e o mais íntimo amigo da sobriedade. Por tôdas as razões, essa investidura não teve a característica de um prêmio.

AS NOVAS DIRETRIZES DO PAÍS — Queríamos saber ainda o que ela pensava sôbre as novas diretrizes que o país havia tomado. Ainda sôbre essa questão, a sua resposta foi pronta:

— Durante o mês de agôsto último, acompanhei como amiga da família Vargas o desenrolar dos acontecimentos que culminaram de forma tão trágica. Vivendo de emoção em emoção, pressentindo a realidade em tôdas as gamas, assistindo à conduta admirável de dona Darcy, de

**"... NÃO VAMOS CULPAR O DR. GETÚLIO VARGAS PELO DESDOBRAMENTO VIOLENTO DA AUTORIDADE MAL APLICADA. TODOS TEMOS CULPA, E TODOS PARTICIPAMOS PARA OS ACONTECIMENTOS ..."**









**"... RECEBI A NOTÍCIA DE TUDO COM UM TREMENDO CHOQUE EMOCIONAL. COMO PERSONALIDADE SEMPRE ADMIREI GETÚLIO VARGAS, HOMEM PROFUNDAMENTE BOM, DE TRATO SIMPLES E CORDIAL..."**

quem jamais ouvi uma palavra de revolta ou de rancor contra quem quer que fôsse, acompanhando seu sofrimento mantido num plano de extraordinária dignidade, sentindo de perto as convulsões se processando para o acontecimento definitivo, nunca perdi entretanto a perspectivo necessária à minha integração de brasileira no panorama do país. Plantei-me nos fatos como estou habituada a fazer comigo mesma. Da superfície, dirigi-me à profundidade para chegar às bases do problema e raciocinar com mais firmeza e amplidão. Em nenhuma época da minha vida conservei distância nem indiferença aos processos políticos e sociais do mundo e jamais poderia negar a minha participação ao que se passava no meu país naqueles inesquecíveis dias. O Brasil estêve e está acima do meu universo emocional. Estou certa de que o fato da mudança de homens não a afasta dos seus rumos, das suas diretrizes, das suas dependências e conveniências. Êle não caminha por deliberação de uma cúpula. As nossas reservas financeiras provenientes da venda do café, o Plano Salte iniciado no govêrno do Marechal Dutra, com o seguimento no período do Presidente Vargas e certamente sem interrupção no tempo governamental do Presidente Café Filho; a política rodoviária, o nosso esfôrço pela economia de base — o carvão, o petróleo energia e siderurgia e a política cambial, são diretrizes e rumos definitivos para um programa elaborado por leis próprias que não dependem da substituição de homens e qualquer Presidente terá de segui-los e aplicá-los.

POLÍTICA DE AUSTERIDADE — Faltava-nos ainda uma última pergunta — se a poetisa acreditava na apregoada política de austeridade que vamos seguindo. E ela respondeu:

— A austeridade, no sentido moral de bons costumes, é um dever e não uma possibilidade. Não vamos culpar o doutor Getúlio Vargas pelo desdobramento violento da autoridade mal aplicada. Todos temos culpa e todos participamos para os acontecimentos. Os amigos porque não souberam ajudá-lo com mais eficiência, e os inimigos porque o atacaram pessoalmente sem reconhecerem as suas intenções e as suas boas realizações. A austeridade imprescindível do govêrno foi afastada quando governadores, ministros, industriais, militares, políticos enfim de categoria e de responsabilidade, saíram da respeitabilidade de suas funções para trocarem favores e simpatias com pessoas que sabiam sem função legal e idoneidade moral para uma aproximação honesta.

CONCLUINDO: — E Adalgisa Nery, concluindo sua entrevista, acrescentou:

— Depois de experiências tão duras em que até o sangue entrou na composição dos acontecimentos, o Brasil seguirá sua caminhada num ritmo seguro e tranqüilo. E' necessário que cada um cumpra o seu dever e sejam devolvidas às palavras, às responsabilidades e aos juramentos de honra, as suas verdadeiras almas. Necessitamos de seriedade e, acima de tudo, parar para pensar.

É realmente notável a ação da

# Tricomicina

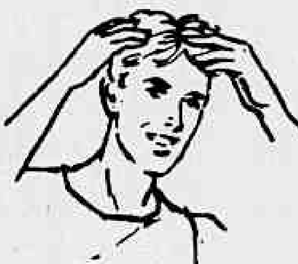
no combate à calvície e suas diversas manifestações.





Se os seus cabelos estão caindo ou se o senhor já é acentuadamente calvo, não hesite mais: comece a usar ainda hoje a loção TRICOMICINA que promove a recuperação dos cabelos perdidos, assegura a permanencia dos que ainda existem, elimina a caspa e a seborreia e higieniza o couro cabeludo, deixando-o livre de quaisquer impurezas.

APLIQUE ASSIM A TRICOMICINA :



1. - Faça uma vigorosa massagem, com as pontas dos dedos, em tôda a cabeça.



2. - Com um algodão embebido em Tricomicina friccione fortemente todo o couro cabeludo.

**Tricomicina**

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS


# MARIA

(Continuação da página 33)

— Nos meus? Você me obriga a dizer às senhoritas que eu teria aproveitado mais, caso você não tivesse insistido em aprender ao mesmo tempo que eu.

— Porém isto consistiu em que ela tinha esperança de satisfazer você em dezembro passado, já que esperava vê-lo no primeiro baile que se desse em Chapinero.

A guitarra se achava afinada e Carlos tocou uma contradança que êle e eu tínhamos motivos para não esquecer.

Que lembra a você esta peça? — perguntou pondo a guitarra perpendicularmente sôbre os joelhos.

— Muitas coisas, ainda que nenhuma em particular.

— Nenhuma? E aquêle lance que teve lugar entre os dois, na casa da senhora?

— Ah, sim, já me lembro.

— Tratava-se, disse, de evitar um mau pedaço à nossa zelosa mestra. Você dançava com ela, e eu...

— Tratava-se de saber qual dos dos casais devia iniciar a contradança.

— E você deve confessar que triunfei, pois cedi o meu lugar, replicou Carlos rindo.

— Eu tive a fortuna de não me ver obrigado a insistir. Faça o favor de cantar.

Enquanto durou êste diálogo, Maria, que ocupava com minha irmã o sofá em frente do qual nos achávamos Carlos e eu, fixou por um instante o olhar em meu interlocutor, a fim de observar o que sòmente para ela era evidente, isto é, que eu me achava contrariado; e fingiu logo distrair-se desmanchando sôbre o regaço as extremidades de suas tranças.

Insistiu minha mãe para que Carlos cantasse. Êle entoou com voz cheia e sonora uma canção que andava em voga naqueles dias, e que começava assim:

O ronco é da guerra trompa
que talvez chame à sangrenta lida,
e entre o rumor de belicosa pompa
marcha a tropa contente para o campo.

Logo que Carlos acabou sua trova, suplicou à minha irmã e a Maria que cantassem também. Esta parecia não ter ouvido do que se tratava.

Haverá Carlos descoberto meu amor, dizia eu a mim mesmo, e sentiu prazer em falar daquele modo? Convenci-me depois que o havia julgado mal, e que se êle era capaz de uma ligeireza, jamais o seria de um ato maldoso.

Ema se achava pronta. Aproximando-se de Maria, disse:

— Cantamos?

— Porém, que posso eu cantar? — respondi eu.

Aproximei-me de Maria para dizer-lhe a meia voz:

— Você não gosta de cantar coisa alguma?

Olhou-me então como o fazia sempre ao dizer-lhe eu algo no tom com que pronunciei aquelas palavras. Durante um instante bailou em seus lábios um sorriso semelhante ao de uma linda menina que desperta acariciada pelos beijos de sua mãe.

— Sim, as fadas, respondeu.

Os versos desta canção haviam sido compostos por mim. Ema, que os havia encontrado em meu escritório, adaptou-os à música de outros que se achavam na moda.

Numa daquelas noites de verão em que os ventos parecem convidar ao silêncio para escutar vagos rumores e ecos longínquos; em que a lua demora ou não aparece, temendo que sua luz se torne importuna; em que a alma, como uma amante adorada que por momentos nos deixa, afasta-se de nós pouco a pouco e sorrindo, para voltar mais do que nunca amorosa; numa noite assim, Maria, Ema e eu nos achávamos no corredor do lado do vale, e depois desta última haver arrancado da guitarra alguns acorde melancólicos, combinaram elas suas vozes incultas porém virgens como a natureza que cantavam. Surpreendi-me, e pareceram-me belas e sentidas minhas pobres estrofes. Terminada a última, Maria apoiou a fronte no ombro de Ema; quando a levantou, murmurei entusiasmado ao seu ouvido o último verso. Ah, êles parecem conservar ainda de Maria não sei que aroma — algo como a umidade de suas lágrimas.

Sonhei vagar por bosques de palmeiras
cujas louras plumagens, ao fundir
seu disco ao sol nas longínquas serras
cruzavam resplendores de rubi.

O límpido lago se tingiu de rosa
a superfície calma e azul,
e em suas margens garças e pombas
pousavam nos alamos e bambus.

Muda a tarde, ante a noite muda
as gases de seu manto recolheu;
do mar adormecido em suas espumas
a lua elevou-se, e aos seus pés o sol.

Vem comigo vagar sob as selvas
onde as fadas afinam meu alaúde;
elas me disseram que comigo sonhas,
que me farão imortal se me amas.

Meu pai e o senhor de M. entraram no salão assim que a canção terminou. O primeiro, que só cantarolava entre dentes uma ou outra ária de seu país, nos momentos que seu espírito era absolutamente tranqüilo gostava de música e freqüentava bailes na sua juventude.

Dom Jerônimo, depois de sentar-se tão cômodamente como pôde num velho sofá, bocejou seguidamente duas vêzes.

— Ainda não havia escutado essa música com êsses versos, disse Carlos para minha irmã.

— Ela os leu num jornal, respondi, e puseram a música com que se cantam outros. Acredito que são ruins, acrescentei. Publicam tais bobagens desta espécie nos periódicos! São de um poeta de Havana. Reconhece-se que Cuba tem uma natureza semelhante ao do Cauca

(Cont. no próximo número)



As srtas. Irany e Iracy Jordão conversam com os srs. Cunha Lima e Versírio Fontes.

# SEXTA-FEIRA DE PREGUIÇA

PETER

● Hoje é sexta-feira, isto é, dia de escrever e entregar esta coluna. Acontece que eu estou sem um assunto muito especial que seja maior do que esta preguiça que é especialíssima. Poderia escrever que bom que foi a feijoada do sr. Manoel Tavares de Sousa, e já tinha mesmo um título enciclopédico para as considerações filosóficas em tôrno de uma festa não muito filosófica que assisti. Mas, como é difícil ser inteligente numa tarde assim, de um sol assim que lembra a praia, raquete, mergulho na onda e uma porção de coisas que não dão dinheiro mas fazem bem à estrutura da alma da gente. Penso na frase do meu caro amigo Liberal: «Bola pra frente». É mesmo, tenho que mandá-la para frente, pois o paginador já olha inquieto para o meu lado. Ah, vem-me à cabeça um assunto que parece prestar. Já tenho até um título: «Da razão do sucesso nas reuniões sociais e o que se compreende por «sucesso». Parece bom, mas vai dar trabalho. E, se dá trabalho, passemos a outro ràpidamente. Poderia, quem sabe, fazer uma coisa muito prática e que vem sendo muito usada, que é esticar tanto uma nota social que, pelo tamanho, ela pareça uma crônica. Eu mesmo já fiz isso algumas vêzes. Agora, por exemplo, diria que a festa da «Glamour Girl» está sendo examinada nos seus mínimos detalhes pelos seus organizadores, os cronistas Ibrahim Sued e Jacinto de Thormes e aproveitaria para enfiar na história algumas das mais glamourizadas moças da nossa sociedade (o que incluiria, evidentemente, a srta. Ilde Garavaglia), os pés de Marta Rocha, os pijamas riscados, as senhoras que estivessem esperando a cegonha (que não entrariam no concurso da «Glamour», é certo), algumas proezas do Willi e, para encher o resto do espaço que me falta, geladeira, geladeira e mais geladeira. «Fantasias e Fantasias» e «Do Entrudo ao Vale Tudo» poderiam aqui ser abordadas também, na forma de comentário, o que também ajuda a fazer volume. Mas, acontece que a preguiça é muito grande e, por hoje, basta.

● **FEIJÃO COM MOCOTÓ NA URCA**

Tivemos uma feijoada completíssima oferecida pelo simpático casal Manoel Tavares de Sousa, na semana passada. Ao acontecimento compareceram, entre outras pessoas, as srtas. Glória Nader (a quem só conhecia por telefone), Beatriz Galhembeque, Helena Prazeres, Maria Helena Prado, Sônia Gonçalves, baronesa de Wrede e os srs. Daniel Tolipan, Carlos de la Madriz, Murilo Gondim e Waldemar Schiller. O almôço virou reunião que a simpatia do casal fêz passar das dez da noite.

● **MAS ÊLE FUMA CHARUTO...**

O diálogo que passo a transcrever passou-se no «Vogue» e é publicado com autorização das autoras do mesmo.

«— Você não o acha um homem alinhado?»

Respondeu a outra apontando para um cavalheiro mais ou menos próximo que jantava:

«— Não. Repare bem que êle tem cara de português. Veja que barba cerrada.»

«— É... nunca havia notado isto. Mas dizem que êle tem um belo sotaque, quando tenta falar português.»

«— Nunca falei com êle.»

«— Dizem também que tem uma belíssima pronúncia inglêsa.»

«— Ora, meu Deus, até mordomo, na Inglaterra, fala bem inglês.»

«— Você parece que está de má vontade com êle.»

«— Não. Nem o conheço. Mas veja só. Não compreendo como uma moça pode aceitar convite para jantar com um homem que fuma charuto após às refeições.»

«— É. Realmente você tem razão. Que charuto gigantesco e como cheira!»

Nesta altura da conversa, paramos o diálogo e recomendamos ao cavalheiro em questão que deixe urgentemente os charutos por cigarro, pois, de outra forma, dentro em breve, não terá mais companhias para sair à noite.

● **O VESTIDO DE MARTA ROCHA**

Na semana passada ou retrasada (esta coluna é feita com dez dias de antecedência) fui convidado para assistir ao desfile da coleção de verão do sr. Nazareth. Nesta tarde, dominaram a situação Elsa, Norma Tamar e Vera que fizeram sucesso, principalmente, com os modelos «Espigas negras», «Lírios do Vale» e ainda «Ondas brancas». Os tecidos são originais e exclusivos. A nota emocionante da tarde foi a presença de Marta Rocha que foi presenteada com um caríssimo (30 mil cruzeiros) modêlo da coleção que desfilou para alegria de todos nós.

● **VALTER E «SOMBRA» REÚNEM GENTE**

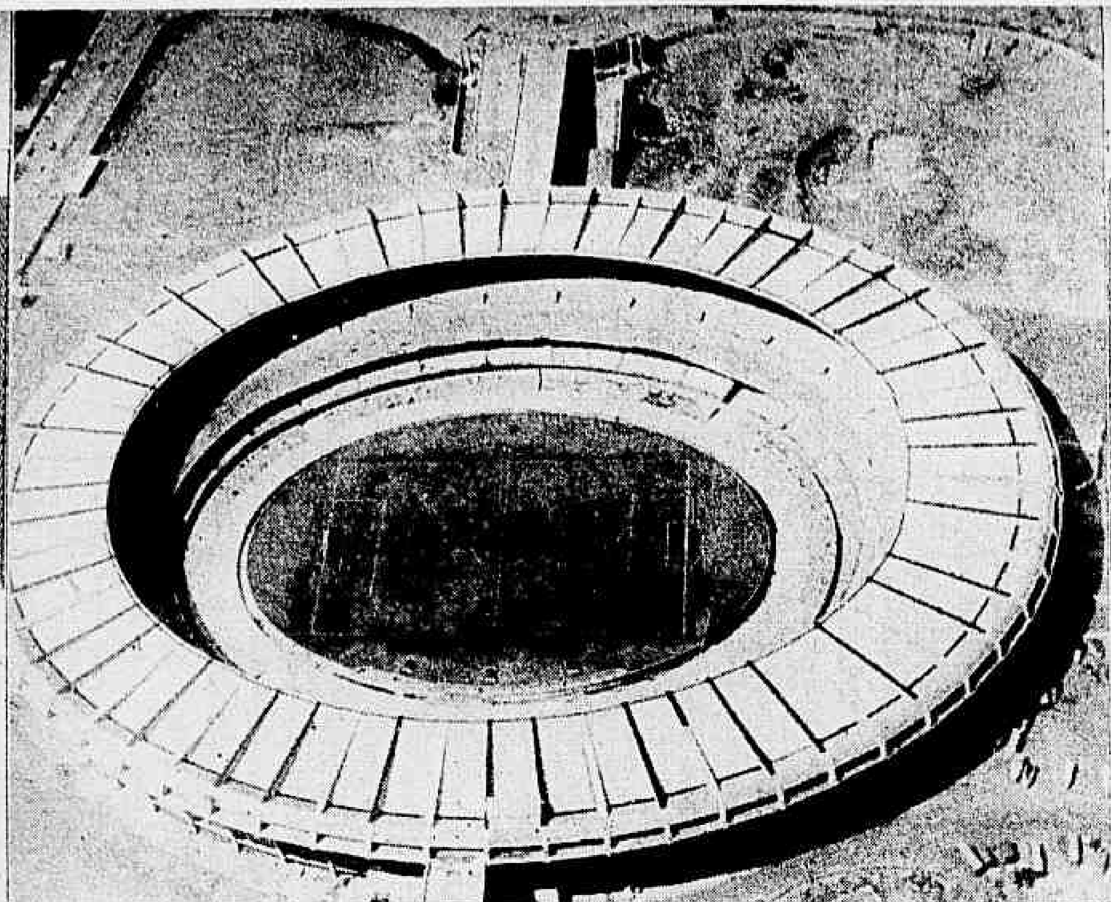
Visando reunir gente e expor suas idéias para a remodelação total de sua revista, «Sombra», o sr. Válter Quadros ofereceu um dos mais alegres e divertidos almoços a que tenho ido. Houve até mesmo um breve «speech» do sr. Fernando Ferreira que deve ter feito arderem as orelhas de muita gente. Em tempo recorde êle conseguiu referir-se a todo mundo. Ficamos sabendo que o sr. Murilo Moreira fará uma página sôbre arquitetura; o sr. Paulo Mendes Campos, diversos planos; o sr. Waldemar Schiller, turfe; o sr. Guima, diversos «aconteceu» e o sr. Sérgio Pôrto fará um desfile mensal. Sacha comeu três pratos de feijoada e tocou canções de todo mundo.

● **O sr. Harry Stone é êste homem de imaginação que conseguiu reunir, numa mesma noite elegante, gente que entende de cinema, gente que gosta de cinema e gente de sociedade. Quase que três vêzes por mês, na Embaixada dos Estados Unidos da América do Norte, tem lugar a apresentação de um bom filme produzido pelas grandes companhias cinematográficas americanas, seja da Universal, Metro, Warner ou Columbia. Muita gente que é regularmente convidada e comparece à sala de projeção gentilmente cedida pelo embaixador norte-americano sente, mas não sabe, que a função do representante da «The Motion Picture Association of America» é fazer propaganda da cinematografia da terra de Tio Sam, na América do Sul. E êste «public relations» já andou neste mister pela Índia, Turquia, Chile e outras paragens, tendo nascido no «mid west» americano, numa cidadezinha de 150 000 habitantes.**

**É preciso acrescentar que o simpático embaixador de Hollywood não faz — como pensam alguns — propaganda dêste ou daquele filme, desta ou daquela companhia, mas — repito — de tôda indústria cinematográfica norte-americana. Louro, simpático, falando bem português (1 ano e 5 meses de Brasil), pretende fazer em nosso país o escritório central de sua propaganda na América do Sul. Gosta daqui e pretende demorar-se ainda muitos anos.**



**Faz uma propaganda de arte, bom gôsto e indústria.**



# ONZE DIAS QUE

MAIOR E MAIS EMPOLGANTE QUE O CAMPEONATO DO MUNDO, O PRÉLIO ELEITORAL OFERECEU DIAS DE ANGÚSTIAS, PROPORCIONOU EMOÇÕES VIOLENTAS, DECEPÇÕES, SURPRÊSAS E VITÓRIAS IMPREVISTAS — MAS TUDO ACABOU NA SANTA PAZ DO SENHOR (PARA OS VENCEDORES, NATURALMENTE). ★ E O CARIOCA INCUMBIU-SE DAS «BOLAS» QUE NÃO ROLARAM NO GRAMADO, MAS CIRCULARAM PELA CIDADE INTEIRA...

Reportagem e fotos de SÉRGIO SILVEIRA



A urna vai ser aberta e ninguém pode saber o resultado geral depois de apuradas as cédulas.



Desde 2ª feira 4, a 4ª, 12 de outubro, a cena

rep

# ...UE BALARAM O MARACANÃ



ena

reproduziu-se mecânica e monótona, do meio-dia à madrugada seguinte: 50 urnas foram apuradas em cada junta. Nada aconteceu de anormal!

# ELEIÇÕES



Hora de comer, comer... A merenda é, porém, distribuída apenas para os companheiros do partido. E as jovens, simpáticas, iam alimentando os que trabalhavam em prol do candidato...



Hora de namorar, namorar... Mas a polícia foi prevenida e inesperadamente, uma noite, deu uma batido no setor de Imprensa, «recolhendo doze casais que não queriam nada com a apuração.

AOS últimos minutos do dia 3 de outubro, já o Maracanã recebia as pinceladas de um monumental quadro político. O mesmo estádio que tantas vêzes vibrou nas tardes engalanadas do futebol, ou sob a luminosidade de seus refletores, nos jogos noturnos, era agora diferente. Por seus enormes portões entrava e saía gente apressada, descarregando as urnas que traziam em seu interior os destinos parlamentares de uma nação. O Gigante Mudo, alheio ao borborinho que dominara a cidade nas derradeiras horas da eleição, recebia com soberana indiferença tudo aquilo.

As apurações foram iniciadas ao meio-dia de segunda-feira. Muita balbúrdia, muito alarido, muito corre-corre nas galerias, ao fundo das cadeiras cativas e na parte inferior das arquibancadas. Eram essas as zonas em que se localizavam as juntas apuradoras. O gramado no entanto, estava vazio, as arquibancadas sem ninguém, os vestiários fechados.

— Que prélio seria aquêle? Não havia bola, nem juiz de calças curtas, não existia sequer um apito estridente para dar início à partida! — pensava o «colosso», habituado a essas particularidades esportivas.

Tudo o confundia. Erguido para servir de local aos mais ardentes encontros esportivos, não podia compreender que eleição seja também disputa, e disputa duríssima, onde a técnica usada é a da propaganda, onde a classe de jôgo é a vida do candidato, onde o juiz não usa calças curtas, mas também anula tentos, e onde a meta é ser eleito.

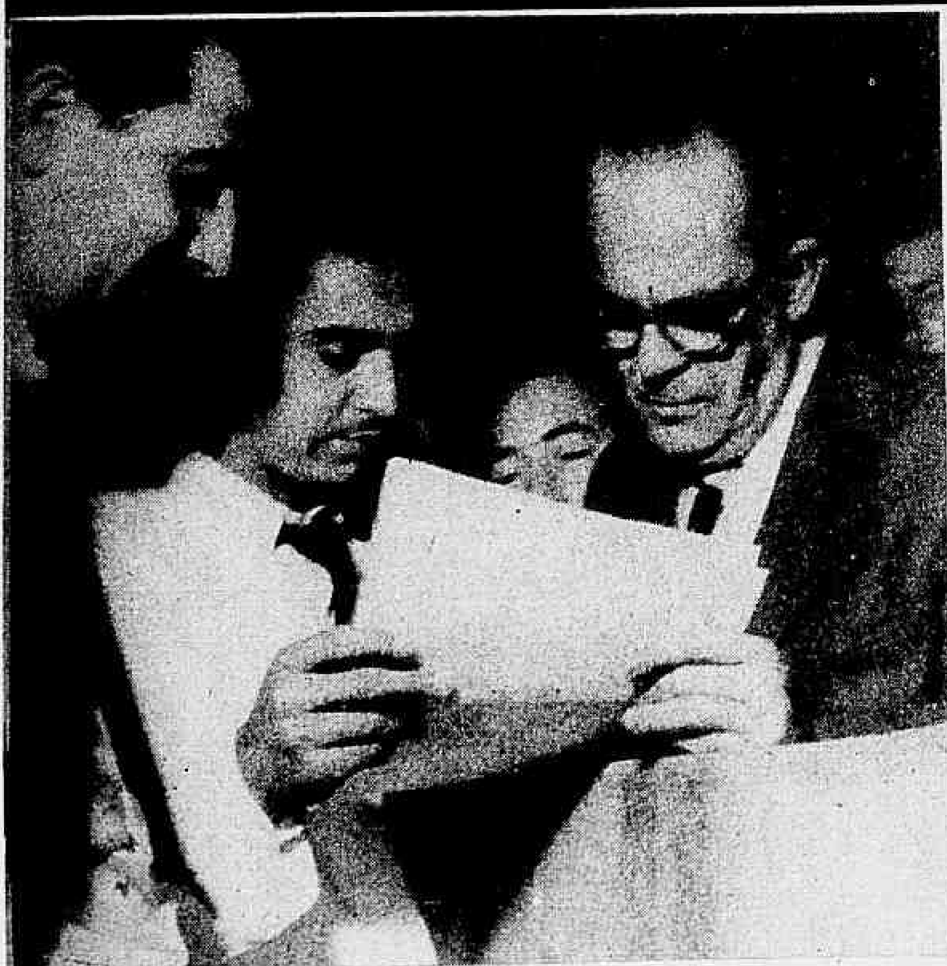
**● Durante os dez dias culminantes da apuração eleitoral no Estádio do Maracanã, a reportagem da REVISTA DA SEMANA ali permaneceu, em expectativa, para fixar os grandes acontecimentos que se esperavam. Êles, à maneira da famosa batalha, não se verificaram; em compensação, muitos flagrantes pitorescos e curiosos foram recolhidos nessa cobertura permanente, que agora se reproduzem em nossas páginas.**

Bolas, encontravam-se aos montes, a cada passo, em cada junta apuradora. Não fabricadas de couro e câmara de ar, é verdade, mas pelo nervosismo dos candidatos ou pelo espírito malicioso do carioca, que, mesmo para os assuntos de maior importância, sempre dá um **jeitinho de fazer a sua blague.** . . . . . . . . .

— O voto é a arma do cidadão! — foi berrado milhares de vêzes pelos autofalantes barulhentos que enchiam a cidade, apontando êsse ou aquêle indivíduo, como o ideal para representante do povo.

E não foi em vão que tanto apregoaram o «slogan». Armas são classificadas, entretanto, de duas formas: defensivas e ofensivas. A ofensiva foi também usada pelo carioca, saturado de tanto ouvir falar que «fulano faz» e depois não faz, que «sicrano realizará» e sicrano, eleito, esquece fàcilmente o prometido. Os votos pitorescos, impugnados, iam aparecendo.

## Houve de tudo nas eleições: os que ganharam uma cadeira na Câmara e os



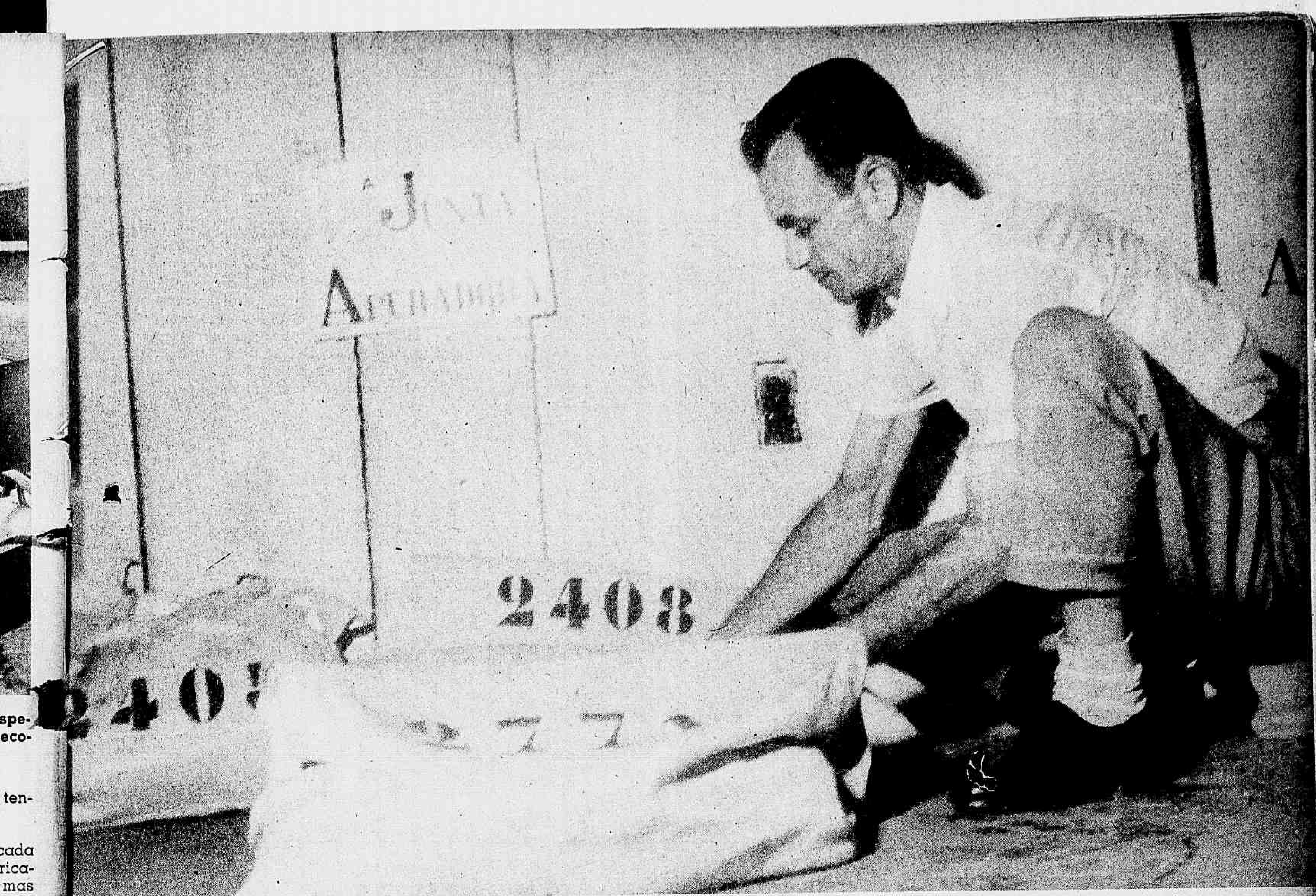
Mesmo levando vantagem, o general Caiado de Castro procurava saber o andamento da apuração, acompanhando a marcha dos votos.



Alcides Miguel de Oliveira (do Sindicato dos Gráficos), já vencedor, lava as mãos dizendo: — «Quero entrar na Câmara de mãos limpas!»



Lutero Vargas recebe informações sôbre a contagem dos votos em outra junta, com a sua proverbial indiferença, e fala muito pouco.




Certo indivíduo depositou no envelope um retrato de Elvira Pagã, com êstes dizeres: — «Voto na Elvirinha porque sei em quem estou votando. Talvez não tenha grandes qualidades para ser vereadora, mas que é uma candidata **boa**, ninguém pode negar».

Uma cédula de Carlos Lacerda mostrava a marca dos lábios de uma fã ardorosa, em baton.

Outro admirador do jornalista, pensando que desta forma receberia em sua própria casa os agradecimentos a que fazia jus, introduziu no envelope, junto às cédulas, o seu enderêço e o número do telefone.

Muitos candidatos apareceram votados, sem terem seus nomes registrados: Marta Rocha, S. Cosme e S. Damião, o Padroeiro S. Sebastião, Emilinha Borba, e outros.

**Na 52ª Junta (13ª Zona), o juiz Valdir de Abreu protelou a abertura das urnas 2.405, 2.406, 2.407, 2.408 e 2.771, contendo cédulas de Curupaiti e de outros lugares em que votaram os lázaros. Foram requisitadas máscaras e luvas que não chegaram a ser usadas. Os resultados foram favoráveis a Caiado de Castro para senador, Carlos Lacerda para deputado, Raul Brunini para vereador e outros candidatos da Aliança Popular.**

A bola mais interessante foi essa; também estava escrito numa cédula: — «Votar em vocês? Eu, hein? Pensa que sou bôba de colocar azeitona em empada dos outros...»

Esta aconteceu no domingo seguinte ao das eleições: Os mesários e o chefe de uma determinada junta, cansados de tantos sanduíches e de beber guaraná durante a semana, resolveram afogar o apetite daquele dia, saboreando uma suculenta feijoada que chegou ao Maracanã por volta das 12 horas. Foram paralisados os trabalhos naquele setor, onde, é preciso salientar, se iniciara o serviço duas horas antes do estabelecido pelo Tribunal Eleitoral, para aquêle fim. Os grandes caldeirões vieram num caminhão. Nem a «abrideira» faltou. Os felizardos despertaram ciúmes nas redondezas...

Uma fiscal da U.D.N., Maria da Glória Moss, achou o Maracanã tão igual ao dos dias de futebol que, desentendendo-se com o juiz da 54ª junta, não teve dúvidas em gritar:

— Juiz ladrão!

Mas o juiz, mais «peitudo» que o Mário Viana, deu-lhe ordem de prisão. D. Maria da Glória, não encontrando alambrado para resguardar-se da ação policial, fugiu antes da chegada dos milicianos...

## ...e os que ganharam dívidas, aborrecimentos, inimizades e experiência...



Enquanto Badu, que parece estar contando uma de suas divertidas anedotas, pede um esclarecimento: Um voto, às vêzes vale tudo!



Quando Barcelos recebeu êsse cumprimento, ainda se tinha como certa a sua vitória. Sua derrota foi lamentada. Êle é dos que trabalham.



Nessa altura, Carlito Rocha, de olhar triste, já tomou conhecimento do destino que o espera. O garôto, êsse, prefere dar um viva ao Botafogo.




Para vencer as distâncias dentro do estádio, o repórter Mário Garófalo pedalava a sua bicleta, irradiava, fotografava e filmava, tudo ao mesmo tempo. Foi o «clou» do espetáculo.



E onde havia pequena bonita, juntava rapaz para acompanhar a apuração dos votos, embora nada tendo a ver com o resultado. O alvo visado eram os bonitos olhos ou um sorriso agradável...

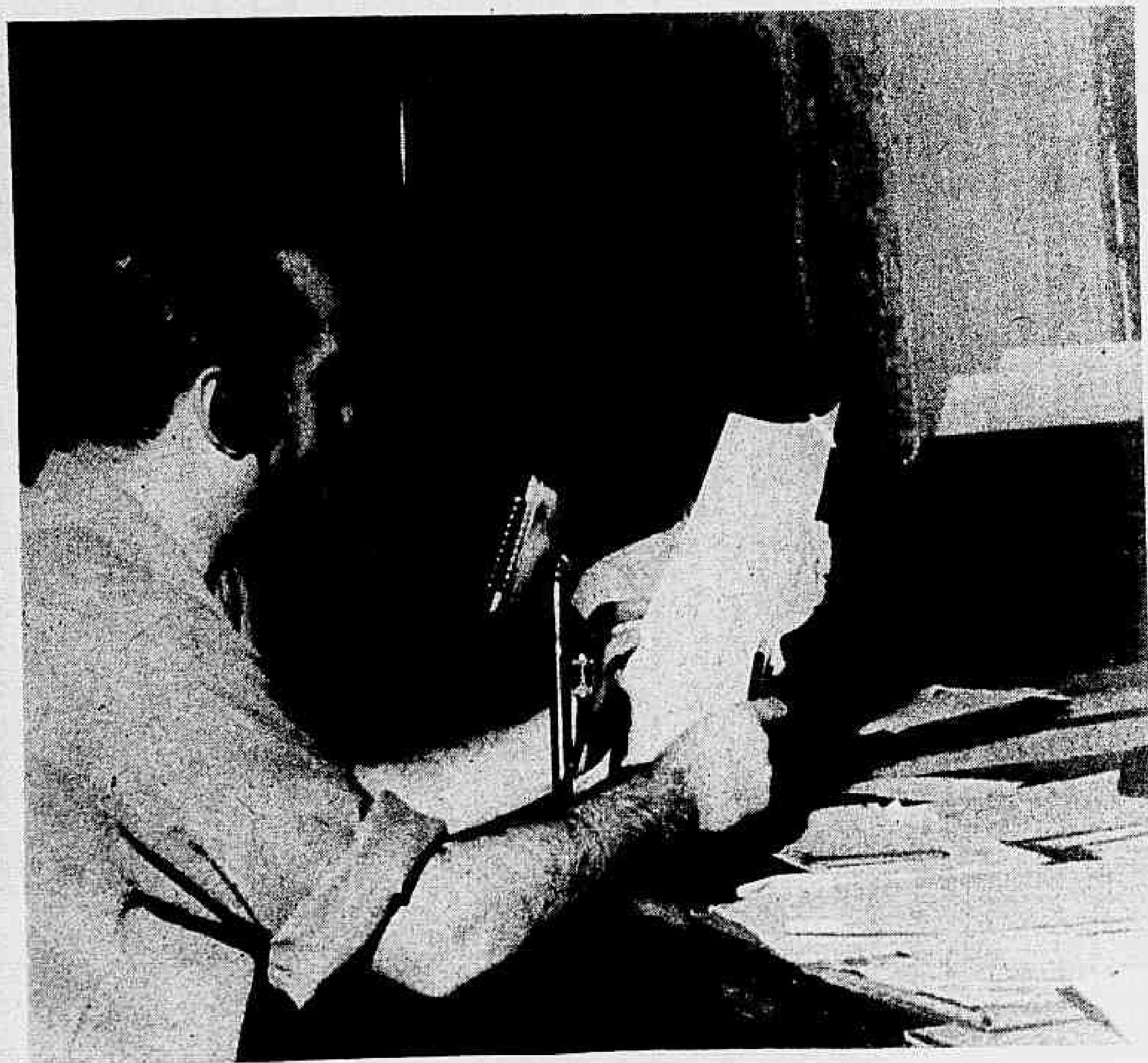
---

Os pobres candidatos... Como sofreram! Em nenhum jôgo do Maracanã padeceram tanto como naquele. Fumavam cigarros, charutos, cachimbadas seguidas. E comiam as unhas, mordiam a pele dos dedos. Não fôssem senhores de linha e projeção na sociedade, andariam aos saltos, aos berros, às lágrimas. Posudos, em sua maioria, no princípio, eram entrementes agradáveis, abraçavam a todos, cumprimentavam a quem nunca tinham visto. Os dias sucederam-se e já no fim da semana eram poucos os que mostravam bom humor. Desiludidos com os resultados, limitavam-se a visitar junta por junta, das sessenta que circundavam o estádio, em busca de um votinho a mais, um só que lhes desse maior alegria, um simples voto que não fôsse o seu próprio ou o de um parente. Os olhos saltavam das órbitas quando o mesário cantava o seu nome entre os votados da junta, e um desvanecer fisionômico dava mostras do seu contentamento. Não haviam sido desperdiçados os vinte ou trinta mil cruzeiros gastos em propaganda, se um amigo, um só que fôsse, nêles depositara confiança...

---

Outro aspecto interessante apresentado pelo Maracanã nos dias de apuração foi o da freqüência de curiosos, principalmente do sexo feminino. Por volta das cinco da tarde, o estádio ficava superlotado de quem não tinha nada com aquilo. Simples bisbilhoteiros, ou melhor, espectadores da contenda política que ali se travava. As garôtas, principalmente, viram no Maracanã um ponto obrigatório para o «footing» antes do jantar, e desfilando, vaporosas, indiferentes aos números e ao nervosismo reinante, mostravam aos presentes, o talhe da última moda, sorrisos brejeiros ou a mais moderna forma de cativar um namorado.

E o Maracanã via tudo aquilo sem compreender...



As emissoras transmitiam diretamente do estádio, a marcha dos números, de minuto em minuto, mas nem sempre êles coincidiam, de estação para estação. E os candidatos sofriam...



Êsse foi o único «sururu» que o fotógrafo conseguiu bater nos dez dias de apurações. O secretário achou fraco e o repórter desculpou-se dizendo: — «Foi o que se pôde arranjar, chefe!»

# A Terra tremeu na Argélia, a chuva alagou Chicago, paz no Jockey Club, em Caxias se faz 100 anos, o cinema vai a Café Filho, um novo crime passional no Rio e a voz cruel da estatística da morte: cada 24 segundos morre uma criança.


LACERDA
A vitória em repouso.


CAFÉ
Viu cinema.

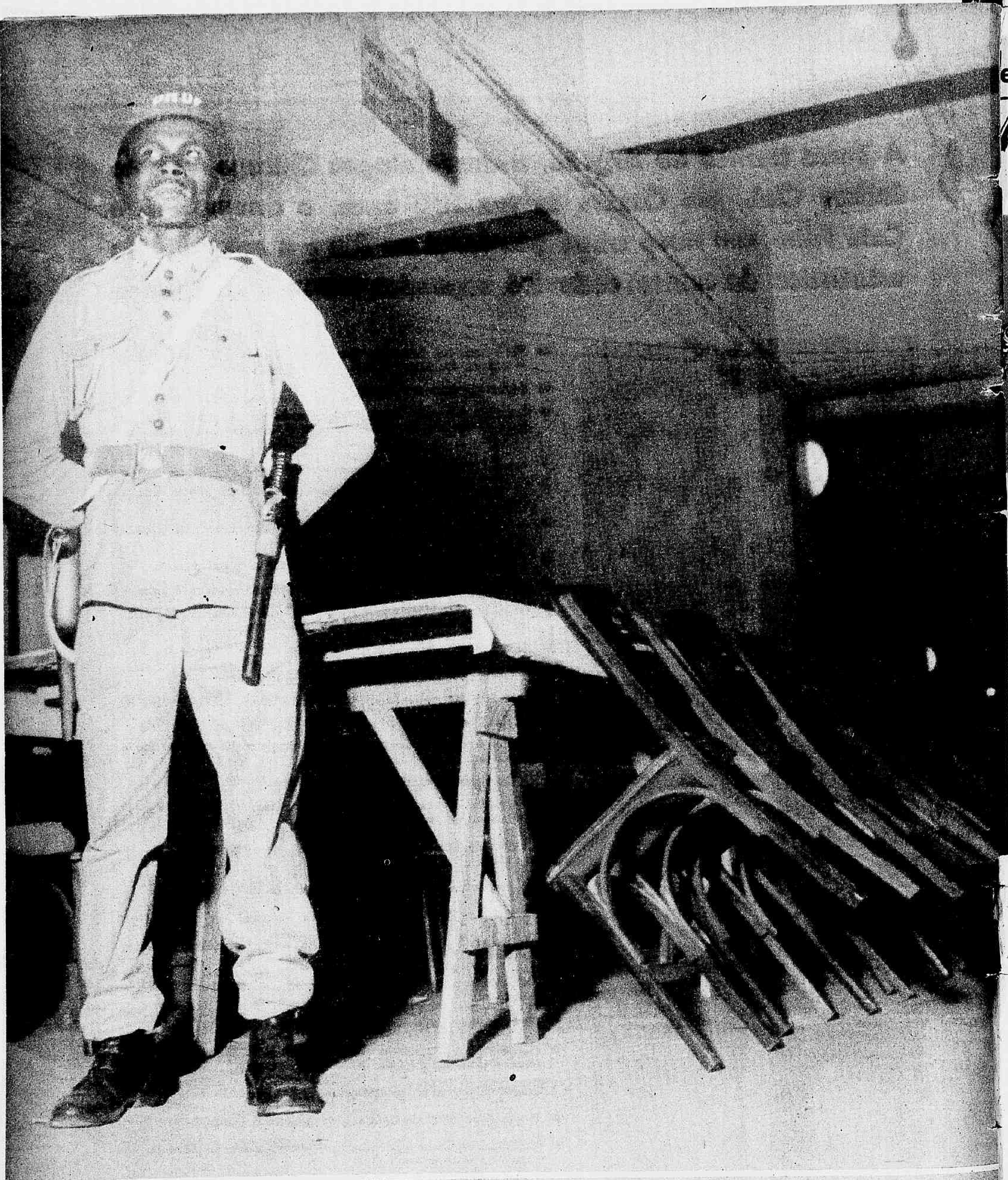

GINGER
Vem ao Rio.


INGRID
Também.


ADEMAR
Há um Jânio em minha vida.


ARANHA
Os planos fizeram «forfait».

- Novo crime nas manchetes dos jornais — o crime da rua Guaicurus — com um belíssimo «pivot» de 19 anos: Dinorá.
- Tremor de terra na Argélia.
- Assinada a paz no Jóquei Clube, depois de fracassados dois planos de Osvaldo Aranha para debelar a greve dos proprietários de cavalos.
- A estatística da morte: cada 24 segundos uma criança morre.
- Jorge Guinle, chegando de Hollywood: «Ginger Rogers vem ao Brasil».
- Vanja Orico noticia da Bavária: Ingrid Bergman vai passar as férias no Brasil.
- O deputado Lino de Matos pede anulação do pleito paulista.
- Ademar derrotado em São Paulo e o PSP em todos os Estados.
- De La Rochelle, Paris, os telégrafos afirmam que um professor francês avistou duas marcianas. E recebeu autógrafos.
- Será liberado o carro de Marta Rocha.
- Mendes de Morais será julgado pela Justiça Militar.
- Parte para a Europa, definitivamente, o cineasta Alberto Cavalcânti.
- De um anúncio: Há 60.000 costureiros na França.
- Manoel Apolinário Gomes consegue completar 100 anos de idade, em Caxias.
- Carlos Lacerda foi descansar em Portugal.
- Encerrados os trabalhos da Assembléia Geral da Sociedade Interamericana de Imprensa.
- Inaugurado na Quinta o primeiro monumento à liberdade de expressão.
- Em Recife, uma senhora teve seis crianças de uma vez.
- Quatro dias consecutivos transformam Chicago num grande lago.
- Exibido para o Presidente Café Filho o filme brasileiro «Floradas na Serra».
- Desalojados novos prédios (Sta. Teresa e Copacabana) ameaçados de ruir.
- Outro lotação perdeu a direção: 10 feridos.
- Instalou-se no «Bureau» da CBB a Comissão de Imprensa e Transmissões do II Campeonato Mundial de Basquete.
- Salário mínimo para os servidores da Central.
- Paralisado o pôrto de Londres pela greve dos operários.
- Exposição de César Domela, artista revolucionário da Holanda, no Museu de Arte Moderna no Rio.
- Trinta milhões de dólares para a construção de aviões a propulsão nuclear nos Estados Unidos.
- Carlito desmente seu divórcio, seu filho Sidney anuncia seu casamento.
- Paralisado por algumas horas o Hospital dos Servidores do Estado por falta de energia.
- Pascoal Segreto, derrotado nas eleições: «Ninguém brinca mais Carnaval à minha custa».



ÚLTIMO FLASH

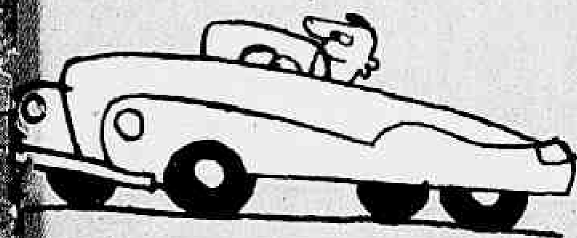
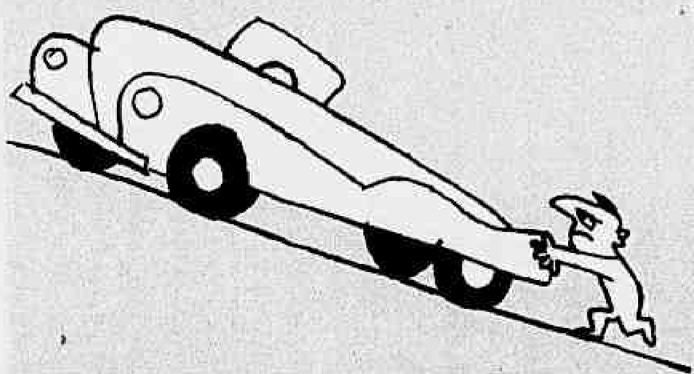
# MISSÃO CUMPRIDA

● Submetidas à intervenção cirúrgica praticada pelos apuradores das juntas, as urnas emagreceram outra vez e foram guardadas para novo período de concepção eleitoral. Os papèisinhos brancos, com a preferência impressa do cidadão brasileiro, uma vez contados, seguiram o triste destino das coisas inúteis. E o sinal de missão cumprida é êsse que o último «flash» oferece ao leitor: mesa limpa, cadeiras a ela encostadas e o vigilante, de mãos cruzadas nas costas e olhar arguto, a aguardar novas ordens de seus superiores. Foi dado o ponto final na tarefa, quem ganhou ganhou, vai ter imunidades, receber subsídio e, quem sabe, trabalhar, que é bom, para corresponder à confiança do povo. Quem perdeu — sai para outra, que essa não tem mais futuro. E assim, «la comedia é finita»...

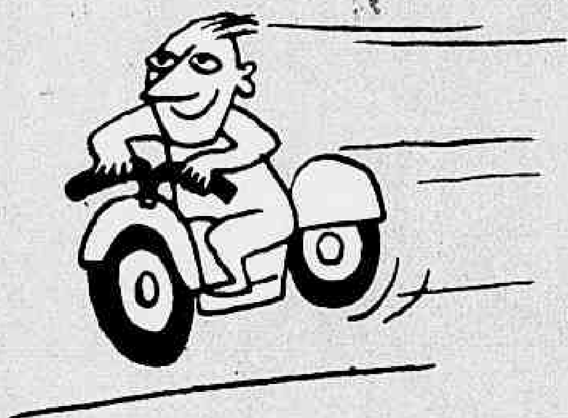
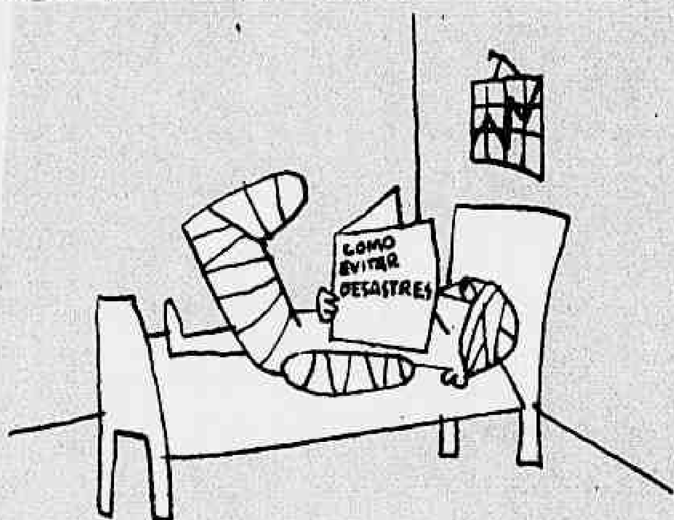
evantava 520 quilos por dia com um dedo. Era ascensorista.

# ANTES E DEPOIS

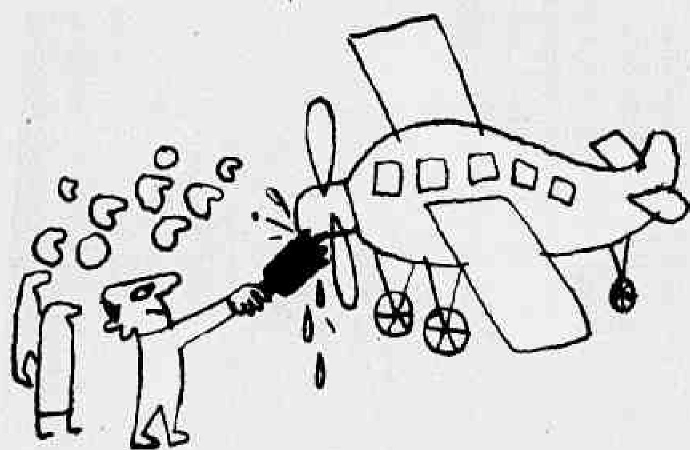
## AUTOMÓVEL

## MOTOCICLETA

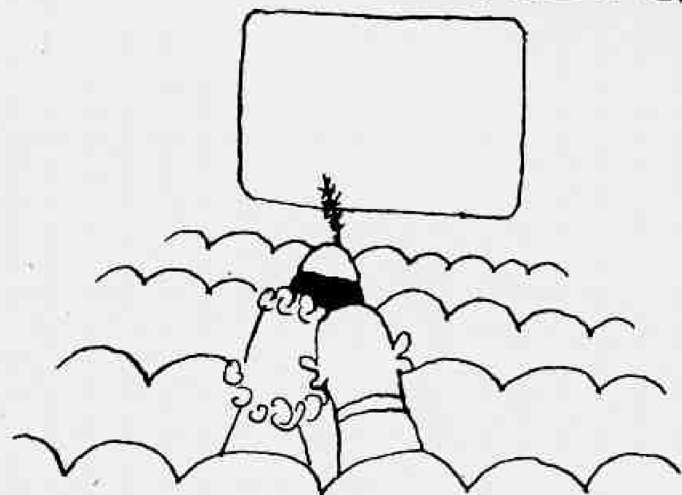
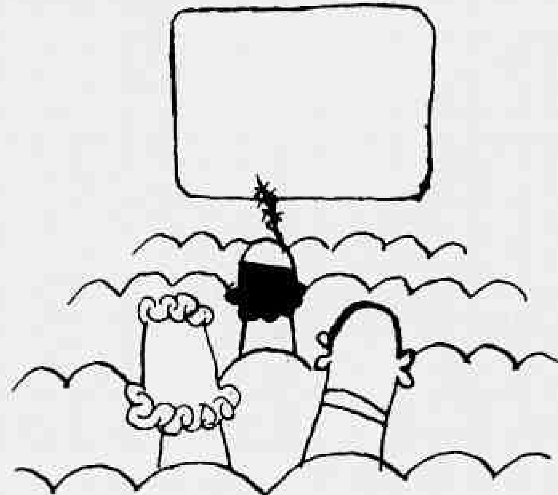




## AVIÃO





## CASAMENTO

UM — Estou prosperando de tal maneira que agora contratei um garôto só para cobrar os meus devedores.

OUTRO — Eu prosperei muito mais. Contratei um garôto só para dizer que não estou.

**NÃO COMPREENDO...**

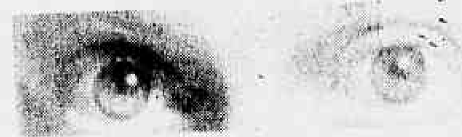
**... porque o condutor do bonde é o único profissional que para trabalhar tem de nos pedir por favor.**




Ilustrado por PIQUI

**Quando um homem manda uma orquídea a uma senhora é porque quer ser delicado;**
**quando manda outra é porque quer ser notado;**
**quando manda mais outra é porque quer conquistá-la,**
**e quando manda mais de três**
**é porque tem uma casa de flôres.**

## PONTOS DE VISTA



*ANESTESIA é isso que faz com que a extração de um dente pareça a extração do queixo.*

•

*CURVA é uma linha reta tentando cortar caminho.*

•

*CHAPÉU é isso que sai do bôlso do marido para entrar na cabeça da mulher.*

## FRASES PARA LITERATOS

Entrou no cemitério e teve a impressão de que era seguido pelo silêncio.

Quando se virou, de súbito, lhe pareceu ter esmagado o silêncio com os pés.

Era um sujeito tão metódico quanto um conta gôtas.

Andava aos pulinhos como se fôra um ponteiro de segundos.

Ouviu a novela durante 3 gritos, duas mortes, quatro suspiros e um apito de trem.

# O PREPARADO QUE DÁ "It"

Êsse não-sei-quê maravilhoso e fascinante, segrêdo do sucesso feminino, entre nós celebrizou-se através do Leite de Rosas, o preparado que servindo à mulher em todos os seus cuidados de beleza, proporciona-lhe ainda aquêle misto indefinível de graça e sedução.

Envolva-se no «it» de uma pele perfumada e macia e seja também um tipo Leite de Rosas.




LABORATORIOS LEITE DE ROSAS LTDA.

RUA ANA NERI, 321

TELEFONE: 48-7660 — RIO DE JANEIRO